

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

**Afetos, território e insurgência em uma cidade planejada:
Uma cartografia sentimental da avenida W3 Sul**

Bruna Caroline Dos Santos Bezerra

Orientadora: Prof^ª Dra. Gabriela Pereira De Freitas

Brasília, Julho de 2023

AGRADECIMENTOS

Não sei dizer quanto sou grata a Mainha, que me apoiou e apoia, por muitas vezes quando nem eu acredito. Que transmitiu o gosto pelo conhecimento, a vontade de justiça e independência e a perspectiva crítica do mundo, me ensinou a ser forte e lutar pelos meus sonhos. Agradeço a generosidade e o amor mais bonito. Sou sua maior fã – a senhora está em tudo que eu sou e faço.

Agradeço a Raíssa, minha irmã de sangue e de escolha, o amor maior do mundo desde que chegou da maternidade (não dê ouvido às controvérsias!). Também ao maior presente que ela poderia ter me dado: meu sobrinho João, a criança mais doce e inteligente do universo, que me ensina muitíssimo.

Agradeço a meu pai, e também a Sandra e Renato, pelo amor, carinho e cuidado de sempre. Vocês são parte essencial e inseparável dessa jornada.

Agradeço a Vovó Das Virgens pelo amor, risadas e por ser a neta preferida; a Vovô Joaquim pelas histórias da época que o mundo era mais encantado – e aos dois pelas férias encantadas da minha infância. Agradeço a tia Cristina por ser minha segunda mãe e pelos mundos que conheci graças aos livros que ela deu ou leu para mim. Agradeço a minha família, especialmente às mulheres dela, pelas raízes e pelo sertão que carrego comigo: sou nordestina, sertaneja/recifense e orgulhosa da nossa história e dos nossos ancestrais.

Agradeço a meus amigos. Vocês são impregnados e eternos em mim.

Agradeço a minha orientadora Gabriela Freitas, à Universidade de Brasília e à Faculdade de Comunicação. Além da imensa competência acadêmica, nunca encontrei tamanha gentileza.

Agradeço ao meu tio Gleidson, que me acolheu e abrigou sempre que precisei. Que me ensina a ser melhor, mesmo sem intenção, apenas sendo. Aprendi muito do que é família contigo, tio.

Agradeço a Carolina, Diana, Gabriel, Pontual, Magda, Marcos, Miguel e Paula, entrevistados para esse trabalho, por toparem fazer parte e por me cederem parte das suas lembranças, sentimentos e afetos. É tudo muito precioso.

E, mesmo não sendo exatamente comum, agradeço a Aretha, minha companheira de quatro patas. E a mim mesma, por não ter desistido.

“alguma coisa acontece
no meu coração
que só quando cruzo
a W3 L2 sul
ou eixão”

Nicolas Behr

RESUMO

Brasília foi construída sob os marcos do urbanismo modernista para ser a nova capital do Brasil. Durante a construção da cidade, a função de uma de suas vias, a W3 Sul, foi modificada para atender às necessidades de moradia, concentrando comércio e serviços na área da avenida, que se tornou uma espécie de centro histórico e decaiu em importância a partir de meados dos anos 70. Este trabalho investiga, sob os pontos de vista macro e micropolíticos, como a subjetividade do morador de Brasília se relaciona com o passado e presente da W3 Sul, além de identificar suas perspectivas de futuro para ela. Com esta finalidade, foi produzido um mapa cronológico da construção das paisagens da avenida a partir de revisão bibliográfica e foi elaborada uma cartografia cronológico-sentimental da via, fundamentada na realização de pesquisa de campo, consulta ao acervo fotográfico do Arquivo Público do Distrito Federal, ao acervo fotográfico dos fotógrafos Peter Scheier e Marcel Gautherot do Instituto Moreira Salles e realização de entrevistas semiestruturadas com oito moradores de Brasília. A análise do material apontou que as configurações constituídas no espaço e no tempo na esfera da W3 Sul apresentam um caráter insurgente que se intersecciona com aspectos da utopia de cidade que impeliu os primeiros moradores da capital. Sinalizou também divergência de percepção entre entrevistados mais velhos, que parecem enxergar a decadência da W3 como irreversível, e os mais jovens, que apresentam forte preocupação com o futuro da avenida. Também assinalou que as tentativas de revitalizar o sucesso prévio da W3 Sul não têm alcançado sucesso devido às transformações urbanísticas, econômicas, tecnológicas das últimas décadas, mas também aponta que o passado pode inspirar um futuro possível no que se refere à aptidão para atender às necessidades da vida e das pessoas, para a ocupação do espaço público e garantia do direito à cidade.

Palavras-chave: W3 Sul, Brasília, modernismo, insurgência, direito à cidade, cartografia sentimental

ABSTRACT

Brasilia was built under the principles of modernist urbanism to be the new capital of Brazil in 1960. During the construction of the city, the function of one of its roads, the South W3, was modified to meet the housing needs, concentrating commerce and services in the avenue area, which became kind of a historical centre and declined in importance from the mid-70s. This work investigates, from macro and micro-political points of view, how the subjectivity of the residents of Brasília relates to the past and present of South W3, in addition to identifying their future perspectives on it. To this end, a chronological map of the building of the avenue's landscapes was produced from a bibliographic review, as well as a chronological-sentimental cartography based on field research, consultation of the photographic collection of the Public Archive of the Federal District, the photographic collection of photographers Peter Scheier and Marcel Gautherot of the Moreira Salles Institute and semi-structured interviews with eight residents of Brasília. The analysis of the material pointed out that the configurations constituted in space and time in the social field of South W3 present an insurgent character that intersects with aspects of the utopia of the city that drove the first residents of the capital. It also signalled a divergence of perception between older interviewees, who seem to perceive the decay of W3 as irreversible, and younger ones, who show intense concern for the future of the avenue. It also pointed out that attempts to restore the previous success of South Avenue W3 have not been successful due to urban, economic, and technological transformations of the last decades, but the past can inspire a possible future in terms of its suitability to meet the needs of life and people, to occupy public space and guarantee the right to the city.

Keywords: W3 South Avenue, Brasília, modernism, insurgency, right to the city, sentimental cartography

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Quadro 1 — Dados cronológicos dos/as entrevistados/as..... | 15 |
| Fotografia 1 — Trabalhadores..... | 23 |
| Fotografia 2 — Arredores de Brasília..... | 24 |
| Esquema 1 — Mapa simplificado do Plano Piloto..... | 26 |
| Fotografia 3 — Vistas aéreas de Brasília..... | 27 |
| Fotografia 4 — Comércio informal na W3 Sul..... | 29 |
| Fotografia 5 — Crianças nos arredores de escola..... | 43 |
| Fotografia 6 — Moradia na Sacolândia, arredores de Brasília..... | 44 |
| Fotografia 7 — Vista aérea da W3 Sul..... | 47 |
| Fotografia 8 — Casas das quadras 700..... | 48 |
| Fotografia 9 — Área comercial da avenida W3..... | 49 |
| Fotografia 10 — Área comercial da avenida W3..... | 51 |
| Fotografia 11 — Fachada do Cine Cultura à noite..... | 53 |
| Fotografia 12 — Desfile de bloco de carnaval de Brasília na W3..... | 55 |
| Fotografia 13 — Beco da 503 Sul..... | 57 |
| Fotografia 14 — Antiga agência do INSS quadra 502..... | 58 |
| Fotografia 15 - Casa abandonada na 703..... | 60 |
| Fotografia 16 — Loja de revelação de fotografias na quadra 504..... | 61 |
| Imagem 17 — Matéria “W/3: proposta de reformulação”..... | 68 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 1.1 Referencial teórico-metodológico: sobre a cartografia sentimental e o papel da cartógrafa..... | 10 |
| 2 MODERNISMO, NACIONAL-DESENVOLVIMENTISMO E POLÍTICAS REATIVAS DO DESEJO: W3 SUL E A EXCEÇÃO INSURGENTE | 17 |
| 2.1 Modernismo à brasileira..... | 17 |
| 2.2 A nova capital..... | 22 |
| 2.3 A porção sul da Avenida W3..... | 25 |
| 2.3.1 Antes da inauguração..... | 28 |
| 2.3.2 Depois da inauguração: anos 60 e ditadura..... | 30 |
| 2.3.3 Anos 70, comércio, lazer, trabalho..... | 32 |
| 2.3.4 A decadência: anos 80 e 90, comércios locais e <i>shopping centers</i> | 34 |
| 2.3.5 Anos 2000/2010: idas e vindas nas tentativas de revitalização..... | 36 |
| 2.3.6 Os anos 2020 e como será o futuro da “cidade do futuro”..... | 37 |
| 3 O CORAÇÃO DA CIDADE: UMA CARTOGRAFIA SENTIMENTAL | 39 |
| 3.1 “Uma aventura fantástica”..... | 39 |
| 3.2 “Uma aventura fantástica”..... | 41 |
| 3.3 “Tudo se passava na W3”..... | 45 |
| 3.4 Decadência e nostalgia..... | 56 |
| 4 UM NOVO MOMENTO | 61 |
| 4.1 Revitalizar para quê?..... | 66 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 71 |
| REFERÊNCIAS | 73 |
| APÊNDICE A - Questionário da pesquisa | 82 |
| APÊNDICE B - Transcrição da entrevista com Carolina Silveira | 84 |
| APÊNDICE C - Transcrição da entrevista com Diana Gomes | 88 |
| APÊNDICE D - Transcrição da entrevista de Gabriel Coaracy | 91 |

| | |
|--|------------|
| APÊNDICE E - Transcrição da entrevista de Luiz Carlos Pontual de Lemos..... | 96 |
| APÊNDICE F - Transcrição da entrevista de Magda Lemos..... | 100 |
| APÊNDICE G - Transcrição da entrevista de Marcos Castello Branco..... | 104 |
| APÊNDICE H - Transcrição da entrevista de Miguel Galvão..... | 109 |
| APÊNDICE I - Transcrição da entrevista com Paula Lemos..... | 122 |

1 INTRODUÇÃO

Seis décadas após sua construção, Brasília já conta, para além de candangos, pioneiros e outros brasilienses por adoção, com gerações nascidas e criadas na cidade. A chamada Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal (DF) e Entorno (RIDE), espécie de região metropolitana da capital, compreende o DF e mais 33 cidades de Goiás e Minas Gerais, uma mancha urbana que hoje abriga a terceira maior população do país (GERMANO, 2023), totalizando cerca de 4,8 milhões de habitantes, segundo o Censo 2022 (MORELLI, 2022).

A transferência da capital para o interior do país e a consequente construção de Brasília estavam incrustadas em uma configuração política, social e histórica muito específica, que gerou uma cidade e um corpo social com características singulares – e, ao mesmo tempo, tão reconhecíveis no contexto brasileiro (OLIVEIRA, 2008).

No Brasil, o nacional desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek, presidente entre 1956 a 1960 e principal impulsionador da construção nova capital, sofre influências do pensamento modernista, o que se reflete na arquitetura de Brasília, na lógica predominante no seu urbanismo e na organização do espaço e das formas como a sociedade brasiliense se configura. O país, entretanto, está na periferia do sistema colonial-capitalista, o que limita as possibilidades de transformação social do modernismo “à brasileira” (OLIVEIRA, 2008).

Já durante a construção de Brasília é preciso desviar parte do planejamento urbanístico devido à necessidade de moradia devido à transferência de técnicos, parte do funcionalismo público e de alguns empregados da iniciativa privada, com suas famílias. Surge, então, a configuração singular da avenida W3 Sul, uma exceção à organização geral do Plano Piloto: são construídas residências de um lado da via e do outro surge um comércio para abastecer as necessidades cotidianas desses moradores – os locais de interesse (comércio, escola, igreja, atendimento em saúde, bancos etc) precisavam estar próximos pela necessidade de locomoção a pé (BRANDÃO, 2009).

Mesmo após a inauguração de Brasília, a ocupação da capital se concentra na Asa Sul, nas quadras próximas à avenida W3, que, acaba concentrando as necessidades daquela pequena população. Floresce, então, uma intensa vida de

rua, num espaço que unia as principais lojas do comércio, sedes de entidades governamentais, cinema, teatro, restaurantes frequentados por “figurões” da política e famosos, pessoas perambulando, sucursais de jornais, escritórios e agências bancárias, postos de saúde, hospital, escolas, cartório etc – um centro histórico da cidade (SOUSA, 2023).

No entanto, à medida que Brasília cresce e vai assumindo os contornos planejados – a Asa Norte também se desenvolve, as áreas comerciais das quadras são ocupadas, os zoneamentos específicos começam a funcionar (Setor Comercial, Bancário, de autarquias, de Rádio e TV, de Indústria e Abastecimento...); conforme a população cresce, o uso do transporte individual se consolida e a violência urbana aumenta; à proporção que surgem alternativas para o consumo que parecem se adequar melhor ao novo momento, pela praticidade ou pela segurança, como os *shopping centers*, a avenida W3 Sul é despida da sua antiga centralidade, mergulhando em um processo profundo de esvaziamento de suas funções e de suas pessoas: comerciantes, moradores, motoristas e transeuntes (CAMARGO, 2019).

Atualmente, décadas após o auge da W3 Sul, algumas iniciativas pontuais tentam retomar a ocupação da avenida – mas, modo geral, ela vive um tendência de aprofundamento de sua decadência, tornando-se alvo de preocupação dos brasilienses. Diversas políticas públicas de revitalização vêm sendo conduzidas, mas não conseguem atingir seus objetivos (SOUSA, 2023).

Nesse trabalho buscou-se compreender, de pontos de vista macro e micropolíticos, de que forma a subjetividade do brasiliense se relaciona com a avenida W3 Sul, escolhida por seu caráter singular na história da cidade e de seus habitantes (CAMARGO, 2019). O intuito da pesquisa é observar, através do tempo, em quais direções e quais foram as estratégias utilizadas por tais subjetividades, e pelo seu desejo enquanto construtor de mundos, na configuração social de Brasília e, principalmente, na esfera do corpo social em torno da avenida – tanto no plano visível da construção desse desejo (na lógica macropolítica de compreensão de suas dinâmicas) quanto no âmbito micropolítico, dos afetos gerados pelas interações feitas pelo corpo nas suas relações com o mundo.

1.1 Referencial teórico-metodológico: sobre a cartografia sentimental e o papel da cartógrafa

O presente trabalho tem como principal referência teórica e metodológica o pensamento da psicanalista brasileira Suely Rolnik, nomeadamente seus escritos sobre cartografia sentimental e esferas insurgentes, além de aportes importantes da produção de David Harvey sobre questões urbanas e direito à cidade.

Para elaborar a metodologia de cartografia sentimental, a autora lança mão do conceito de cartografia, desenvolvido por Gilles Deleuze em diálogo com o pensamento foucaultiano (ROLNIK, 2006). Michel Foucault utiliza largamente metáforas espaciais para se referir às dinâmicas do poder em seu trabalho: “posição, campo, deslocamento, território, domínio, solo, arquipélago, geopolítica, paisagem, entre outras, dando mostras de uma dimensão espaço-temporal em suas análises” (PRADO, 2013). A partir disso, Deleuze mescla as principais perspectivas metodológicas foucaultianas (arqueologia do saber, genealogia do poder e genealogia da ética), desenvolvendo uma noção que, sendo a soma de tais perspectivas, ultrapassa-as, gerando algo novo (PRADO, 2013).

A cartografia em Deleuze vai buscar, portanto, expor as dinâmicas de forças em determinado campo social, sem se deter sobre a “grande política”, mas sim sobre as relações capilares de poder: centra-se assim nos campos de forças e nas relações, nos movimentos, no tempo e também no espaço. É uma síntese dos métodos históricos de Foucault – o eixo metodológico saber-poder-subjetividade, uma metodologia de análise de dispositivos¹. Aponta Deleuze sobre a cartografia:

traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de ‘trabalho de terreno’. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal (DELEUZE, 2005).

Rolnik estabelece, então, seu processo de cartografia sentimental como o processo de se debruçar sobre um campo social para observar as dinâmicas específicas de formação de subjetividades – a subjetivação – nesta esfera. A subjetivação é um processo que ocorre a partir da apreensão do mundo pela subjetividade e lhe dá forma. Ela ocorre porque a interação com o entorno

¹ Elementos e práticas de saber e poder, os quais geram efeitos de subjetividade (PRADO, 2013).

desestabiliza seus contornos, causando um mal estar e gerando um estado ao mesmo tempo familiar e estranho,

uma tensão entre, de um lado, o movimento que pressiona a subjetividade na direção da conservação das formas em que a vida se encontra materializada e, de outro, o movimento que a pressiona na direção da conservação da vida em sua potência de germinação (ROLNIK, 2018).

Esse mecanismo é o que impulsiona os processos de subjetivação, uma vez que leva ao desejo de agir, no sentido de retomar o equilíbrio diante dessa perturbação – dessa familiaridade-estranheza.

Este trabalho buscou entender como o processo de subjetivação característica ao contexto brasiliense e à esfera social da avenida W3 Sul, cartografando as estratégias de formações do desejo nesse contexto, dos seus movimentos que transformam a topologia da realidade brasiliense e da avenida, criando diferentes paisagens, já que

Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (ROLNIK, 2006).

O “composto híbrido” formado pelo olhar e pelo corpo vibrátil desta cartógrafa-autora foi empregado no intuito de descobrir como melhor organizar a linguagem para favorecer a expressão das intensidades geradas nos encontros com os corpos que se buscou compreender, materializando a cartografia no processo de escrita.

O presente trabalho também se serviu das fontes mais variadas, além de diversos aportes teóricos e vertentes do conhecimento, como a comunicação, a geografia, a arquitetura, a economia, as ciências sociais etc, haja visto que o cartógrafo é

um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias (...). ‘entender’, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima - céus da transcendência -, nem embaixo - brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão” (ROLNIK, 2006).

A cartografia busca, portanto, dar língua às expressões do desejo para compreender os processos de subjetivação de um campo social. Um desejo que é impulsionado pela “vontade de conservação da própria vida em sua essência -

vontade radicalmente distinta daquela que quer conservar a cartografia em curso” (ROLNIK, 2018): o impulso de conservação da vida, ou pulsão vital, que gera potência/ força de criação, é levada a cabo na realidade a partir do desejo de agir e das estratégias que conduzirão esse desejo ((ROLNIK, 2018)).

A intervenção do desejo na superfície da realidade se apresenta em um espectro de possibilidades de ação, que vai desde a manutenção do estado de coisas atual, uma posição de maior adesão ao regime em curso (originada em uma política de subjetivação reativa, que se opõe a transformações na realidade) até a mais desviante em relação ao status atual (uma política de subjetivação ativa) – que tem, assim, um caráter insurgente (ROLNIK, 2018).

A primeira possibilidade de estratégia do desejo, uma política reativa de subjetivação, resultará na manutenção do mundo como é; a segunda, política ativa de subjetivação, se efetivará na invenção do novo, no surgimento de novos mundos: novo modo de se relacionar, de se colocar no mundo, de conviver no espaço urbano etc, gerando transformações nas paisagens psicossociais – o desmanche e formação de mundos (ROLNIK, 2018).

O regime colonial-capitalístico, em sua fase atual de capitalismo cognitivo, se caracteriza por uma política de subjetivação com maior autonomia das subjetividades cujo intuito é capturar a maior potência da força vital oriunda desta ampliação de liberdade – uma “cafetinagem” da potência de criação, que a desvia de seu percurso para que possa constituir cenários para o acúmulo de capital e a manutenção do *status quo*. Se antes o sistema se apropriava da força de trabalho, hoje ele expropria também a força vital das subjetividades, gerando “zumbis hiperativos incluídos ou trapos humanos excluídos” (ROLNIK, 2006).

Insurgentes são, segundo Rolnik, as estratégias do desejo que dão caminho à manifestação da vida em sua potência germinativa: a reapropriação do destino ético de tal força de criação, ou pulsão vital, é condição para desviar, coletivamente, da “cafetinagem” produzida pelo sistema e seguir na direção de uma ética da existência (ROLNIK, 2018).

O problema que atravessa esta monografia, portanto, é da ordem do “vitalizante-ou-destrutivo, ativo-ou-reativo” (ROLNIK, 2018), da manutenção do *status quo* versus a construção de arranjos insurgentes, a favor da vida, da pulsão de criação. Então pode-se dizer que a atividade levada a cabo neste projeto se atém

à análise do desejo que tem que ver com a escolha de critérios para inventar o real social: a “escolha de novos mundos, sociedades novas. A prática do cartógrafo é, aqui, imediatamente política” (ROLNIK, 2006).

Entender tais relações de poder nesse âmbito, da produção de subjetividades,

é o que Guattari chamou, entre outros nomes, de ‘micropolítica’. Muitos leitores de Foucault, Deleuze e Guattari entenderam que o que estavam propondo tais pensadores era que se considerasse as relações de dominação em pequena escala (...) e não só em grande escala (...).

Mas não é absolutamente disso que trata a micropolítica; não está absolutamente nisso a contribuição inovadora destes autores. ‘Micro’ refere-se à **dimensão do processo de produção das formas de realidade: a realidade em vias de se constituir, se definir (territorializar) e ao mesmo tempo, em vias de se desmanchar (desterritorializar)**. Realidade tanto individual quanto grupal ou coletiva. **Enquanto “macro” refere-se à realidade em suas formas constituídas** — aqui também, tanto ao nível individual quanto grupal ou coletivo. É na lógica das formas constituídas que se pensa em termos de um todo, de pólos em conflito e/ou contradição — em suma, em relações de dominação. E esta lógica (macro) vale tanto para relações de dominação entre Estado e Sociedade quanto para as relações de dominação do contexto de um casal. **Pensar o poder enquanto ‘técnica de subjetivação’, como propõe Foucault, é pensá-lo segundo uma outra lógica, a qual permite por exemplo lutar contra a reificação da consciência e apreender a dimensão de criatividade social** (ROLNIK, 1990) [grifo nosso].

Mostrou-se necessário abordar o problema na esfera macropolítica, apresentando as paisagens da realidade constituída, assim como no âmbito micropolítico, trazendo perspectivas diferentes mas complementares. Para delinear as configurações macropolíticas na esfera da W3 Sul, do passado até o presente e nas perspectivas de futuro sobre ela, elaborou-se um mapa cronológico da trajetória de construção das paisagens vinculadas à avenida. Tal mapa foi desenvolvido com base em pesquisa de caráter qualitativo, por meio de revisão bibliográfica sobre o histórico da via W3.

Para compreender os aspectos micropolíticos da questão proposta, foi elaborada uma cartografia sentimental da avenida W3 Sul. Na sua produção foram realizadas

- a) Pesquisa de campo na própria avenida;
- b) Consulta ao acervo fotográfico digitalizado do Arquivo Público do Distrito Federal;
- c) Consulta ao acervo fotográfico digital sobre Brasília dos fotógrafos Peter Scheier e Marcel Gautherot, ambos pertencentes ao Instituto Moreira Salles e
- d) Entrevistas semiestruturadas com oito moradores de Brasília.

A pesquisa de campo foi realizada em diversas visitas para observação à avenida W3 Sul, que foi percorrida a pé desde seu início, no cruzamento na altura do Eixo Monumental até o fim, na Estrada Setor Policial Militar. Nesse processo também tirou-se fotografias de lugares, lojas e espaços que pareceram relevantes para o trabalho. A consulta ao acervo fotográfico do Arquivo Público do Distrito Federal ocorreu a partir de visita ao próprio Arquivo, quando se acessou o sistema de catalogação das imagens, no qual consta a localização onde as fotos foram capturadas. A partir desta informação, foram observadas todas as fotos que continham “W3 Sul”, “quadra/s 700”, “quadra/s 500”, “500” ou “700” na descrição de local e algumas foram selecionadas para compor esta monografia.

O exame no acervo fotográfico digitalizado sobre Brasília do fotógrafo alemão Peter Scheier e do francês Marcel Gautherot foi conduzido no sistema de acervo do Instituto Moreira Salles, que fica disponível no endereço eletrônico da instituição. O acervo de cada um dos fotógrafos foi consultado utilizando a palavra-chave “Brasília” ativada na busca. Foram observadas 53 fotografias de Scheier, das quais selecionou-se cinco para uso no presente trabalho, além de 1.068 imagens capturadas por Gautherot, das quais foram selecionadas duas.

As entrevistas foram realizadas presencialmente com as oito pessoas: Carolina Silveira, Diana Gomes; Gabriel Coaracy, Luiz Carlos Pontual de Lemos, Magda Lemos, Marcos Castelo Branco, Miguel Galvão e Paula Lemos. À exceção de Miguel, que foi entrevistado por ser proprietário de estabelecimento na avenida, todos foram escolhidos com vistas a variar idades e relações com Brasília, mesmo sem a pretensão de criar uma amostra estatisticamente relevante. Os dados que localizam os relatos dos entrevistados no tempo estão no quadro 1.

Quadro 1 — Dados cronológicos dos/as entrevistados/as

| Entrevistado/a | Ano de chegada | Idade de chegada | Idade atual | Período de maior frequência de uso da W3 |
|-----------------------|-----------------------|-------------------------|--------------------|---|
| Carolina Silveira | 1961 | 31 anos | 93 anos | Anos 60 e 70 |
| Diana Gomes | - | - | 39 anos | Anos 80 e 90 |
| Gabriel Coaracy | - | - | 45 anos | Anos 90 e 2000 |
| Luiz Pontual | 1961 | 29 anos | 90 anos | Anos 60 e 70 |
| Magda Lemos | 1961 | 19 anos | 80 anos | Anos 60 e 70 |

| | | | | |
|------------------------|------|--------|---------|--------------------|
| Marcos Castello Branco | 1961 | 9 anos | 70 anos | Anos 60 e 70 |
| Miguel Galvão | 1987 | 1 ano | 36 anos | Anos 2010 até hoje |
| Paula Lemos | 1961 | 2 anos | 64 anos | Anos 60 até hoje |

Fonte: autoria própria (2023)

O questionário utilizado para as entrevistas consta como o apêndice A desta monografia, assim como a transcrição de todas as entrevistas.

O trabalho se divide em cinco capítulos, sendo o primeiro esta introdução. O segundo é constituído de uma exposição de um mapa com um contexto macropolítico sobre a construção de Brasília e a história da via W3 Sul, abarcando seus aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos e arquitetônicos em uma narrativa cronológica segmentada em três seções, com a última distribuída em seis subseções relativas a diferentes períodos de tempo. O terceiro capítulo apresenta os aspectos micropolíticos da construção e início da capital brasileira e da avenida W3 Sul por intermédio de uma cartografia sentimental, com uma exposição que não intenciona ser propriamente cronológica, mas que agrupa em quatro momentos diferentes dos afetos e sentidos apresentados nas entrevistas, observados em campo e na consulta aos acervos: o início de Brasília, o auge da W3 Sul, a sua decadência e um novo momento em que surgem iniciativas de revitalização. O quarto capítulo busca identificar perspectivas de futuro para a via a partir do material analisado, ponderando sobre como o passado pode trazer elementos para a reflexão sobre destinações possíveis para a W3 Sul. O último capítulo expõe as considerações finais a que se chegou a partir da execução deste estudo.

2 MODERNISMO, NACIONAL-DESENVOLVIMENTISMO E POLÍTICAS REATIVAS DO DESEJO: W3 SUL E A EXCEÇÃO INSURGENTE

2.1 Modernismo à brasileira

A chamada Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal (DF) e Entorno (RIDE), espécie de região metropolitana de Brasília compreendendo o DF e mais 33 cidades de Goiás e Minas Gerais, é uma mancha urbana que abriga a terceira maior população do país (GERMANO, 2023) e totaliza cerca de 4,8 milhões de pessoas, segundo o Censo 2022 (MORELLI, 2022).

Seis décadas após sua construção, a capital já conta, para além de candangos, pioneiros e outros brasilienses por adoção, com gerações nascidas e criadas na cidade. Corpos, encontros, vínculos, afetos e desejos que moldam e são moldados pelo espaço, tempo e corpo social da capital, uma vez que

não existe sociedade que não seja feita de investimentos de desejo nesta ou naquela direção, com esta ou aquela estratégia e, reciprocamente, não existem investimentos de desejo que não sejam os próprios movimentos de *atualização de um certo tipo de prática e discurso*, ou seja, atualização de um certo tipo de sociedade. Mais um passo na generalização: o desejo em seus movimentos corresponde às estratégias de formação de *crystalizações existenciais* que vêm a ser, exatamente, o desenho de novas configurações no campo social. Produzem-se assim as formas da história em sua mutação descontínua. Ainda um outro passo: *o desejo é a própria produção do real social*. E um último: *só há real social* (ROLNIK, 2006) [grifo do original].

Diferente das cidades tradicionais, Brasília foi planejada e construída há menos de 100 anos, sob o espanto do Brasil e do mundo, para ser a capital do país. Uma conjunção de fatores compunha uma configuração política, social e histórica muito específica, que gerou uma cidade e um povo com características singulares. Sobre o nascimento da nova capital, aponta Oliveira:

comumente se aborda a construção de Brasília como um ato de insistência histórica, ou de determinados grupos de interesse, tendo sempre referências às questões do espaço nacional a ser ocupado, eventos e imagens históricas, entre muitas outras posições. Mas, a construção da capital federal no interior do país se apresenta como o resultado de um dos discursos mais bem articulados do Estado moderno. Sob a regência do então presidente da república Juscelino Kubitschek **a idéia de Brasília transcendeu a questão da estratégia de segurança do núcleo do poder e se transformou na forma de materialização de uma questão de nacionalidade e desenvolvimento nacional** (2008) [grifo nosso].

Construída em fins dos anos 1950 e inaugurada em 21 de abril de 1960, Brasília é parte culminante de um debate que a antecede em duas centenas de anos. Helena Bomeny registra que “desde 1750, a mudança da capital do Brasil para o interior foi objeto de lentos, exaustivos e repetidos debates e decisões” (2002): fez parte da agenda dos inconfindentes mineiros e esteve presente na vida política e intelectual no Brasil do século XIX, sobretudo com o recrudescimento das concepções modernas sobre a cidade, espaço e organização social, tão característico da sua segunda metade (1991).

Logo após a Proclamação da República, previu-se a transferência da capital na Constituição de 1891: além de reduzir as possibilidades de instabilidade, a interiorização atenderia à necessidade de integração nacional em um país de proporções continentais (BOMENY, 1991). O discurso sobre a transferência da capital também passava por outros aspectos: o Rio de Janeiro, capital do país desde 1763, era vulnerável a ataques marítimos por estar no litoral e, além disso, seu clima tropical era considerado um problema. Mas sobretudo, como aponta Helena Bomeny, havia sobre a antiga sede do poder uma

“imagem de **turbulência e incontida irreverência (...), o irrefreável e moralmente suspeito ambiente urbano (...), de permanente agitação e desobediência, de uma população incontida, desordenada e agitada.** O século XIX, da ciência e da higiene, do progresso e da indústria, da República e da razão, **olhava com suspeita o desordenamento do Distrito Federal**” (1991) [grifo nosso].

O projeto modernizador, que progressivamente ganha força em terras brasileiras na segunda metade do século XIX, vincula intensamente os contornos das cidades ao estágio de desenvolvimento, modernidade e progresso de uma sociedade (o que encontra eco no senso comum). Por esta razão, muitos centros urbanos brasileiros passaram por reformas modernizadoras de grande impacto nas proximidades da virada do século XIX para o XX: Recife, Salvador, Porto Alegre, São Paulo e o próprio Rio de Janeiro (WESTIN, 2020), buscando aproximação com suas contrapartes internacionais Viena, Paris, São Petersburgo, Londres, Nova Iorque (Bomeny, 2002).

No mesmo bojo, Belo Horizonte é construída em 1897 como capital de Minas Gerais. Aqui o terreno começa a ser preparado e ocorrem encontros entre a burocracia do Estado e figuras que seriam relevantes na implementação do “sonho de razão” que atinge o ápice com a construção de Brasília no final da década de 50.

Nesse mesmo período, os debates sobre a transferência da capital esfriam devido à reforma modernizadora no Rio de Janeiro e a medidas de descentralização política, que reduziram os questionamentos sobre a pertinência da capital (BOMENY, 1991).

Na Era Vargas, iniciada na década de 30, ocorre uma importante movimentação nos corredores da burocracia estatal do país: os modernistas mineiros da década de 20, como Gustavo Capanema, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, enxergam uma oportunidade para a institucionalização de suas ideias vanguardistas e se incorporam à burocracia do Estado varguista, criando um caldo propício de encontros, ressonâncias, reverberações e possibilidades para pretensões modernizadoras no país.

O próprio Lúcio Costa, posteriormente responsável pelo planejamento urbanístico de Brasília, passou a atuar em projetos estatais por indicação dos mineiros Rodrigo Melo Franco de Andrade e Francisco Campos, da Educação, junto a Gustavo Capanema, então Ministro da pasta. Capanema também convida Oscar Niemeyer, arquiteto que assinaria diversos prédios da nova capital, para trabalhar em projetos do governo brasileiro (BOMENY, 1991).

Vem também das Minas Gerais uma outra figura primordial para a construção da nova capital: Juscelino Kubitschek. O “presidente bossa nova” se destaca pelo intuito e habilidade de criar uma ponte entre o velho e o novo Brasil (BOMENY, 1991) e entre os muitos “brasis” que cabem no país (OLIVEIRA, 2008). Parece significativo apontar que um dos principais expoentes da utopia modernista à brasileira carregava consigo os signos da modernidade, as ideias de ordem, desenvolvimento, tecnologia e futuro – mas também o simbolismo da tradicional cantiga do Peixe Vivo, que virou uma espécie de hino pessoal (BOMENY, 1991).

O Plano de Metas e os "50 anos em cinco" de JK sintetizam aquilo que conduzirá sua atuação à frente do Estado brasileiro: o nacional-desenvolvimentismo – uma visão de nacionalidade que passava por conhecer e integrar o território e o povo do interior do país, somada e condicionada ao desenvolvimento e à chegada das benesses do desenvolvimento, que se concentravam no litoral, sobretudo no Sudeste, para a população do interior (OLIVEIRA, 2008).

A integração e modernização do país eram ideias centrais para o discurso modernista e nacional-desenvolvimentista brasileiros, cujo ponto crucial seria tornar Brasília “o ponto de inflexão na formação social brasileira” (OLIVEIRA, 2008). Para

Juscelino, Brasília seria a síntese, o símbolo, que unificaria tais objetivos tão diversos. Para tal, era necessário

reorganizar o poder na forma de um Estado nacional moderno. A epopéia da construção da capital, motivada pelo governo de Juscelino Kubitschek, buscava prenunciar a **transposição do Brasil considerado arcaico para um Brasil moderno; buscava integrar Brasis em um único Brasil** (OLIVEIRA, 2008) [grifo nosso].

Na realidade do brasileira, tais processos passariam por superar a herança de um território organizado segundo as necessidades da exploração colonial: a não-ocupação do interior, o desconhecimento sobre as diversas realidades e a fragmentação em vários Brasis dão a tônica na configuração do espaço brasileiro, que se distribui majoritariamente em vastas áreas agrícolas e cidades litorâneas mais conectadas aos grandes centros do sistema colonial-capitalista do que entre si (FARET apud OLIVEIRA, 2008).

Sobre os ímpetos modernistas entre aqueles que assumem a gestão do Estado no início do século XX, é importante convocar aqui importantes considerações sobre a possibilidade de implementação real, na América Latina, de um projeto societal tão moldado no mundo ocidental: o antropólogo argentino Néstor García Canclini estabelece uma distinção entre “modernidade” – a etapa histórica; “modernização” – o processo socioeconômico que dá forma a ela – e “modernismo” – os projetos culturais e iniciativas que se aninham no campo do simbólico (CANCLINI, 2003, apud TIBURRI, 2013). Nesse sentido, afirma que na América Latina “não chegamos a uma modernidade, mas a vários processos desiguais e combinados de modernização” (CANCLINI, 2003, apud TIBURRI, 2013). Importante ter isso em mente ao pensar a dinâmica de um suposto projeto modernista na periferia do regime colonial-capitalístico.

De um ponto de vista micropolítico – lançando mão do pensamento de Suely Rolnik para entender um aspecto basilar do modernismo à brasileira – é possível que, em alguma medida, a força de criação que origina novos arranjos nas subjetividades e nos corpos sociais tenha sido um motor para as transformações modernistas/modernizadoras no país.

No entanto, no regime colonial-capitalístico – sobretudo em sua periferia – “a força vital de criação e cooperação é canalizada pelo regime para que construa um **mundo segundo seus desígnios** [grifo nosso]” (ROLNIK, 2018) – um processo

que, ainda segundo a autora, aprofunda-se na segunda metade do século XX. Este não é um destino imutável, havendo outras possibilidades – insurgentes – de arranjos (ROLNIK, 2018), mas nos ajuda a compreender aspectos dos processos e, principalmente, dos limites do projeto moderno para o Brasil.

Isso porque em vez de abraçar as possibilidades necessárias para conceber profundas transformações no corpo social e gerar os novos arranjos de forças no país para de fato superar o Brasil “arcaico”, os modernistas brasileiros insistem em traçar caminhos bem conhecidos na construção da identidade do “Brasil moderno”.

A despeito “das promessas subjacentes à construção da cidade [que] afirmavam de modo categórico que depois de Brasília e, portanto, depois do governo de JK, o Brasil e seu povo não seriam mais os mesmos” (MOREIRA apud OLIVEIRA, 2008), o modernismo se alia a uma das forças que organizou o passado e presente de exploração colonial-capitalista no país: a elite oligárquica rural (OLIVEIRA, 2008). Esta foi uma política de conciliação crucial para a estabilidade do governo de JK (BOMENY, 2002), que angaria adesão dos ruralistas para o projeto moderno- nacional-desenvolvimentista com a manutenção das relações de propriedade e trabalho no campo, que sequer são citadas no Plano de Metas (OLIVEIRA, 2008).

Em um contexto de modernização e de esforços para mudar o eixo econômico do país no sentido da industrialização, o interesse dos ruralistas mirava em manter o *status quo* das relações de propriedade fundiária, usando como estratégia para tal a “garantia de que toda a transformação pretendida fosse uma afirmação de permanência das relações e formas de produção. Portanto, a intenção era: **tudo muda para que permaneça como está**” (OLIVEIRA, 2008) [grifo nosso].

Tais contradições e incompletudes apontam e exemplificam o observado por Canclini, de que na América Latina não atingimos a modernidade, a despeito dos processos de modernização que possam ocorrer (CANCLINI, 2003, apud TIBURRI, 2013) – um fenômeno que se verá refletido no espaço e nas relações sociais de Brasília (OLIVEIRA, 2008).

2.2 A nova capital

A cidade de inspirações modernistas já era uma crítica à cidade capitalista e aos problemas por ela enfrentados: a miséria, falta de habitação e as condições insalubres de vida para as massas trabalhadoras – assim, o urbanismo modernista idealizava cidades

cartesianas e geométricas, iluministas, que modificariam a sociedade por meio da reforma urbana. O urbanismo científico surge (...) como símbolo de um mundo melhor, cuja ferramenta básica seria o planejamento modernista, tecnocrático e racional (PELUSO, 2003).

A turbulenta e caótica cidade do Rio de Janeiro rivalizava com essa visão sobre a cidade. Assim a concepção modernista sobre a organização do espaço urbano, que se legitimou na Europa nos anos 40, ganha força e no Brasil a partir dos anos 50 (BOMENY, 1991).

Em 1956, primeiro ano do governo JK, foi lançado o Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil. Concorreram 26 projetos, todos de inspiração modernista, e vence o plano do arquiteto Lúcio Costa (CAMARGO, 2019), que se destacava pela simplicidade: “dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o sinal próprio do sinal da cruz” (BRASIL, 2018): “Brasília seria uma cidade dedicada ao exercício tranquilo e ordenado do trabalho, do lazer, da moradia e da locomoção” (PELUSO, 2003) – afastada das mazelas das grandes cidades, a cidade do futuro.

Já durante a construção da cidade, apresenta-se uma questão muito concreta: como abrigar a crescente população da nova capital? “Em 1957, o DF contava com 12.700 habitantes; dois anos depois, com 64.314. Em 1960, 141.742 pessoas habitavam o Distrito Federal” (PELUSO, 2003).

Inicialmente, a preferência da administração era pela habitação na própria área do Plano Piloto, com diversos acampamentos provisórios montados pelas construtoras, como a Vila Planalto, Vila Paranoá, Vila Amauri, Sacolândia e a “Velhacap”². A Cidade Livre foi o primeiro núcleo de serviços da capital e também tinha moradores, mas ficava fora da área do Plano, e, assim como os acampamentos de operários, deveria ser desmontada ao término da construção. Assim, a imensa maioria dos primeiros residentes da capital se abrigava em acampamentos improvisados:

² Posteriormente se tornaria uma cidade-satélite, renomeada Candangolândia (CAMARGO, 2019).

Alojados em condições subumanas, trabalhando mais de doze horas por dia, obrigados a fazer viradas e horas extras incessantes, centenas de 'candangos' morreram, quando não caídos dos andaimes, assassinados a mando da construtora (ARANTES, 2002, apud OLIVEIRA, 2008).

Fotografia 1 — Trabalhadores



Fonte: Acervo Peter Scheier do Instituto Moreira Salles (1960)

Com o aumento exponencial da população estabeleceu-se um intenso processo de favelização (PELUSO, 2003), o que leva à recomendação de Lúcio Costa em seu Relatório do Plano Piloto:

Neste sentido, deve-se impedir a enquistação de favelas tanto na periferia urbana quanto na rural. Cabe à Companhia Urbanizadora **prover dentro do esquema proposto acomodações decentes e econômicas** para a totalidade da população (COSTA, 2018).

Em 1958 é oficializada a primeira cidade-satélite: Taguatinga, a 25km do Plano Piloto (CAMARGO, 2019). Em 1960, surgem o Gama (33km do Plano Piloto) e Sobradinho (23,5km) – voltadas para os candangos, trabalhadores manuais

representados na Fotografia 1 – e o Guará (13km), para os funcionários da Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital)³. Em 1961, a Cidade Livre (Fotografia 2), que supostamente seria demolida, foi convertida em satélite, assim como Brazlândia e Planaltina (que já existiam e foram incluídas no DF) (PELUSO, 2003).

Fotografia 2 — Arredores de Brasília



Fonte: Acervo Peter Scheier do Instituto Moreira Salles (1958)

Para o funcionalismo público de maior escalão foram reservados apartamentos funcionais nas superquadras; para os de médio ou baixo escalão, casas populares no Cruzeiro ou na avenida W3 Sul (PELUSO, 2003). Aos candangos foram concedidos lotes vazios, a grandes distâncias do Plano Piloto, para que construíssem suas casas, a despeito da recomendação de Lúcio Costa:

Ao fim, [os ‘candangos’] **não tiveram direito a um espaço na cidade e fizeram suas casas precárias nos acampamentos satélites**. Brasília talvez tenha realmente sido a síntese da arquitetura brasileira, mas longe de mostrar na ‘beleza’ de seus palácios as esperanças de uma ‘alvorada’, ela parece encarnar a própria promessa monstruosa da modernização brasileira (ARANTES, 2002, apud OLIVEIRA, 2008)”[grifo nosso].

³ Empresa estatal criada para a construção e urbanização de Brasília (OLIVEIRA, 2008).

Brasília é uma cidade planejada e, não obstante, contraditória, com percursos não homogêneos dos desígnios do desejo que orientaram a sua construção – seja a inicial, seja a cotidiana – assim como nas cidades tradicionais. Seu caráter planejado, monumental, e sua curta existência, entretanto, condensam essa heterogeneidade no tempo e na organização espacial – além de criar um corpo social complexo, como são os de grandes centros urbanos.

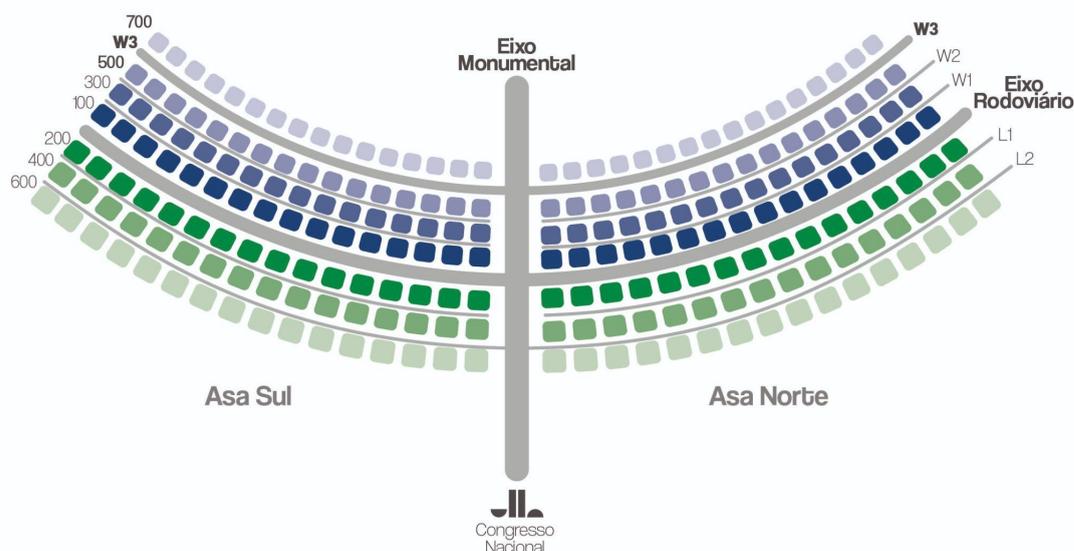
É uma cidade que mistura conservação e insurgência, novas formas de viver e as antigas. Idealizada e construída nos marcos de uma modernidade-nacional-desenvolvimentista que se alia ao passado para manter-se estável, apesar de estar alegadamente construindo o futuro (OLIVEIRA, 2008); o criadores de Brasília buscaram na técnica e na ciência as respostas para desafios de caráter político e social (BOMENY, 2002), adotando uma compreensão modernista sobre os problemas das cidades capitalistas e apostando na crença em arranjos espaciais como organizadores da vida em seus diversos aspectos – “o habitar, o trabalhar, o recrear e o circular” (TIBURRI, 2013), mas falham em considerar o contexto que envolve tais problemas, sobretudo num país como o Brasil. Tão contraditório quanto é que tal compreensão modernista implica um “viés socialista implícito nos seus projetos” – a despeito do intuito de desenvolver e aprofundar as relações capitalistas e a modernidade industrial no país (HOLSTON, 1993, apud TIBURRI, 2013).

Poucos espaços materializam tão bem essas contradições, descompassos, incompletudes, limitações e insurgências quando a avenida W3 Sul.

2.3 A porção sul da avenida W3

Brasília foi planejada a partir de dois grandes eixos, no sentido norte-sul (Eixo Rodoviário) e leste-oeste (Eixo Monumental) (CAMARGO, 2019). As avenidas paralelas ao Eixo Rodoviário se dividem entre aquelas que ficam na direção oeste, sinalizadas pelo “W” (do inglês “west”) e numeradas em ordem crescente, das mais próximas às mais distantes do Eixo (W1, W2, W3 etc); a mesma lógica se aplica à porção Leste: L1, L2, L3 e assim por diante (CAMARGO, 2019), conforme Figura 1.

Esquema 1 — Mapa simplificado do Plano Piloto



Fonte: autoria própria

A ocupação do Plano Piloto iniciou de forma mais intensa na Asa Sul, possivelmente pelo relevo mais plano e pela maior circulação de pessoas dos núcleos urbanos que já se adensavam nessa direção: Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante, surgida em 1956), Candangolândia (1957) e Taguatinga (1958) (CAMARGO, 2019). A porção Sul da Avenida W3, portanto, é ocupada inicialmente, desenvolvendo uma dinâmica muito distinta do seu trecho Norte (SOUSA, 2023).

A via W3 (norte e sul) foi concebida como limite oeste do Plano Piloto. Originalmente abrigaria hortas e pomares onde hoje é a faixa das quadras 700, abastecendo parcialmente supermercados, açougues e hortifrutigranjeiros da cidade, enquanto nas quadras hoje denominadas 500⁴ estaria o “comércio grossista, oficinas e galpões” (CAMARGO, 2019), com entradas voltadas para a W2 (SOUSA, 2023). Conforme o Relatório do Plano Piloto de Brasília,

a W3 seria uma via de serviço para tráfego de caminhões, destinando-se ao longo dela a frente oposta às quadras, à instalação de garagens, oficinas, depósitos do comércio em grosso etc, e reservando-se uma faixa de terreno, equivalente a uma terceira ordem de quadras, para floricultura, horta e pomar” (BRASIL, 2018).

No entanto, já durante o período de construção da capital foi preciso desviar a W3 de sua função original diante da necessidade de abrigar técnicos transferidos e

⁴ Neste período a numeração das quadras era diferente (CAMARGO, 2019), mas utilizaremos aqui a nomenclatura atual, referenciando a anterior se necessário.

suas famílias (BRANDÃO, 2009). A primeira menção à avenida ocorre em uma edição de 1958 da Revista Brasília, em que são anunciadas residências para venda, as chamadas Casas Populares (CAMARGO, 2019), construídas onde hoje são as quadras 700. As primeiras 500 casas construídas, através da “Fundação da Casa Popular”, foram entregues em 1958 (BRANDÃO, 2009). Inicialmente ocupavam as quadras do meio da Asa Sul (5, 6, 7 e 8) e se expandiram posteriormente por toda a extensão das 700 (BRANDÃO, 2009). Pela data em que foi capturada, a disposição das casas e a configuração da avenida que está ao seu lado, a Fotografia 3 parece retratar tais Casas Populares e a via em questão aparenta ser a W3 Sul em 1958.

Fotografia 3 — Vistas aéreas de Brasília



Fonte: Acervo Marcel Gautherot do Instituto Moreira Salles (1958)

2.3.1 Antes da inauguração

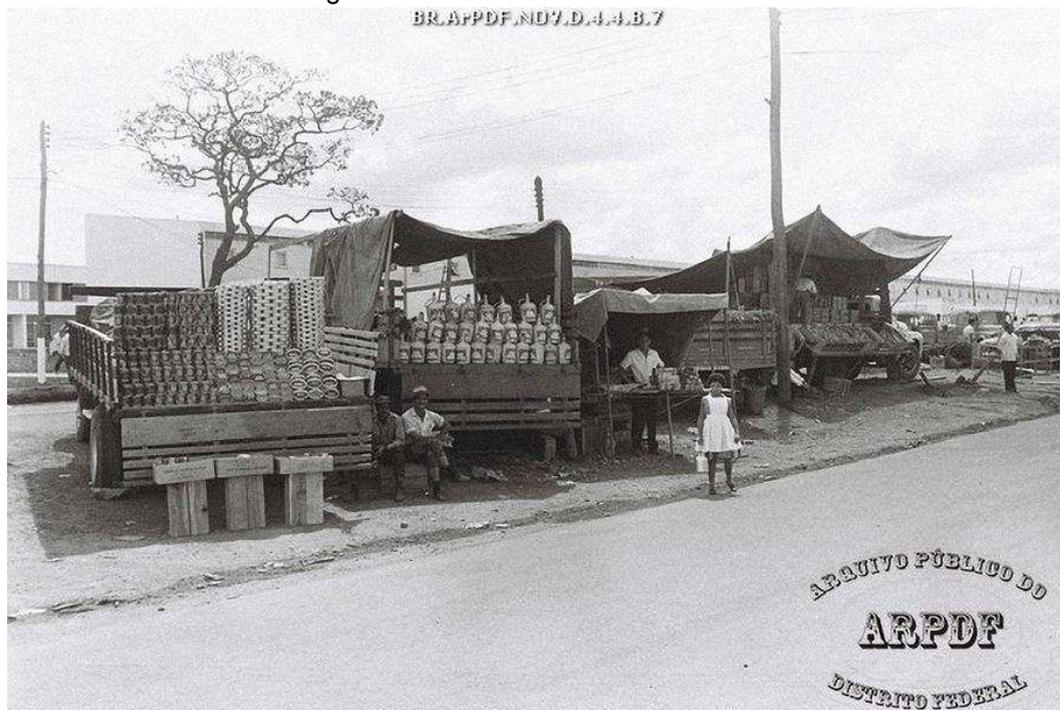
Para além da mudança na função do espaço do que seriam pequenas áreas agrícolas para habitação, existe uma alteração conceitual importante com o uso residencial das 700: no projeto original de Lúcio Costa, a unidade urbana básica de habitação deveria ser coletiva (prédios de apartamentos). Adotou-se um sistema que ficou conhecido como “projeção”, em que o andar térreo dos prédios fica liberado pelos pilotis, sendo integrado à circulação pública, ou seja, o “espaço do térreo é de posse privada, mas de domínio público” (OLIVEIRA, 2008).

As casas das 700 reintroduziam a propriedade unifamiliar em detrimento da importante inovação que o uso da “projeção” estabeleceu (OLIVEIRA, 2008). Outra diferença significativa é que, diferente das superquadras residenciais, cujos prédios são isolados da circulação geral de carros e do comércio, na W3 uniram-se moradias, comércio e circulação viária (CAMARGO, 2019). O teórico urbanista Phillipe Panerai assinala sobre a avenida

No desenho de Brasília, a via W3 ocupa uma posição particular (...), ela oferece uma **paisagem que rompe com o resto da cidade**. Nada de cruzamentos em desnível, mas semáforos, um canteiro central arborizado que lhe dá ares de bulevar; largas calçadas onde se espremem os pedestres e, ao menos de um dos lados, edificações comerciais quase contínuas. **As práticas cotidianas da cidade ali encontram um terreno conhecido** (PANERAI, 2006, apud CAMARGO, 2019) [grifo nosso].

A partir dessas que foram das primeiras construções definitivas no Plano Piloto (LEITÃO, 2003, apud CAMARGO, 2019), iniciou-se a instalação do comércio, também com um caráter diferente do plano de Lúcio Costa. O comércio grossista, de atacado e os galpões já havia se instalado na Cidade Livre e Candangolândia, o que levou o comércio da W3 a se concentrar nas necessidades cotidianas e locais (CAMARGO, 2019). Apesar disso, a avenida, estando no Plano Piloto, oferecia uma segurança aos comerciantes que não se aplicava aos outros locais, que *a priori* seriam demolidos ao término da construção de Brasília (CAMARGO, 2019).

Fotografia 4 — Comércio informal na W3 Sul



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal (1960)

Fator importante para a concentração de locais de interesse na área é a dificuldade de transporte – já que ainda não existia transporte público e os meios particulares não eram tão acessíveis, o que ocasionava um volume alto de deslocamentos a pé (CAMARGO, 2019) e gerava a necessidade de estabelecimentos localizados a distâncias “caminháveis” – já carregando nisso um certo desvio da lógica predominante no planejamento de Brasília, que apontava para o transporte rodoviário como principal forma de deslocamento.

Instalaram-se também na W3 Sul os escritórios da Novacap, dos Correios, filiais de jornais e agências bancárias (CAMARGO, 2019). Também começaram a se instalar estabelecimentos comerciais e de serviços na própria área residencial: médico, dentistas, advogados e até uma Biblioteca e uma Discoteca, estabelecidas em 1958 pela própria Novacap, além das sucursais de jornais e o Primeiro Cartório de Brasília, localizado na 708 (CAMARGO, 2019).

Apesar dessa concentração de pontos de comércio e serviços, até meados da década de 60 o Plano Piloto ainda não tinha autonomia em relação ao comércio das cidades-satélites⁵, como Taguatinga, Cidade Livre e Candangolândia, então a W3

⁵ Atualmente o termo “cidade-satélite” foi substituído pela expressão Região Administrativa nos registros oficiais. Aqui manteremos a denominação da época.

Sul ainda não havia realmente atingido a conformação que marcaria a memória dos brasilienses: uma espécie de centro histórico da cidade (CAMARGO, 2019).

2.3.2 Depois da inauguração: anos 60 e ditadura

Brasília era ainda um grande canteiro de obras após sua inauguração, em 21 de abril de 1960. As primeiras superquadras residenciais foram inauguradas nas quadras 300 (BRANDÃO, 2009), assim como as lojas na faixa das 500. Elas eram voltadas para a avenida W3, onde havia maior movimento de pessoas – o que subvertia ainda mais o projeto original, que previa as entradas das lojas voltadas para a via W2, onde ficaram os fundos dos estabelecimentos (CAMARGO, 2019).

Em 1960 ocorreu também a abertura do jornal Correio Braziliense em Brasília, que aporta um registro diferente sobre a nova capital, já que a única publicação em circulação na época (voltada para as questões do Distrito Federal) era a Revista Brasília, uma publicação oficial do governo. O Correio Braziliense incluiu em suas matérias os problemas enfrentados na época, como os restaurantes caros, lixo nas ruas e comércio ambulante (CAMARGO, 2019).

Em um país que vivia um momento incipiente da sua industrialização e urbanização, para muitas pessoas as lojas presentes na avenida eram, em muitos casos, o primeiro contato com mercadorias geradas em larga escala (como tecidos, roupas e brinquedos) e certas tecnologias e produtos – “primeira vez vendo um espremedor de laranja”, como relata Laura Camargo (2019). A instalação de redações dos principais jornais da época e de bancas de jornais fazia com que a informação chegasse mais rápido a ela (CAMARGO, 2019).

No decorrer dos anos 60 é estabelecido um comércio amplamente variado, que permitia às pessoas resolver tudo em um só lugar (CAMARGO, 2019). Nesse período, a “avenida W3 Sul atinge o seu esplendor como principal artéria comercial da cidade e onde eram realizadas as principais manifestações cívicas e culturais” (BRANDÃO, 2009). Vale mencionar também que, pelo ser a principal via de circulação da época, sua zona de influência se amplia como referência para as quadras adjacentes, com escolas das quadras 900 (Elefante Branco, Caseb etc) ou outros locais de interesse nas quadras 300 ou 100 (CAMARGO, 2019).

Uma matéria de 1968 do Correio Braziliense traçou um perfil da via, que destacava a ebulição do local, com seu comércio pujante e uma forte estrutura de serviços. Na reportagem chamada “Uma rua chamada W-3”, a jornalista Maria Valdira especula sobre o futuro da avenida, questionando se com a construção do Setor Comercial Sul a W3 se tornaria uma avenida comum: “entretanto, essa ideia não tem aceitação no meio do brasiliense, que já se acostumou com a estrutura rebelde da sua W3” (CONHEÇA, 2020).

A W3 se torna o lugar para passear e ver pessoas, com uma intensa vida cultural: nela estava o Cine Cultura, localizado na 507; o Teatro da Escola Parque na entrequadra da 507/ 508 e o Grupo de Trabalho de Brasília (GTB), que organizou a vinda do funcionalismo público, mas também servia de restaurante comunitário, abrigava eventos e depois virou a Biblioteca do Instituto Nacional do Livro, INL, que posteriormente foi convertido na Biblioteca Demonstrativa de Brasília, na 506/507. Posteriormente, os escritórios da Novacap na 508 são convertidos nos Teatros Galpão e Galpãozinho (sem data de inauguração registrada) – que depois se tornarão o Espaço Cultural Renato Russo.

Nessa época, a avenida tornou-se palco para desfiles de carnaval – inclusive o desfile da primeira escola de samba da capital, chamada Pioneiros de Brasília, em 1962. Por ela também passaram o desfile da Miss Universo e um protesto da Associação dos Servidores Postais Telegráficos do Distrito Federal pela ausência de residências para a categoria na capital (SERVIDORES DO DCT, 1962, apud CAMARGO, 2019).

Em 1964 os militares realizaram um golpe de Estado, depuseram o então presidente João Goulart e instauram um regime militar no país. Apesar do centro do poder estar a alguns quilômetros de distância, há relatos de que as manifestações em oposição aos militares aconteciam na W3, pela facilidade de fugir da repressão através das casas das 700, que ainda não tinham grades (BRANDÃO, 2009).

O trabalho minucioso de Camargo (2019) menciona uma fotografia do acervo dos Diários Associados, não publicada na época, provavelmente devido à censura. Ela retrata o líder estudantil Honestino Guimarães em uma dessas manifestações na W3, organizada pela União Nacional dos Estudantes (UNE). Estudante de Geologia da Universidade de Brasília (UnB), foi eleito presidente da UNE em 1971 e preso quatro vezes por sua atuação política. Honestino é preso pela quinta e última vez em

1973, quando é assassinado pela ditadura militar brasileira, virando um símbolo da resistência ao regime (HONESTINO, 2014). Atualmente dá nome a uma das pontes sobre o Lago Paranoá, que previamente se chamava Ponte Costa e Silva, e ao Museu Nacional da República, ambos localizados em Brasília (PONTE, 2023) (DISTRITO FEDERAL, 2016).

Outro evento digno de nota é o desfile do jogador de futebol Pelé pela W3 Sul em 1969, para comemorar seu milésimo gol, num evento cuja função também era de arregimentar popularidade para o regime militar (CAMARGO, 2019).

2.3.3 Anos 70, comércio, lazer, trabalho

Na década de 70 a construção civil deixa de ser o principal setor na economia brasiliense, abrindo lugar para o poder econômico da administração pública; o funcionalismo, que estava se transferindo em peso para a nova capital, passa a representar uma parcela importante do mercado consumidor. Assim, o Plano Piloto passou a dominar a região em termos de emprego, serviços e lazer, que até então se concentravam nas cidades-satélite (CAMARGO, 2019). Além disso, a intensa imigração também fez com que o Distrito Federal saísse de cerca de 540 mil habitantes no início da década para 1,2 milhão ao seu término, gerando necessidade de reorganização do espaço, o que incluiu estruturar mais cidades-satélite.

As comemorações de Natal de 1970, que eram tradicionalmente realizadas pelo Governo do DF na W3 Sul, foram transferidas para o Eixo Monumental, o que pode se relacionar com o cancelamento do já tradicional concurso de vitrines entre os comerciantes devido à falta de apoio da Associação dos Comerciantes do DF. Tais mudanças podem sinalizar alterações nas intenções do governo em relação à avenida ou mesmo mudança nos rumos que a cidade estava tomando (CAMARGO, 2019). No entanto, em 1975 a W3 Sul abriga o “maior carnaval da história” de Brasília, com desfiles de escolas de samba, investimento em ornamentação e iluminação, trio elétrico e estímulo às agremiações carnavalescas.

Neste período, ao mesmo tempo em que a construção do *shopping center* Conjunto Nacional foi finalizada, houve redução dos estacionamentos nos canteiros centrais na avenida por conta do aumento na demanda de circulação e trânsito e pela construção do viaduto ligando as parcelas Sul e Norte da W3. As modificações

provocaram reclamações dos lojistas, que desconfiavam haver favorecimento governamental ao *shopping*. Talvez seja esta a origem da percepção comum entre os brasilienses que vincula o esvaziamento da W3 ao surgimento dos *shoppings* (CAMARGO, 2019). Sobre a expansão dessa nova forma de organização do varejo que chegava ao Brasil, afirma Sousa:

Em 1975, havia sete estabelecimentos desse porte no país, sendo um deles em Brasília (...). O processo de expansão deles, sobretudo devido à ligação do setor de comércio ao ramo imobiliário, pela maioria ser controlada por empresas do ramo de incorporação (SOUZA, 1994, apud SOUSA, 2022), se deu por uma nova dinâmica de organização do capital do setor terciário, imobiliário e de lazer na produção do espaço, o que culminou em uma profunda modificação do desenvolvimento do setor produtivo e dos serviços das grandes cidades (SANTOS; SILVEIRA, 2012, apud SOUSA, 2022). Assim, muitos estabelecimentos de rua, como cinemas, teatros e similares, não só em Brasília, mas também em outras grandes metrópoles mundiais, encontraram abrigos neles, com a justificativa de maior acessibilidade, segurança e centralidade (2023).

Nesta década, a W3 também se consolida como um lugar importante para o lazer da cidade, com destaque para a Pizzaria Roma, que tinha três filiais na avenida e ficava aberta na madrugada. O estabelecimento recebia “de motorista de táxi a ministro, porque nunca foi chique, sempre foi semipopular (CAMARGO, 2019). Também ganham notoriedade os “Pegas do Caseb⁶”: corridas de “racha”, proibidas, entre motoristas jovens, que ocorriam à noite na avenida ou nas suas adjacências (CAMARGO, 2019).

Um evento relevante ocorrido nesta época, em plena ditadura: em 1976 Juscelino Kubitschek morre em um acidente automobilístico. Uma procissão com o corpo do ex-presidente atravessou a W3 Sul, acompanhada por cerca de 10 mil pessoas que cantavam o Peixo Vivo ou o Hino da Independência, e exigiam que o nome da avenida fosse modificado em sua homenagem. Ouviam-se também gritos de “Democracia”, “Viva JK”, “Brasília é de JK” (CAMARGO, 2019).

Alguns aspectos desse fato merecem ser destacados pelo seu caráter insurgente e inaudito: símbolo do pioneirismo e expoente na criação e no início de Brasília, JK virou uma figura fundamental no imaginário brasileiro, mas sobretudo no brasiliense. É possível que essa percepção tenha feito com que o responsável pela criação da capital fosse também o único presidente cujo cortejo fúnebre atravessou

⁶ Caseb: o Centro de Ensino Fundamental Caseb foi a primeira escola pública de Brasília. Abriu em 19 de maio de 1961, com a missão de educar os filhos dos pioneiros, e fica na quadra 909 sul, no Setor de Grandes Áreas Sul (PRIMEIRA, 2023).

especificamente a W3 Sul – e não o Eixo Rodoviário, como ocorreu com Tancredo Neves, por exemplo – sinalizando um simbolismo dos brasilienses para com a avenida que não se limita apenas a sua importância comercial, mas também à construção de afetos e territórios (CAMARGO, 2019).

Além disso, a ocupação da rua por milhares de pessoas, sem a presença de carros oficiais ou batedores, reunidas para homenagear um ex-presidente que se autoexilou e era entendido pelos militares como ameaça pode assinalar uma insurgência dos brasilienses, concretizada na ocupação do espaço público, da rua, não apenas em nome do presidente morto, mas em exigência do retorno da democracia e dos valores que Brasília representava, sobretudo no imaginário dos pioneiros e da geração que havia crescido sob esses valores (CAMARGO, 2019). Alguma coisa acontecia no subterrâneo das subjetividades que se viram desalentadas diante da espécie de derrota que a Ditadura Militar impôs aos valores que elas associavam à construção da capital.

Outro indício disso aparece em uma entrevista em que o poeta Nicolas Behr, comentando sobre a vida brasiliense na década de 70, “observa que, na W3, — havia muitas pichações. Muitas delas eram coletivas. Alguém completava uma frase que já estava lá, ou botava (sic) uma frase antes, ou só colocava uma vírgula” (BEHR, 2004, apud BEAL, 2015).

2.3.4 A decadência: anos 80 e 90, comércios locais e *shopping centers*

Na década de 80, aprofunda-se o processo de decadência do sucesso accidental da W3. O cenário econômico internacional e nacional não se encontra na sua melhor fase, devido à Terceira Crise do Petróleo, o que ocasiona queda nas vendas e aumento do desemprego, gerando ampliação da quantidade de vendedores ambulantes em 1983 (CAMARGO, 2019).

A Associação dos Comerciantes da W3 exige que o governo adote medidas para transformá-la em um “*shopping horizontal*” como resposta ao estabelecimento do *Park Shopping*. Busca-se reverter a mudança no *status* da via, que nos últimos anos já havia deixado de ser o principal centro comercial de Brasília e tinha se transformado em uma via de transporte (CAMARGO, 2019). Segundo Brandão,

Estes novos “templos do consumo”, que ofereciam, além de segurança e facilidade de estacionamento, uma gama variada e sofisticada de comércio e lazer, acabaram por conquistar os antigos usuários do comércio da W3 que, pouco a pouco, foram abandonando aquele espaço, forçando os lojistas a trocarem, gradativamente, a antiga localização de seus estabelecimentos por filiais nestes novos espaços, iniciando, dessa maneira, o processo de decadência da Avenida a partir do fechamento de inúmeras lojas (2009).

Com a consolidação do primeiro centro de compras em Brasília, outros espaços semelhantes entram em funcionamento, sobretudo na década de 90, quando foram abertos quase a totalidade dos *shopping centers* em funcionamento na atualidade: *Park Shopping*, *Pier 21*, *Pátio Brasil* e *Brasília Shopping* (SOUSA, 2022).

Enquanto os lojistas demandavam melhor infraestrutura e investimento, também inicia uma maior preocupação com a segurança, sobretudo na quadra residencial 715 Sul, que carecia de policiamento, iluminação e estacionamentos, segundo moradores. Essa sensação de insegurança altera as vivências e brincadeiras de rua, que vão sendo substituídas pela brincadeira nos pilotis ou dentro de casa. Em paralelo, a W3 Sul é paulatinamente associada com perigo e violência (CAMARGO, 2019).

Um dos aspectos centrais da dinâmica pregressa da W3, sua intensa vida cultural, também encontrava-se com dificuldades: o Teatro Galpão, o Centro de Criatividade e o Cine Cultura foram fechados para reformas em 1982. Em 83, o Cine Cultura é demolido enquanto os problemas do Teatro Galpão se arrastam até 1990, quando começa sua reforma (CAMARGO, 2019).

Outro fato importante dos anos 80 é o fim da Ditadura Militar, em 1985, e a abertura do mercado brasileiro em 1989: a “Feira do Paraguai”, com produtos importados baratos, inicialmente se instala na W3, mas depois é transferida para o estacionamento do Estádio Mané Garrincha, em 1994. Em 1997 a própria W3 Sul recebe um *shopping center*: o *Pátio Brasil*. Ocorre também neste ano a primeira tentativa de revitalização da avenida, por meio do projeto de Lei 1.780/97, que não chega a avançar, mas propunha outros usos além do residencial para a faixa das 700 (CAMARGO, 2019), onde já proliferavam os sobrados, as pensões e os cortiços, que descaracterizavam a destinação e os parâmetros urbanísticos determinados para a área (CAMARGO, 2019), gerando incômodo e preocupação com a manutenção do título de Patrimônio Cultural da Humanidade conferido ao conjunto

arquitetônico do Plano Piloto pela Unesco, em 1987 (BRASIL). Nesse processo de degradação, a “W3 Sul é associada, a partir da última década do Século XX, à insegurança e à criminalidade. Nela, era comum a manifestação de crimes, rachas, gangues e tráfico de drogas” (SOUSA, 2023).

Apesar de todos estes fatores, a vida comercial da avenida nos anos 80 ainda tinha força, com

Esse processo atinge um ponto crucial em 1997. Na madrugada de 20 de abril desse ano, cinco jovens da classe média brasiliense assassinam um homem, queimando-o enquanto dormia em uma parada de ônibus na quadra 703 sul. Um chaveiro, pequeno comerciante da W3 Sul, testemunha a cena e anota a placa do carro em que os jovens estavam, o que possibilitou a posterior identificação dos criminosos. A morte de Galdino, líder indígena do povo Pataxó do Sul da Bahia, que estava para Brasília participar de atividades relativas à demarcação de terras no seu território, foi notícia em jornais de todo o país (CAMARGO, 2019). No processo, a defesa de um dos homicidas alega que haviam pensado se tratar de um mendigo: “Na hora do fato não tinha noção de que a vítima tratava-se de um índio” (sic) (SANEH, 2010).

Mesmo com a enorme repercussão midiática e a pressão dos movimentos sociais e da opinião pública, os jovens cumpriram suas penas com muitas regalias, mal completando quatro dos catorze anos em regime fechado a que foram condenados (ALVES; PAIXÃO, 2017).

Nesse meio tempo, ocorrem outros fatores que contribuem para o esvaziamento comercial da avenida W3 Sul, embora recebam menos notoriedade: a Asa Norte atinge um equilíbrio de ocupação em relação à Asa Sul; a criação de outras Regiões administrativas, como o Sudoeste e Águas Claras, além da maior independência de outras regiões administrativas em relação ao comércio do Plano Piloto, como Taguatinga, Ceilândia, Gama Sobra e Planaltina (que recebem filiais das grandes redes de varejo que ficavam apenas na via); a escassez de oferta imobiliária e a rigidez no uso do espaço no Plano Piloto, o que aumenta custos de aluguel; a instalação de semáforos na W3 Sul (o que levou o brasiliense a usar mais o Eixo Rodoviário, que não tem interrupções no fluxo de carros); a instalação da Estrada Parque Ceilândia (que liga as regiões administrativas a oeste do Plano ao centro de Brasília passando ao largo da W3 Sul) e a implementação do metrô, que

reduziu a circulação de boa parte dos usuários de transporte público na avenida, deslocando-a para o Eixo Rodoviário (SOUSA, 2022).

Também foi relevante a transferência das sedes de entidades governamentais, de bancos e de jornais, para os Setores de Autarquias, Bancários, Comerciais e de Rádio e TV: a cidade se volta para o centro planejado por Lúcio Costa em seu Plano Piloto de Brasília (BRANDÃO, 2009).

2.3.5 Anos 2000/2010: idas e vindas nas tentativas de revitalização

Os anos 2000 representaram um movimento de maré cheia e ressaca nas intenções de revitalizar a W3 Sul. Nesse período, desenvolveram-se diversos trabalhos acadêmicos e iniciativas governamentais no sentido de seu resgate e revitalização, mas nenhum logrou resultados efetivos (CAMARGO, 2019).

Estabeleceu-se um discurso de condenação pública de usos distintos da área residencial (para comércio, pensões e hospedarias, por exemplo), ao mesmo tempo em que são construídos prédios que descaracterizam o propósito das áreas entre as 700 e as 900. Ocorre também o agravamento da sensação de violência e insegurança: tiros, assaltos e homicídios acontecem na W3 Sul, o que leva ao uso de grades nas casas das 700, descaracterizando-as ainda mais (CAMARGO, 2019).

Sobre a descaracterização da W3, comentou Niemeyer:

Lembro-me, com tristeza, de minha passagem pela W3. Um amontoado de prédios pessimamente construídos, uns contra os outros, num desacerto inqualificável. Não compreendo como aqueles projetos foram aceitos, nem como a construção foi permitida. São seis quilômetros. Uma favela inconcebível... (DISTRITO FEDERAL, 2002).

Diante das movimentações para a Copa do Mundo do Brasil, da qual Brasília foi uma das cidades-sede, cogitou-se investir na implementação de um Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), ideia que logo foi abandonada pela possível descaracterização do conjunto urbano de Brasília, que é tombado pela UNESCO (SOUSA, 2023).

Atualmente, existe um aparente desinteresse dos proprietários de prédios comerciais da via em garantir a ocupação de seus imóveis, que, pela falta de manutenção e valores altos de aluguel, ficam fechados por anos (CAMARGO, 2019). Também parece que as reflexões sobre o espaço da W3 Sul e a busca de soluções para uma melhor ocupação dele centram-se em uma visão nostálgica e tentativas de

recuperar a dinâmica de seus anos de apogeu comercial, sempre contrapondo a situação atual a este período dourado (SOUSA, 2023).

2.3.6 Os anos 2020 e como será o futuro da “cidade do futuro”

A contemporaneidade parece ter trazido novas reflexões, a partir sobretudo dos anos 20 do século atual, que sugerem outras formas de ocupação do espaço público de Brasília e da W3 Sul. Essas reflexões e possibilidades parecem enfrentar dificuldades para implementação diante de concepções conservadoras ou mesmo corporativistas (SOUSA, 2023), reforçadas inclusive pela representação midiática sobre a via: focada nos problemas do comércio local, intercalam a abordagem entre lembrar da W3 como um lugar tradicional de Brasília ou falar da sua decadência (CAMARGO, 2019).

Em 2019, no governo Ibaneis Rocha (MDB), iniciou-se uma política de requalificação geral da via, com nova iluminação, calçamento, estrutura para o transporte coletivo etc, com o intuito de manter e atrair empresas para a W3, mas sem elaborar soluções com abordagens mais complexas para os desafios que a W3 atual apresenta – como aponta Sousa, trata-se de uma política

baseada em uma ‘fantasia imaginada do que a W3 Sul foi no passado, discurso este emanado pelas autoridades, repetindo a mesma narrativa comungada politicamente desde o último decênio do Século XX’ (2023).

Tal política teve início pouco antes da pandemia de Covid-19 que assolou o mundo e atingiu fortemente o comércio de modo geral pela necessidade de isolamento social. Quando a requalificação começou, a W3 Sul contava com 144 lojas fechadas, segundo levantamento do Sindicato do Sistema Comércio do DF (Sindivarejista-DF) (SINDIVAREJISTA, 2020); no auge da pandemia, em agosto de 2020, atinge a marca de 175 estabelecimentos fechados, número que em meados de 2022 chega a 183 – quantidade maior do que no auge da pandemia, mesmo com a inauguração da reforma em março de 2022 (CAI, 2022).

Em 2020, uma iniciativa de outro caráter foi testada: o projeto “Viva W3” fechava a avenida para a circulação de carros aos domingos e feriados, de modo a permitir sua ocupação por pedestres e ciclistas (SOUSA, 2023). Apesar de amplamente aprovada pela população (ROCHA, 2021), a política foi finalizada com menos de um ano de implementação: os próprios comerciantes da avenida,

representados pelo Sindivarejista, argumentaram pelo seu término devido a uma suposta redução no movimento das lojas por conta do fechamento da via (SOUSA, 2023).

3 O CORAÇÃO DA CIDADE: UMA CARTOGRAFIA SENTIMENTAL

A ocupação de Brasília se inicia pelas quadras do meio da Asa Sul (5, 6, 7 e 8) (BRANDÃO, 2009), com pontos de interesse (escolas, comércio, serviços etc) concentrados espacialmente devido à dificuldade de deslocamento, que gera a necessidade de distâncias caminháveis: “as quadras construídas, quando a gente chegou, eram basicamente a 206, 208, 107,108, 105, 305, 306 – era esse núcleo aqui. E algumas quadras tinham um, dois blocos só, não tinha muita coisa”, aponta Marcos, entrevistado que chegou em Brasília aos 9 anos de idade, em 1961.

Os primeiros residentes fixos da capital foram seus trabalhadores manuais (uma vez que parte dos engenheiros, arquitetos e políticos envolvidos na construção de Brasília iam e vinham de suas cidades de avião, sem permanecerem), seguidos por uma franja do funcionalismo público e de alguns setores privados, como jornais e bancos, que trazia suas famílias (PELUSO, 2003).

Enquanto a cidade planejada ficava pronta, a cidade *real* – o enorme aglomerado de pessoas em um monumental canteiro de obras – tinha necessidades urgentes: moradia, locais para adquirir alimento e bens de consumo, educação, saúde, cultura e arte (PELUSO, 2003). As condições, mesmo com o planejamento, ainda eram um improvisadas:

Não tinha grama, não tinha essas árvores todas, a cidade era mesmo assim, depenada. A gente andava muito a pé por aqui, quase não tinha nada aqui nas entrequadras. A que mais tinha era na 107, onde tinha restaurantes, algumas coisas, era muito bacana. Era um lugar muito legal. Muita coisa funcionava nos prédios mesmo. Lembro que a minha primeira academia de judô funcionava num apartamento [residencial]. Na 107 tudo era improvisado (Marcos, 2023).

Aqui opera uma inversão singular: percorrendo o caminho das cidades não planejadas, tais necessidades surgiram antes de serem previstas e, diante de sua urgência, foram atendidas a partir de usos não planejados do espaço – gerando assim consequências imprevistas (CAMARGO, 2019) no próprio espaço, na organização da cidade, e também nos encontros, afetos e territórios surgidos a partir desses usos. Talvez a principal consequência destes usos não planejados do espaço seja o sucesso acidental da avenida W3.

Em uma cidade planejada, o espaço é pensado e organizado a partir de uma concepção de corpo social ideal – sobretudo no caso de Brasília, com suas

pretensões modernistas e de desenvolvimento nacional somadas às limitações características da periferia do regime colonial-capitalístico, como apontado no capítulo anterior.

A forte noção de que com a “ciência, seria possível **controlar as desordens e os conflitos entre desiguais em interação nos espaços misturados das tradições urbanas convencionais**” (BOMENY, 1991) [grifo nosso] – ou seja, de que, ordenado sob um urbanismo científico e alegadamente racional, o espaço ajudaria a dirimir “conflitos entre desiguais”, ocorridos devido aos “espaços misturados das tradições urbanas convencionais” norteia a criação de Brasília. O objetivo é, portanto, intervir no espaço para criar um corpo social desejável e ser também por ele criado (TIBURRI, 2013).

Um desdobramento micropolítico se soma ao caráter inquestionavelmente macropolítico de planejar a capital de um país: busca-se aqui interferir no espaço de modo a, entre outros efeitos, direcionar as formas com que os encontros, afetos, ressonâncias, reverberações e territórios se dão, gerando consequências sociais e subjetivas pré-determinadas, desejáveis, uma “engenharia” social materializada no planejamento do espaço. Portanto, parece lógico atribuir um sentido insurgente ao “desvio de rota” que levou à mudança de função da W3 – porque, como aponta Suely Rolnik, é “equivocado pensar o corpo coletivo (...) como homogêneo e muito menos estável” (ROLNIK, 2018).

Ao adotar uma configuração familiar para a W3, as necessidades dos pioneiros fizeram-nos esquivar da lógica “dirigista, sem nenhuma diretriz democrática e sem nada que se pudesse chamar de ‘imaginação prazerosa’” (HARVEY, 2014)⁷. Não sendo homogêneo, como todo corpo coletivo, o profundo ânimo de construir o projeto do Brasil central dos pioneiros acabou por construir, à imagem e semelhança das suas cidades de origem, um espaço ao mesmo tempo familiar e absolutamente diferente do que havia naquele contexto (CAMARGO, 2019) – um arranjo que se insurge contra o mesmo projeto para o qual era essencial.

⁷ Harvey aqui comenta as reformas feitas em Paris, nos anos 60, para solucionar os problemas urbanos da cidade à época – mas nos pareceu uma boa descrição do processo levado a cabo na construção de Brasília.

3.1 “Uma aventura fantástica”

O sentimento de aventura inicial se repete no relato dos chamados pioneiros⁸, que chegaram à cidade no início da empreitada brasiliense. Segundo o entrevistado Pontual, 90 anos, vindo para a capital aos 29 em 1961, o período foi “uma aventura fantástica, a gente vir e participar da construção da cidade. Eu participei de reunião de tudo quanto foi jeito” (2023).

Mesmo com os incentivos que foram dados ao funcionalismo público – como a “dobradinha” (política de estímulo em que o Governo Federal dobrava o salário do funcionário público que viesse para Brasília) e acesso a imóveis funcionais, muitos não queriam vir. Como dizia o samba recordado pelo entrevistado Pontual: “o povo do Rio tinha até um samba, ‘Não vou, não vou pra Brasília/ Nem a minha família/ Mesmo que seja pra ficar cheio da grana/ Eu quero é Copacabana’” (sic) (2023)⁹.

Sobre a resistência à transferência da capital e à mudança para Brasília, a entrevistada Magda, 80 anos e chegada em 1961, comenta:

não sei se você conhece o [Palácio da] Alvorada, se já foi mais lá pra dentro, mas tem a estátua de duas meninas¹⁰, e o pessoal falava que eram a Maria Estela e a Márcia¹¹, desesperadas que iam ter que sair do Rio pra Brasília (2023).

Essa oposição aparece nas falas de todos os pioneiros entrevistados, seja para mencionar familiares que não queriam migrar, descrever a situação política da época ou narrar como essa resistência virou uma piada entre os brasilienses: repetiu-se o relato sobre os “lacerdinhas” – redemoinhos de vento carregados da poeira vermelha típica do Planalto Central, que eram comuns na época, cujo apelido era uma referência a Carlos Lacerda, então governador do Rio de Janeiro e contrário à construção de Brasília (DAVID NETO; MENDONÇA, 2020):

não tinha muito calçamento, não tinha árvore: cerrado, né? Aí quando o vento soprava forte – hoje não tem mais esse vento – chamava ‘lacerdinha’,

⁸ Parece interessante destacar uma distinção que, nas entrevistas com os que chegaram a Brasília no seu início, pareceu bem clara – embora não tenha sido manifesta em nenhuma fala – a diferenciação entre “pioneiros”, que pareceu serem aqueles para quem foram reservadas as residências funcionais do Plano Piloto, e “candangos”, a quem couberam lotes nas afastadas cidades-satélite.

⁹ Canção de 1960 do sambista e também funcionário público federal, Billy Blanco: “Não vou, não vou pra Brasília/ Nem eu nem minha família/ Mesmo que seja/ Pra ficar cheio da grana/ A vida não se compara/ Mesmo difícil, tão cara/ Eu caio duro/ Mas fico em Copacabana” (GOULART, 2020).

¹⁰ Estátua As Iaras, do escultor mineiro Alfredo Ceschiatti, que fica no espelho d’água do Palácio do Alvorada (MANSUR, 2023).

¹¹ Filhas de Juscelino Kubitschek (MARIA, 2023).

em função do Lacerda, lá do Rio, que fazia aquela confusão, tumultuava tudo. Então se você pegasse [um lacerdinha] (...) se você ficasse no meio daquilo ali, tinha que voltar pra casa e tomar banho, porque ficava todo encoberto dessa poeira vermelha. Porque quando você saía da W3, por exemplo, eu morava na 104, mas o calçamento da 104 ainda não estava feito, só tinham dois prédios, então o resto era terra, mato, aquela confusão (Magda¹², 2023).

Fotografia 5 — Crianças nos arredores de escola



Fonte: Acervo Peter Scheier do Instituto Moreira Salles (1960)

Na Fotografia 5, crianças andam nos arredores de escola no Plano Piloto, próximo a uma superquadra. A ausência de calçamento e de adultos supervisionando alinha-se aos depoimentos que este trabalho colheu: crianças desbravavam a cidade sozinhas e tudo era muito inicial. Na Fotografia 6, abaixo, vemos crianças no acampamento Sacolândia, também conhecido como Vila Amaury, que seria posteriormente inundado para a implementação do Lago Paranoá (CAMARGO, 2019).

¹² Migrou para Brasília em 1961.

Fotografia 6 — Moradia na Sacolândia, arredores de Brasília



Fonte: Acervo Marcel Gautherot do Instituto Moreira Salles (1958)

Sobre o espírito aventureiro, Camargo, em sua dissertação sobre a paisagem e imaginário da W3 Sul, encontra relatos semelhantes nas suas entrevistas e assinala:

há que se considerar envolvimento comunitário na construção da capital federal. Os pioneiros compartilhavam o sentimento de progresso do país com a construção de Brasília, de orgulho por estar fazendo parte do processo, ou simplesmente de esperança em uma vida melhor a partir dessa nova empreitada. Na W3 habitava uma comunidade, unida, inclusive pela falta de opção. Os vizinhos eram amigos. A mobilidade eram os pés. O ponto de encontro era a W3. Não havia alternativas (2019).

Entre os entrevistados que chegaram a Brasília adultos, o sentimento de aventura e pioneirismo se apresenta de forma intensa, somando-se a uma forte noção de comunidade, como demonstra o depoimento de Carolina, 93 anos, que migrou para a capital em 1961:

havia muito um sentido pioneiro. **Todo mundo se ajudava**, todo mundo se conhecia, todo mundo se relacionava bem, porque **todo mundo estava ajudando a construir a cidade**. Então havia assim, um **espírito muito**

pioneiro, muito camarada, muito de amizade. **Todo mundo vinha de fora, ninguém era daqui** (2023) [grifo nosso],

e também aparece na fala da entrevistada Magda:

no início **todo mundo [tinha] mais ou menos no mesmo objetivo, a gente queria que desse certo, porque ainda tinha probabilidade de voltar pro Rio de Janeiro**. Então existia esse espírito, ‘vamo fazer o Brasil Central’ (2023) [grifo nosso],

e de Pontual: “Havia uma imensa solidariedade, **isso era uma característica de Brasília, que à medida que a cidade foi crescendo, a população foi chegando, começou o medo, porque não existia medo**” (2023) [grifo nosso].

O próprio Niemeyer descreve tal sensação a partir da experiência de morar na quadra 707:

minha transferência para Brasília (...) só se efetivou em agosto de 1958 (...). Nos primeiros tempos vivi como os demais colegas, numa residência da Fundação Casa Popular. Era uma casa simples e acolhedora (...). Apesar dos desconfortos, minha casa estava sempre cheia de companheiros que nela entravam e saíam como se estivessem no próprio escritório. À noite, lá nos reuníamos em longas conversas, não raro fazendo grandes batucadas, tocando violão e pandeiro, batendo em latas e copos, com uma alegria que a solidão provocava (NIEMEYER, 2006, apud CAMARGO, 2019).

Os encontros com pessoas de diferentes origens oportunizados pela chegada a Brasília são mencionados como parte da aventura:

eram pessoas de estados completamente diferentes. Quando eu vim pra Brasília, eu comecei a conhecer comidas e sotaques a que eu não tinha o menor acesso. Morava numa cidade no interior de Minas – então vatapá, caruru, isso tudo a gente estudava na geografia, na hora de comidas típicas, mas não tinha a menor ideia de como era. Aí chega aqui e você tem um estrato de cada população, fora dos internacionais, que também começaram a chegar nas embaixadas (Magda, 2023),

ou do estranhamento diante do outro:

o Eixão, o Eixo Rodoviário, quase não passava carro. A gente brincava lá, a garotada toda assim com 8, 9, 10, 11 anos. Ia pra lá, jogava bola, ficava brincando, porque quase não passava carro. Mas volta e meia o candango, que era o operário da época, morria atropelado, porque vinha o caminhão e eles ficavam paralisados com aquele monstro vindo – era tudo gente do interior que vinha pra cá... Volta e meia a gente via atropelamento de gente num lugar onde quase não passava carro. Por causa da novidade, eles não sabiam reagir (Marcos¹³, 2023).

Em algumas falas dos pioneiros aparece, além de aventura, uma concordância com os valores que nortearam a construção, segundo a entrevistada Paula, vinda aos 2 anos em 1961, de uma utopia: “as pessoas que vieram no começo (...) acreditavam nessa utopia de cidade maravilhosa, com um excelente

¹³ Chega à capital em 1961.

ensino. A gente usava hospital público, que também era de boa qualidade (...)” (sic) (2023). E também:

dentro da filosofia nossa, toda medicina de Brasília seria pública, não existiriam hospitais privados. Então teria um grande hospital central, onde seria o hospital de pesquisa. Como não [o] construíram, essa função foi para o Hospital Distrital. Então nossos meninos foram tratados no Hospital Distrital, era o maior 'barato'. Era um paraíso (Pontual, 2023).

3.2 “Tudo se passava na W3”

Embora não esteja no centro geométrico da cidade, a avenida W3 Sul funcionou como uma espécie de centro de Brasília devido à ocupação da capital ter iniciado em suas proximidades, tanto nas moradias na faixa das quadras 700 quanto nas superquadras, na altura das 300 (BRANDÃO, 2009). Por ser o ponto central entre as áreas mais ocupadas, começou a surgir nela um comércio para suprir as necessidades cotidianas das famílias, que se deslocavam majoritariamente a pé e precisavam acessar serviços e comércio a distâncias “caminháveis”, como comenta Marcos:

Tinha muita casa na W3, naquele núcleo ali, e alguns poucos colégios particulares ali na W4. A maioria dos colégios era pública. A gente estudava nos colégios de Ensino Médio, que era o Caseb, depois tinha o Elefante Branco, e a gente ia a pé. Naquele tempo não tinha transporte, apesar de alguns órgãos fornecerem transporte estudantil (...). Mas normalmente juntava a galera e nós íamos andando pela W3. A W3 era o caminho pra chegar na escola. Atravessava a W3 e chegava ali no Caseb, que fica mais ou menos ali na 8/9, o Elefante fica mais pra a 7, 8. A Escola Normal, que era muito importante, ficava atrás do Elefante. Tudo passava pela W3. Tudo que você fazia pelo caminho, era na W3, porque o comércio aqui era muito tímido, muito pequeno (2023).

Ficavam na W3, ou nas suas proximidades, a primeira escola de Brasília (Jardim de Infância 21 de Abril, de 1959 e hoje incorporado à rede pública, fica na 708), o primeiro hospital permanente (Hospital Distrital de Brasília, hoje Hospital de Base), além do comércio que foi se estabelecendo na faixa das 500, somado também ao comércio ambulante: “um centro de resolver, (sic) encontrar as pessoas, era um centro movimentado (...) Antigamente era muito movimentada” (Paula, 2023).

A fotografia 7, uma imagem aérea da W3 Sul, mostra a concentração de prédios, movimento e pessoas na Asa Sul. Ao longe, na direção do horizonte, é a área que hoje corresponde à Asa Norte – ainda pouco explorada, quase sem construções.

Fotografia 7 — Vista aérea da W3 Sul
BR.ARPDF.SCS.HF.7.6.B.6



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal (1970)

As casas da parte de moradia da W3, localizadas nas 700, foram construídas como residências funcionais para os servidores de algumas empresas, como o Banco do Brasil, o que motivou a uniformidade por bloco, que hoje não existe mais. Nessa vista aérea vê-se tipos diferentes de estabelecimentos na área comercial, todos com as fachadas voltadas para a avenida. Os canteiros centrais ainda eram contínuos, sem cruzamentos no sentido leste-oeste, como existem hoje, e nem semáforos (BRANDÃO, 2009):

Então, as casa na W3 eram uniformes, depois houve uma liberação, então aquela uniformidade por trecho, por bloco – o bloco tinha que ser homogêneo. Aí o governo liberou, então você compra o lote e faz a sua casa com a arquitetura que você deseja. Tem muitas casas muito boas, com subsolo, porque como tinha um limite do gabarito, era muito restritivo, então construíam um andar no subsolo... Algumas casas ainda têm.

Então a W3 era o passeio. Eu trabalhava no Banco do Brasil, naquela agência que ainda existe, e perto tinham lanchonetes, tinham restaurantes, muito bons¹⁴ (Pontual, 2023).

Na fotografia 8, vê-se um lote de imóveis funcionais construídos pela Caixa Econômica Federal.

Fotografia 8 — Casas das quadras 700



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal (1959)

A percepção sobre a W3 enquanto centro comercial histórico, como havia em outras cidades, atravessa diversos depoimentos: “A W3 era o nosso centro, tudo se passava na W3 (Pontual, 2023); “Já foi muito importante no começo de Brasília, tinha restaurantes, agências bancárias, era um coração de Brasília (Carolina, 2023)”.

Também houve relatos que estabelecem a avenida como local de encontro, em que as pessoas tinham hábito de caminhar: “todo mundo se encontrava na Igrejinha¹⁵ ou na própria W3” (Paula, 2023); “frequentava a W3, no início, porque era um dos poucos lugares que tinha pra gente andar. Minha mãe gostava de passear, no fim de semana a gente passeava pela W3 (Magda, 2023); “o programa da gente garoto, adolescente, era andar pela W3. A gente ia andando, até lá... a 14, que aí já começava a não ter nem mais nada construído” (Marcos, 2023).

¹⁴ Relato referente à década de 60.

¹⁵ Igreja Nossa Senhora de Fátima, localizada na entrequadra 307/ 308 e primeira igreja católica de alvenaria construída em Brasília, em 1958 (IGREJA, 2023).

A fotografia 9 mostra o intenso fluxo de pessoas e automóveis na avenida e parece ilustrar utilizações diversas da avenida: o policial, de costas, provavelmente em serviço, observa alguma coisa em uma vitrine; o homem de terno aparenta andar para chegar em algum compromisso de trabalho enquanto as moças em primeiro plano tomam sorvete e parecem perambular despreocupadamente, talvez por ser um dos poucos lugares que havia para caminhar e encontrar pessoas.

Fotografia 9 — Área comercial da avenida W3



Fonte: Arquivo Peter Scheier do Instituto Moreira Salles (1960)

Muitos órgãos públicos essenciais para o funcionamento e instalação dos novos brasilienses também estavam na W3 no início de Brasília, atestando sua centralidade para o funcionamento da cidade:

Tudo, tudo se resolvia na W3, companhia de luz, companhia de água etc. Aqui onde é a Biblioteca Demonstrativa funcionava o GTB (Grupo de Trabalho de Brasília), que distribuía apartamentos funcionais e móveis. Você chegava [em Brasília] e não tinha móveis, e não tinha comércio pra vender os móveis, então eles te davam estante, davam cadeira, davam mesa, era tudo distribuído naquele começo, no início dos anos 60 (Marcos, 2023).

A percepção da via como um centro à moda das cidades tradicionais aparece mesmo com um contato inicial em momentos posteriores ao seu auge comercial, como mostra a entrevista de Diana, 39 anos, que começou a frequentar a W3 no fim da década de 80, ainda criança, e declarou ter pensado à época “ah, que legal, um centro comercial que não é *shopping*” (2023).

Os motivos da ida à W3 Sul variam nas entrevistas, mas focalizam principalmente na busca por comércio e serviços, motivação que se estende até hoje, além de trabalho/ estudo, entretenimento e cultura: Carolina comenta que, entre os anos 60 e 70, “frequentava mais lojas de tecido, roupa (...). Tinha uma boutique – que eu me lembro do começo de Brasília – chamada Magrife, que eu frequentava muito e desapareceu, mais ou menos na altura da 509” (2023). Pontual, bancário, relata uso frequente do comércio e dos serviços nos anos 60:

Eu frequentava uma confeitaria que era perto do Banco, muito perto, eu ia a pé. Porque eu... pra ganhar mais dinheiro, eu pegava às 7h da manhã e largava à meia-noite, e recebia por produção. Porque paralelamente, a Novacap começou a vender os lotes e quem cobrava era o Banco do Brasil. Então imagina, acho que eram 40 mil lotes – eu já soube esse número, mas estou inseguro – então 40 mil lotes, com 40, 48 prestações, o governo vendia para pagar em prestação, então era uma multidão, porque tinha que datilografar cada duplicata. Então eu trabalhava de 7h da manhã e largava meia-noite porque eu vim com algumas dívidas que eu tinha, aí eu ganhava muito bem. E eu ia comer o meu almoço numa padaria que tinha poucas lojas adiante, onde eu comia dois pães, 100g de salame e dois ovos crus. Mas... ganhava uma grana. Que maluquice, né? (sic) (Pontual, 2023).

Fofi, Bibabô, Pioneira da Borracha, Confeitaria Flamingo, A Campineira, Mocambo, Roma, Papelaria Polar, Casa do Barata – lojas tradicionais do comércio de rua brasiliense, que apareceram nas entrevistas como locais com significado nas vidas e histórias das pessoas. Alguns estabelecimentos duraram décadas e, mesmo fechados há anos, fazem parte da memória coletiva de Brasília – outros duram até hoje. Sobre os locais do comércio que frequentava, Paula lembra que, no início de Brasília, “como a cidade era muito vazia, a gente criança (sic) ganhava mesada e ia gastar na W3, nessa Campineira [loja de doces]” (2023).

Carolina comenta:

Tinha também muitas agências bancárias, que fecharam. Hoje tem o Bradesco, mas tinha o Banco Nacional (...), o Banco do Rio Grande do Sul... todos fecharam. O Banco do Brasil na 508 era voltado para a W3, agora é voltado para a entrequadra (W2) (...). Tinha a “Casa do Barata”, em que se comprava material de construção, mas se acabou. Ainda tem aquela Pioneira da Borracha (2023).

A forte característica comercial da avenida aparece na fotografia 10, que mostra transeuntes observando o que parecem ser máquinas de escrever expostas em uma vitrine enquanto os carros passam e as casas das 700, geminadas e padronizadas ao fundo. Marcos aponta que

a maioria dos escritórios, por exemplo, das revistas, jornais, todos ficavam na W3. A Última Hora, O Cruzeiro, vários órgãos... O Globo ficava na rua da Igrejinha, na 107, porque era uma das poucas ruas prontas, mas não tinha nada. Ela [a W3] concentrava o comércio. Por exemplo, a Bibabô, uma loja de departamentos, e tinha as papelarias iniciais, as confeitarias iniciais, os restaurantes que funcionavam à noite eram aqui na 507, eram o Caravela e o Mocambo, o Roma (...) (2023).

Fotografia 10 — Área comercial da avenida W3



Fonte: Arquivo Peter Scheier do Instituto Moreira Salles (1960)

Também foi bastante mencionado o uso da avenida para acessar estabelecimentos nas quadras próximas, como as escolas de Ensino Médio das quadras 900 – Caseb, o Elefante Branco, Rosário, Marista, Dom Bosco (Salesiano) e, posteriormente, as escolas particulares, como o Sigma – e o posto de saúde da quadra 108: “de pessoal o que eu mais me lembro era o posto de saúde em que tomava as vacinas (...) aí ficavam aquelas filas naquele posto da 108 (Paula, 2023).

No início de Brasília a W3 também funcionava para iniciar deslocamentos para mais longe, seja por transporte público ou por carona:

Quando começou a UnB, era 1962, a gente ia – por exemplo, eu morava na 104 – para a W3 e o pessoal parava e você pegava o carro na maior tranquilidade, não existia medo, não existia nada. Porque era difícil passar ônibus, então a carona era quase que uma obrigação. Então o carro passava, via que você estava ali esperando, parava, ‘Você ‘tá indo pra onde?’, ‘Pra Rodoviária, pra não sei aonde’ (sic) (Magda, 2023),

e também

tudo existia na W3, mas a população era muito pequena. Também estava iniciando a indústria automobilística, então o transporte era difícil. Eu tinha uma Kombi que eu ‘fazia carreto’ pra a UnB sic(. Tinha uma turma que já era freguesa, ajudava a pagar a gasolina (Pontual¹⁶, 2023).

Os entrevistados mais jovens relatam usos semelhantes àqueles que lhes antecederam, mesmo que tenham ocorrido posteriormente, no final dos anos 80/ início dos 90. Eles exprimem afetividade em relação aos estabelecimentos comerciais da avenida, assim como os mais velhos apresentam em relação àquelas lojas mais tradicionais:

quando eu era criança a W3 era super badalada, tinha lojas lindas, então a gente ia – eu lembro que tinha as Pernambucanas gigante, a Riachuelo gigante – então as grandes lojas de departamento estavam lá (Diana, 2023)

Além do acesso ao comércio e a serviços na própria avenida, também foi relatada a utilização como via de acesso a estabelecimentos na sua zona de influência, como ilustra a fala de Gabriel, que tinha aulas de bateria em uma escola na via no início dos anos 90: “eu sempre vinha da escola, nas 900 (Sigma), e descia a pé. Lembro que ia equilibrando as baquetas com o dedo até chegar na escola de bateria, que era em dois andares de sobreloja na W3” ¹⁷(2023), e de Diana¹⁸:

fiz curso de inglês na W3, cursinho na W3, frequentava muito pra isso lá. Quando eu estava fazendo a faculdade, eu frequentava também, muito, porque usava papelaria, usava para lanche, sempre a W3 era meu foco. E depois, já formada, eu visitava escritórios lá, tem muitos fornecedores da área de eventos que tinham escritórios na W3 (2023).

Um destaque no uso aparece na entrevista de Miguel Falcão, que, além de utilizar a avenida com a finalidade de trabalho atualmente, também é morador da área residencial, nas quadras 700 Sul.

¹⁶ Segunda metade dos anos 60.

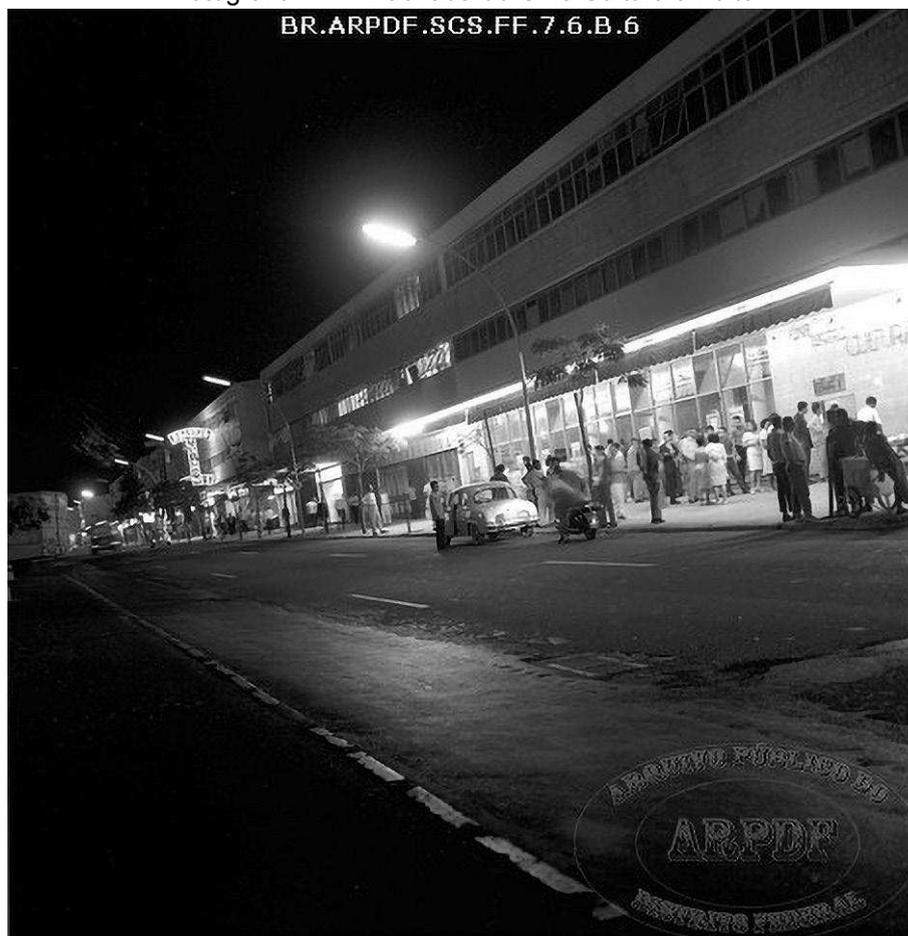
¹⁷ Primeira metade dos anos 90.

¹⁸ Segunda metade dos anos 90.

Todas as entrevistas apontaram, seja como memória afetiva ou como vivência presente, para o uso da avenida para fins culturais, de entretenimento ou lazer. O Cine Cultura, que foi fechado nos anos 80 e cuja fachada aparece na fotografia 11, foi uma unanimidade entre os pioneiros entrevistados.

Fotografia 11 — Fachada do Cine Cultura à noite

BR.ARPDF.SCS.FF.7.6.B.6



Fonte: Arquivo Público do DF (1964)

Apareceu nas entrevistas que esse cinema se contrapunha ao Cine Brasília por exibir filmes mais “culturais”, “de arte”. Um relato sobre o espaço mostra como conseguia ser uma amostra bastante significativa das dinâmicas sociais da época:

Só tinha um cinema, o Cine Cultura. Esse cinema foi um lugar improvisado, ali na W3 (...). E era tão pouca gente que a gente conhecia mais ou menos as pessoas, então na hora que a pessoa entrava, que o casal entrava, a gente já sabia mais ou menos onde ia sentar. A visão do filme era horrível, porque [o local] não foi preparado pra ser cinema. Então qualquer pessoa que sentasse na sua frente, você não enxergava nada. A gente sentava só nas beiradinhas, aí ficava assim [inclina a cabeça] pra conseguir ver os letreiros (Magda, 2023).

Este aspecto da W3, fortemente ligado à cultura e a manifestações artísticas, aparece em diversas entrevistas, com menções ao Teatro da Escola Parque da 307/

308, aos teatros Galpão e Galpãozinho (que depois integrariam o Espaço Renato Russo), ao Teatro dos Bancários (na quadra 314 Sul, dentro da zona de influência da avenida), às comemorações, quermesses e festas:

a Praça 21 de Abril, que é aquela que fica entre a 707/ 708, era muito importante. Tinha quermesse de igreja, de colégio, lá, porque os poucos colégios particulares eram colégios religiosos: Rosário, Marista, Dom Bosco (Salesiano), Maria Auxiliadora... Porque no começo não tinha essas grandes companhias de educação privada. Então no começo era muito ali na W3 (Marcos, 2023).

Nas experiências mais recentes, entre os entrevistados mais jovens, essa característica apareceu marcadamente. Diana recorda que, entre o final dos anos 90 e o início dos 2000,

um grande amigo de infância montou o primeiro escritório dele, na W3: ele era profissional de teatro, então montou uma companhia de teatro que foi crescendo, e lá eu conheci várias pessoas e personagens bacanas, pessoas que vestiam de *drag*, faziam personagens infantis, que são **pessoas que eu acabei levando pra minha vida, pessoas especiais** (2023) [grifo nosso].

Os entrevistados Gabriel Coaracy e Miguel Galvão também trazem isso em suas falas, dado seu envolvimento profissional com a cultura. Miguel aponta que

[atualmente] tem um SESC na 504 Sul e você tem um [Centro Cultural] Renato Russo, na 508 Sul. No caminho você passa na 507, pelo antigo Cine Cultura, que era um cinema, que acho que fechou no final dos anos 80, tem a Biblioteca Demonstrativa... (2023).

Gabriel, baterista profissional por muitos anos, comenta que foi na W3, no início dos anos 90, onde iniciou o aprendizado do instrumento que seria sua profissão no futuro: “nesse caso bate a memória afetiva do momento em que eu tava evoluindo enquanto músico, que eu nem sabia onde isso ia bater na minha vida” (2023). Posteriormente, ele comenta que, além das aulas de bateria quando mais novo, utilizou também os estúdios musicais para os ensaios de suas bandas entre os anos 90 e 2000, o que propiciou diversos encontros e afetos:

Coisa que eu fiz demais na W3 foi ensair com as minhas bandas, porque lá tem estúdios. Até com o Móveis¹⁹ (...) recentemente (...). Minha vida musical se deve muito à W3. Afetos, amizades consolidadas, porque ali é um lugar que tem muito estúdio (...). Não dá pra dissociar a persona que eu criei hoje da música, tanto na personalidade quanto musicalmente. Então muita coisa veio dali (Gabriel, 2023).

¹⁹ Móveis Coloniais de Acaju, banda brasileira surgida em 1998 que alcançou projeção nacional (MÓVEIS, 2022).

E também menciona que esse não foi um movimento apenas dos grupos musicais de que fez parte, mas de toda uma “cena” brasiliense que gerou bandas que atingiram repercussão nacional:

“Cê sabe da música da *Little Quail*²⁰, ‘Azarar na W3’²¹? ‘Agora é minha vez, vou te azarar na W3’... Essa era a época que a gente vivia, que tinha o *Little Quail*, o Raimundos, Mascavo *Roots*... e ele fez uma música em homenagem à W3. O *Little Quail* foi umas das bandas que pipocou, *Little Quail*, Raimundos, Mascavo *Roots*.

Aí o Raimundos cresceu muito, mas essas outras bandas foram muito relevantes pra nossa identidade aqui e **todo mundo vivia esse contexto de ensaio: todas essas bandas ensaiaram na W3, todas** (COARACY, 2023) [grifo nosso].

Nas entrevistas, também foi declarado que a W3 costumava receber desfiles, comemorações e festas, uma espécie de palco de rua para os encontros e celebrações dos habitantes do Plano Piloto: “No começo de Brasília tinha os desfiles de escola de samba do carnaval. Eram feitos ali na W3 (...) depois que mudaram para o Eixo, para a Torre de televisão, mas antes era na W3” (Carolina, 2023), como ilustrado na fotografia 12, que demonstra um desfile de bloco de carnaval.

Fotografia 12 — Desfile de bloco de carnaval de Brasília na W3



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal (1960)

²⁰ *Little Quail and the Mad Birds*: banda brasiliense de rock (LITTLE, 2021).

²¹ “Azarar na W3”, *Little Quail and the Mad Birds* (AZARAR, 1993).

Um outro momento, que apareceu em mais de uma entrevista, foi o desfile, na avenida, do jogador de futebol Pelé, em um caminhão de bombeiros no final dos anos 60. O futebol também se entrecruza com a história da W3 por ser lá que os brasilienses comemoravam as vitórias de seus times ou da seleção brasileira, segundo mais de um relato.

Pontual também comentou que não lembra se em 64 ou 65,

eu fui Papai Noel da cidade. Então eu desfilei de carro aberto na W3 todinha, pra receber do prefeito, que era um diplomata, esqueci o nome dele, a chave da cidade. Aí eu fiquei num carro conversível, atrás, aquela coisa... Os meninos por perto, tinha muito menino, hoje não tem mais tanto (2023).

Reforçando o que aparece na mapa cronológico sobre a W3 Sul, foi colhido um relato sobre protestos e o enterro de Kubitschek: “quando tinha qualquer protesto, como teve também o enterro de Juscelino, era lá” (Carolina, 2023).

Eventos pessoais marcantes também apareceram, seja o marco de poder andar de ônibus sozinha pela primeira vez e escolher o lado em que conseguiria ver as placas para não perder o ponto ou um pedido público de casamento na altura de onde hoje é o SESC, na 504 – um fato que se tornou relevante na formação da entrevistada, atualmente cerimonialista especializada em casamentos (Diana, 2023).

Tais usos, eventos, fatos e experiências geraram percepções e dinâmicas muito próprias. Pontual, funcionário do Banco do Brasil transferido do Rio de Janeiro em 1961, aborda seu cotidiano como morador, trabalhador e sindicalista (do Sindicato dos Bancários²²):

Olha, eu morava na W3, mas como eu fui cassado²³, tive que me mudar. Mas eu morava na W3 e trabalhava na W3. Eu ia de bicicleta da 714, onde era minha casa, chamava quadra 45. E eu trabalhava na agência do Banco que era na W3, na 509 (...) Eu era membro do sindicato, e a W3 tinha gabaritos diferenciados. Lá no Setor Comercial Sul tinha prédios de 4 andares, 6 andares... Acho que tem até hoje. E o sindicato era na cobertura de um desses prédios na W3, então (...) o sindicato era uma participação muito ativa, muito real no meu dia-a-dia (2023).

²² Na época, a sede do Sindicato dos Bancários ficava no Setor Comercial Sul, em um dos prédios contíguos à W3 (SINDICATO, 2012).

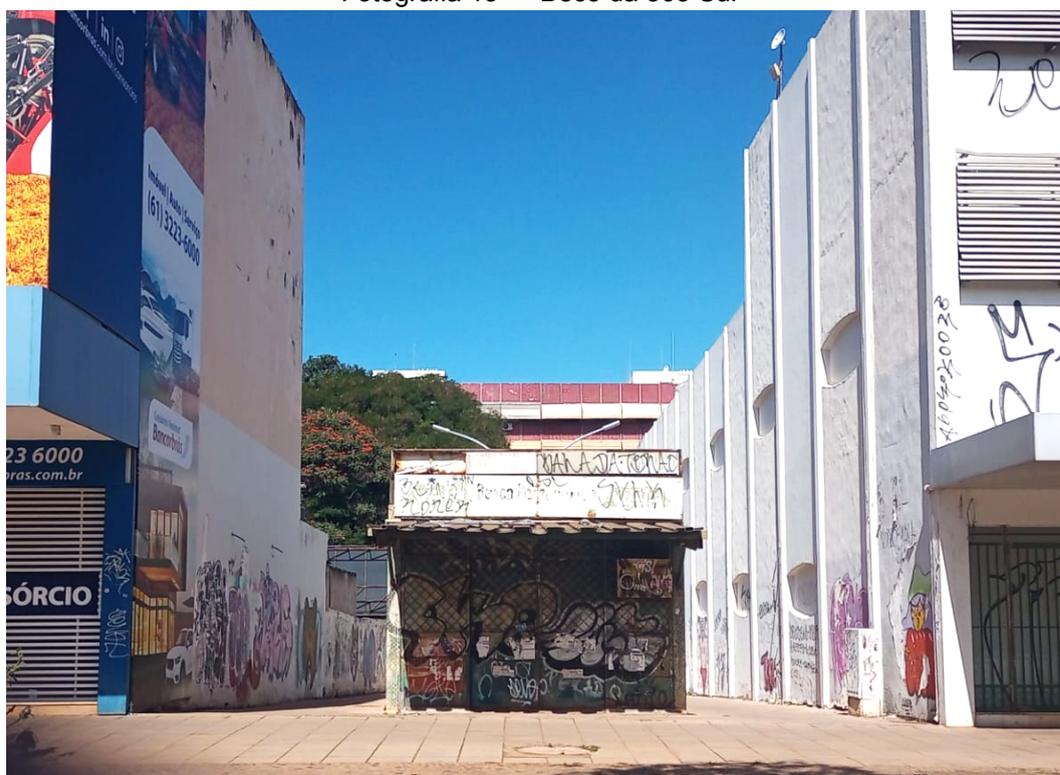
²³ Pontual foi cassado pela Ditadura Militar pela sua atuação na Feub (Federação dos Estudantes Universitários de Brasília) e como sindicalista, perdendo seu cargo de funcionário do Banco do Brasil e o direito ao uso da residência funcional no lote do Banco do Brasil na W3, além de ser desligado da UnB.

3.3 Decadência e nostalgia

Nas entrevistas, surgiram diversas compreensões sobre o processo da chamada decadência da W3. Chama atenção que, apesar dos estudos e relatos apontarem o início desse processo em meados dos anos 70/ início dos 80 e existir uma certa percepção de irreversibilidade em quase todas as falas, virtualmente todos os entrevistados indicaram ainda utilizar a W3 em alguma medida nos dias de hoje, para o comércio de itens específicos, deslocamento ou serviços.

Os depoimentos variam entre certo grau de saudosismo e nostalgia até uma visão desesperançosa sobre as possibilidades para a avenida no futuro. Falou-se que ela hoje é “mais deserta, ficou abandonada” (Paula, 2023); que “foi sendo depreciada e hoje em dia, ela está muito abandonada. O comércio todo se mudou para *shoppings* que foram aparecendo e hoje em dia ela tem muita igreja evangélica” (Carolina, 2023).

Fotografia 13 — Beco da 503 Sul



Fonte: Autoria própria (2023)

Na fotografia 13, vê-se um dos becos que existem às duplas em cada quadra, no caso na 503 Sul. Cada beco desse tinha uma banca de revista, mas no processo de esvaziamento da W3 – e diante da crescente predominância de meios digitais de

comunicação em detrimento dos impressos – muitas delas mudaram de finalidade ou fecharam. As lojas ao lado, fechadas ou com suas fachadas viradas para a W2, têm paredes cobertas com pichações, assim como a própria banca. Este espaço parece ecoar uma época em que, com o deslocamento realizado majoritariamente a pé, fazia sentido ter passagens para pedestres que, hoje, despertam certo medo pela ausência de pessoas circulando –, ou pela sua presença, a depender do horário.

A entrevistada Diana, de 39 anos, comenta sobre a sua relação com a avenida no decorrer da vida e como foi constituída também nesse processo:

“Eu sou muito ligada às minhas memórias, então eu acho que toda vez que a gente tá falando aqui de W3, me traz alguma memória feliz, me traz uma memória boa, de várias fases da minha vida. Desde criança, quando eu tinha aquela memória de estar andando na rua e as pessoas lindas andando na W3: a W3 era muito bonita, arborizada... Andando com meus pais, fazendo compras, aquela coisa toda.

Depois a fase de estudo, de conhecer gente nova que estuda em outras escolas, de cursinho, e aquelas expectativas que a gente tem de passar no vestibular... foi muito marcante pra mim também. Aí depois na fase adulta, quando você vai já com outras expectativas, e começo a me afetar com a nostalgia – a mesma coisa dos nossos pais: ‘Quando eu vinha aqui não era assim, era mais bonito’. (...) **É sempre uma nostalgia boa, mas assim, uma tristeza, um misto de sentimentos por conta disso. Se era tão bom, por que não pode ser de novo?** (2023), [grifo nosso].

Fotografia 14 — Antiga agência do INSS quadra 502



Fonte: Autoria Própria (2023)

A Fotografia 14 ilustra a saída das organizações, mesmo as governamentais: até 2021 havia uma agência do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) neste prédio, que foi transferida para o Setor de Autarquias Sul (BRASIL, 2021). Outras

tendências perceptíveis na comparação com o período de maior ocupação da avenida e mencionadas em mais de uma entrevista são a inversão das fachadas das lojas para a W2 (com fundos para a W3) e o fechamento dos estabelecimentos.

Ambas as tendências, inclusive, coadunam com a proposta para a área do plano original de Lúcio Costa: estabelecimentos com fachada cega (fechada) para a W3 e comércio e serviços mais espalhados pela cidade, nas áreas comerciais locais das quadras, no Setor Comercial, ou nos zoneamentos específicos, como no caso de bancos e autarquias: “são poucas lojas [que se mantiveram]. A maioria mudou para outras quadras, para os *shoppings*, a cidade também cresceu e a W3 foi perdendo um pouco da importância dela (Carolina, 2023).

A atribuição da deterioração do movimento da W3 Sul à construção de *shopping centers*, uma justificativa com bastante adesão entre os brasilienses, apareceu em várias falas, como no relato de Magda

“a frequência diminuiu, pelo que eu tô lembrando, no Plano Piloto, foi a partir do Gilberto Salomão²⁴, bem depois... Que antes os passeios eram ali, naquela região [da W3]. Aí quando o Gilberto Salomão [surgiu], era um lugar de passeio” (2023).

Olhando essa questão por outro ponto de vista, Miguel adiciona que:

“Eu acho que a W3 foi essa área que absorveu primeiro esse andar na contramão – eu nasci em Salvador mas sempre vivi em Brasília – e eu identifico isso num período muito vinculado com a virada dos anos 90 pros anos 2000, quando começou a ter os *shopping centers* nas cidades, começou a ter o Brasília *Shopping*, *Liberty Mall*, Pátio Brasil... e houve um **direcionamento intencional do convívio para esses espaços, em que não somente você resolvia sua questão de consumo, mas também onde você resolvia sua questão de socialização, cultural etc**” (Miguel, 2023) [grifo nosso].

A preferência pelo formato dos *shopping centers* também foi declarada, pela suposta praticidade e concentração de interesses em um só lugar: Carolina afirmou que frequentava mais a avenida “até os anos 90, quando surgiram os *shoppings* – você se limita mais ao *shopping* porque já tem tudo: comércio, farmácia, restaurante, tem tudo, mais resumido” (2023).

Outras tentativas de compreensão sobre os processos que levaram à decadência da W3 também apareceram nas entrevistas, como na fala de Marcos:

Começaram a construir o Setor Comercial, foram surgindo prédios, escritórios, as pessoas foram se transferindo, começou o SIA, empresas que precisaram crescer foram se transferindo pra lá. Aí ela [a W3] começou

²⁴ O Centro Comercial Gilberto Salomão foi um dos primeiros centros comerciais ao estilo dos *shopping centers* em Brasília (BRASIL, 2020).

a ser esvaziada desse comércio mais opulento. Hoje em dia ela é basicamente de um comércio pequeno, de roupa de criança, uns atacadões, alguns poucos supermercados, algumas lojas de móveis para escritório, loja de pneu, coisas mais simples, que não têm aquele movimento (2023).

Também atravessa boa parte das falas a sensação do crescimento da violência e da falta de segurança em Brasília. De tranquila, com poucas pessoas e um forte sentimento de solidariedade, a cidade narrada passa a ser violenta, com “todos os problemas da cidade grande” (Magda, 2023); “Brasília era uma cidade bem pacata, não tinha essa violência que tem hoje” (Carolina, 2023). A W3 aparece também como um espaço que materializa essa mudança na capital.

Fotografia 15 - Casa abandonada na 703



Fonte: elaboração própria (2023)

A fotografia 15, capturada durante visita de campo, mostra uma casa abandonada com suas paredes externas – as únicas que lhe sobram, pichadas – e janelas quebradas; o contraste com o restante do Plano Piloto Plano Piloto chama atenção, e pode ser motivo para parte do desconforto e a sensação de insegurança mencionados pelos entrevistados.

Miguel, proprietário de estabelecimento na via, relata sua experiência de viver e trabalhar na avenida em meio às questões atuais de segurança:

Acho que tem três anos que eu estou aqui e acho que já foram oito, nove vezes acordando três, quatro da manhã com a loja sendo arrombada – e

isso é muito ruim. A sensação de ser despertado... Porque aí ou era o alarme que acionava a gente ou o vizinho que chegou pra trabalhar no Vitamina Central (...), e aí ‘Cara, entraram na tua loja, está tudo quebrado aqui’. (...). Então assim, isso em mim, particularmente, tem traços até hoje. Todo dia eu acordo seis, sete da manhã pensando ‘Será que tem um sinal de alerta, que aconteceu alguma coisa, quebraram’... isso é algo que eu não desejo pra ninguém (2023).

O aspecto familiar da avenida nos primeiros momentos da cidade, de um espaço configurado a partir das circunstâncias e necessidades que foram surgindo em oposição a sua função planejada, agora parece familiar também nos aspectos negativos de outras cidades:

pra mim assim, é um lugar que é um pouco (e acho meio elitista esse comentário), mas é assim, um “esquema” *trash*: fachadas visualmente feias, horrorosas, lojas um pouco decadentes... Mas isso também dá uma coisa legal – quem já frequentou espaços de grandes cidades sabe que isso faz a riqueza da cidade. **Não é bonito, mas é a vida, é a realidade ali**, (...) Isso é a verdade (...) **a W3 é mais perto da verdade** (Gabriel, 2023) [grifo nosso].

O sentimento aparece também na fala de Diana sobre o momento atual: “tantas lojas abandonadas, tanta pichação (que é diferente da arte em si que antes tinha), agora uns becos até sendo recuperados, mas muita coisa abandonada ainda, muita loja fechada” (2023) – ou ainda “A vida na W3 foi muito, muito importante, mesmo, mas faz tanto tempo que perdeu a importância que a gente nem lembra direito mais” (Marcos, 2023)

Fotografia 16 — Loja de revelação de fotografias na quadra 504



Fonte: autoria própria (2023)

A calçada vazia da loja na Fotografia 16, tirada em um dia de semana próximo à hora do almoço, é sintomática do que talvez seja uma questão para o resto do Plano Piloto – mas, para a W3 Sul, vem se constituindo como grave

ameaça. A lógica mais geral de Brasília retirava do cotidiano o percurso pelas ruas, a ocupação do espaço público, o encontro dos diferentes no espaço democrático que a rua historicamente representa – mas, desde o princípio, a avenida é uma exceção a isso, com seu comércio, tráfego, moradias e pessoas dividindo espaço em escala humana.

3.4 Um novo momento

As diferenças na construção de território entre as pessoas entrevistadas para este trabalho se expressa, entre outros fatores, a partir de uma discrepância significativa na percepção sobre o futuro da W3. Entre a maioria dos mais velhos, pioneiros, que viveram parte importante de suas vidas com a via como eixo central de comércio, serviços e parte essencial do lazer/cultura e dos encontros, sua decadência parece irreversível e sua importância aparenta ter ficado no passado, mesmo que alguns expressem tristeza ou alguma nostalgia devido à atual situação.

Entre os mais novos essa preocupação apareceu sem ser provocada, com visões diversas que convergiam na necessidade e importância de um futuro em que as pessoas possam frequentar e utilizar a W3, mesmo com visões diferentes sobre como chegar a isso e como esse cenário seria.

Nesse âmbito, a entrevistada Diana, declara:

Eu acho que a gente sempre espera conseguir fazer mais coisas ao ar livre, e acho que os centros comerciais, se você tem essa possibilidade de caminhar, de andar, de não ser manipulado por uma visão que o *shopping* causa (porque dentro do *shopping* você tem ansiedade, quando está na rua, não). Então eu acho que, se fosse pra acrescentar [ao término da entrevista] alguma coisa, seria isso. Que o poder público tivesse um olhar mais atento e a gente conseguisse revitalizar de uma forma que as pessoas voltassem a ter a W3 para utilizar de uma melhor forma (2023),

o que ressoa com a fala de Paula:

Eu gosto muito de usar a W3. Atualmente está tendo uma obra que atrapalha um pouco²⁵, mas é um caminho que eu gosto muito de fazer de carro e ainda uso muitos serviços na W3: cartório, tem aquela loja 'Casa dos parafusos', tem vários comércios a que eu recorro (2023). E tem esse lugar novo, bonitinho, que quando a minha filha veio eu levei, tomei um café com ela, porque é uma ideia muito legal de trazer de volta uma vida à W3 [refere-se ao Infínu]. Eu acho que é um lugar muito bom também pra ter serviços, porque é isso, tem o transporte (2023).

²⁵ Obras de revitalização das calçadas da área residencial (ELEUTÉRIO, 2022)

Saiu-se de um cenário em que as famílias tinham como diversão “fazer o *trottoir*²⁶ pela avenida” (Marcos, 2023), em que se pegava carona com desconhecidos, existia um forte sentimento de solidariedade e os serviços públicos eram utilizados largamente para uma realidade em que caminhar e encontrar-se com pessoas nas ruas gera sentimentos de medo e perigo, como aponta o depoimento de Miguel – sócio de um estabelecimento no comércio da W3 Sul e também morador da porção residencial da avenida, em que segundo ele:

Nós temos áreas de jardim nas partes de trás das casas – não digo nem o jardim privado, digo a área verde, mesmo – essa área raramente é cuidada e apropriada pelos moradores. Em geral, quando você vê uma pessoa utilizando, as pessoas ligam para a polícia, porque não têm o costume de ver essa área sendo ocupada (2023).

Miguel é proprietário do Infinu, um estabelecimento que surge a partir da vontade de consolidar a movimentação feita em torno da economia criativa e da ocupação de espaços públicos realizada pela sua iniciativa anterior, o Picnik. Por dez anos o Picnik realizou eventos unindo empreendedores criativos a brasileiros com interesse em cultura e em ocupar os espaços públicos, acontecendo de forma intermitente em áreas como o Parque da Cidade²⁷ e o Calçadão da Asa Norte²⁸.

Organizado como uma comunidade criativa localizada na quadra 506 Sul, o Infinu parte também da percepção, por parte de seus proprietários, de uma “vocação cultural” do trecho da W3 Sul que fica entre a 504 (onde fica o SESC) e a 508 (onde fica o Espaço Cultural Renato Russo) e vem sendo entendido como um signo de mudança nas perspectivas sobre a W3 Sul²⁹.

Em 2020, o projeto “Viva W3”, uma iniciativa governamental que ganhou grande adesão dos moradores dos brasileiros, fechava a avenida para a circula o de carros aos domingos e feriados de modo a permitir sua ocupa o por pedestres e ciclistas. Longe da sensa o de medo pela ocupa o do espaço público pelo outro mencionada antes, “do nada as pessoas começaram a se enxergar na rua. Vizinhos, crianças... Acho que foi um movimento muito saudável e impressionante, das

²⁶ Chama aten o que o termo *trottoir*, utilizado aqui, mudou de sentido com o passar dos anos, deixando de se referir ao ato de andar pelas calçadas e passando a se referir ao caminhar que as trabalhadoras sexuais fazem nas calçadas à espera de clientes (TROTTOIR, 2023).

²⁷ Parque localizado na Asa Sul de Brasília (PARQUE, 2021).

²⁸  rea pública assemelhada a uma praça localizada na Asa Norte de Brasília,   beira do Lago Paranoá (ASA NORTE, 2023)

²⁹ Foram encontradas diversas matérias jornalísticas trazendo este enfoque – Perotto e Moreira, (2020), Almeida (2023), Oliveira (2019) etc e um artigo científico que aborda o estabelecimento e esta possível tendência de mudança, por Diogo Sousa (2023).

peças se verem e cair aquele véu da coisa insegura – pelo contrário, as pessoas se sentiram bem” (Miguel, 2023). No entanto os próprios comerciantes solicitaram o encerramento do projeto ao GDF por, supostamente, reduzir o movimento das lojas devido ao fechamento da via para veículos, o que interditou uma possibilidade importante de ocupação desse espaço público.

Paralela a tais movimentações de reconfiguração da W3, existe também uma mentalidade que supostamente parte da necessidade de proteção diante do aumento da violência urbana, mas que acaba por intensificar as dinâmicas que a aprofundam, como aponta Miguel diante da reação de parte da comunidade próxima ao Infinu:

Tem morador que acha que isso que a gente está fazendo é errado, que o certo era, *deu* 19h, não ter ninguém na rua, não ter nada na rua. Se ele quiser, ele pega o carro dele e vai para um restaurante, entra no restaurante, come e volta – eles não conseguem ainda perceber que esse é o modelo que [ocasiona que] fique cheio de cara no estacionamento do supermercado vendendo droga, que fique cheio de “cracudo”... A cidade depois das 23h, meia-noite, tomada. Aqui na Asa Sul, depois das 23h, é forte isso, é mais fácil comprar uma pedra de *crack* do que comprar um pedaço de filé *mignon* (2023).

Fotografia 18 - Parada de ônibus na quadra 514



Fonte: Autoria própria (2023)

A W3 ainda apresenta características que vão na contramão desta tendência, já bem avançada, de esvaziamento. Sua semelhança com a rua das cidades tradicionais e um transporte público mais funcional do que o do resto da cidade

(exemplificado na parada de ônibus da Fotografia 18) – entre outras singularidades da avenida – possibilitam ainda hoje o caminhar, abrigando encontros:

Brasília não foi planejada para ser, mas acabou virando uma grande bolha e ali, onde circulam os ônibus, é muito fácil de pular, descer. Talvez pela diversidade de lojas, de oferta, ela [a W3] favorece a circulação de uma maior diversidade de pessoas: ela e a Rodoviária [do Plano Piloto], ela deselitiza um pouco (não tanto, porque tem todo tipo de loja e de atividade lá). Ali circula gente, tem um lado mais cidade com a gente conhece” (Gabriel, 2023).

O antropólogo norte-americano James Holston traz uma contribuição sobre as aspirações modernistas e seus efeitos na construção e efetivação de Brasília enquanto cidade, apesar da “intenção de criar um sistema igualitário de relações de propriedade e de distribuição dos serviços e vantagens na nova capital” (BOMENY, 1991). Ele assinala:

Os brasilienses atribuem frequentemente essa falta de vida nas ruas a vários fatores, como as enormes distâncias que separam os edifícios e a segregação das atividades em setores urbanos delimitados. Mas a explicação mais comum é, ao mesmo tempo, a mais profunda. É o fato de Brasília ‘não ter esquinas’. Essa observação se refere à ausência, em Brasília, de todo o sistema de espaços públicos que as ruas tradicionalmente abrigam em outras cidades brasileiras (...). É uma explicação que usa a esquina como metonímia para **o sistema de troca entre pessoas nas ruas, residências, comércio e tráfego**. É uma explicação que estabelece uma conexão explícita entre os espaços públicos de uma cidade e a vida pública que as ruas proporcionam³⁰ (HOLSTON, 1989) [grifo nosso].

No entanto, a diferença da W3 em relação ao restante do Plano Piloto aparece como observação em uma das entrevistas:

Brasília, cidade-jardim, ela [tem] uma dicotomia porque parece que as coisas são longe, mas elas não são tão longe. Quer dizer, elas até podem ser longe, mas em uma cidade com muita informação acontecendo, você caminharia, não pegaria seu carro. “Ir ali na 13? é longe” mas se você estivesse no Rio de Janeiro, você iria a pé, se tivesse em São Paulo... Porque passaria por uma porrada (sic) de rua, de gente. Então aqui em Brasília você vai ver um monte de lugar lindo, arborizado, mas, nossa, tão longe...

Assim, acho que a W3 ameniza um pouco isso, porque é gente, é ônibus parando, um lugar mais dinâmico no sentido de pessoas e é mais favorável ao transporte público do que ao transporte elitizado individual do carro – pro padrão de Brasília, porque não tem tanta vaga (Gabriel, 2023).

³⁰ *"Brasilienses consistently attribute this lack of street life to several factors, such as the enormous distances separating buildings, and the segregation of activities into discrete urban sectors. But the most common explanation is at the same time the most profound. It is that Brasília "lacks street corners." This observation refers to the absence in Brasília of the entire system of public spaces that streets traditionally support in other Brazilian cities (...). It is an explanation that uses the corner as a metonym for the **street system of exchange between people, residence, commerce, and traffic**. It is one that explicitly draws a connection between the public spaces of a city and the public life streets support"*(HOLSTON, 1989) [tradução da autora].

Miguel apresenta um ponto de vista sobre os movimentos e tendências de cidade que influenciam a dinâmica de Brasília como um todo e o que se tornaria a avenida W3 Sul hoje e no futuro:

O Plano Piloto vem se distanciando muito do seu conceito de ser uma cidade-parque e se aproximando de um lugar de ser uma cidade-museu: uma cidade-museu do modernismo, o que sempre me gerou muita preocupação e um sentimento antagônico porque pra um museu se transformar num cemitério é mudar uma placa.

E esse é o movimento que eu acho que a W3 vem representando nos últimos 20 anos: de **uma cidade que se desconectou de uma certa realidade** – as pessoas estão aqui, mas é difícil ver as pessoas na rua, se apropriando da rua. **Quem se apropria da rua é visto com desconfiança**, logo você vê uma ociosidade dos espaços disponíveis, não somente os espaços públicos, mas é também os espaços comerciais (2023) [grifo nosso].

4 REVITALIZAR PARA QUÊ?

O olhar para o passado que se limita apenas ao aspecto comercial do sucesso da via talvez deixe escapar o elemento humano da equação, uma compreensão que poderia ajudar a criar soluções para a realidade atual da avenida e da cidade que se aproximassem da concepção de direito à cidade de Harvey, definida por ele como “reivindicar algum tipo de poder configurador sobre os processos de urbanização, sobre o modo como nossas cidades são feitas e refeitas, e pressupõe fazê-lo de maneira radical e fundamental” (2014).

Para além das intervenções governamentais na área, a iniciativa privada pode ter um papel essencial no processo de transformação necessário para a avenida W3, mesmo diante da grande burocracia que enfrenta no DF (Miguel, 2023). No entanto, sobretudo em uma contexto em que a distinção entre pioneiros e candangos sequer precisa ser explicada para ser compreendida, é preciso atenção para um possível cenário de “gentrificação”³¹, como apontado por Gabriel:

Daqui a alguns anos, a W3 vai tá *hype*... e gentrificada – o que é ruim também, bom e ruim (...) Mas eu acho que se a estrutura, a urbe de Brasília não mudar, ela vai continuar tendo essa essência aqui: a W3 é um lugar que perpassa a cidade e que todo tipo de pessoas, de todas as classes sociais, vai frequentar. Nesse sentido da estrutura viária e da cidade, isso inibe esse processo de gentrificação porque ali vai circular gente, ali é muito prático (2023).

Uma matéria do Correio Braziliense, de 1980, trazia uma proposta de revitalização concebida por Rubem Valentim, artista plástico baiano que residiu muitos anos em Brasília e foi professor do Instituto de Artes da UnB (Imagem 17).

Ele propunha não apenas uma reformulação na organização espacial da W3 Sul, mas uma transformação na lógica da própria cidade, a começar por uma de suas pedras fundamentais: o carro. Propunha reabrir o Cine Cultura, já fechado à época, fechar a circulação de carros em trechos específicos aproveitando o “núcleo cultural tradicional” na área da quadra 508 e criar “ruas de lazer”, dado o caráter “extremamente agradável das noites brasilienses, com bancos e bandas de música;

³¹ Versão portuguesa de *gentrification*: processos de mudança das paisagens urbanas, aos usos e significados de zonas antigas e/ou populares das cidades que apresentam sinais de degradação física, passando a atrair moradores de rendas mais elevadas (...), o que tende a provocar a valorização econômica da região, aumentando os preços do mercado imobiliário e o custo de vida locais, e levando à expulsão dos antigos residentes e comerciantes (ALCÂNTARA, 2018).

abrir livrarias, teatros, galerias de arte, lanchonetes, bares com cadeiras nas calçadas, cinemas” (W/3, 1980).

Imagem 17 — Matéria “W/3: proposta de reformulação”

W/3: proposta de reformulação

Brasília é uma cidade feita para se andar de automóvel. Esta é a primeira coisa que ocorre às pessoas que aqui chegam e é constatada por tantos quantos vivem aqui. O artista plástico Rubem Valentim, no entanto, pensa diferente. Justamente por isso, ele tem uma proposta de reformulação da Avenida W/3 Sul, “a rua mais tradicional da cidade”, no seu entender.

Rubem Valentim acredita que seja tempo de se começar a mudar a concepção de Lúcio Costa de que Brasília é a cidade do carro e do avião. “É preciso que se comece a motivar o brasileiro a sair de casa, onde ele fica preso pela televisão. Vamos transformar alguns trechos da W/3 em locais agradáveis para que as pessoas possam andar a pé, fruindo esse prazer tão simples e tão saudável”.

Conforme recente entrevista dada por Valentim ao *Correio* sobre o espaço cultural localizado nas imediações da Entrequadra 507/508, sua idéia é no sentido de se começar por ali. “Vamos aproveitar aquele núcleo cultural tradicional e fazer ali calçadas, fechando aquele segmento da W/3 ao tráfego de veículos e transformando - o em uma rua de lazer, alegre, iluminada, onde as pessoas possam se encontrar. Que sejam abertas livrarias, salas de teatro, galerias de arte, cinemas, lanchonetes, pequenos bares com cadeiras nas calçadas, enfim, tudo o que possibilite ao brasileiro

passeios saudáveis curtindo o andar pela rua, os encontros com as pessoas, redescobrimdo tudo isso”.

Para Rubem, as noites de Brasília são extremamente agradáveis e seriam ideais para que as pessoas tivessem um local como esse para ir, com bancos para sentar, enfim, “uma rua que agrada-se à vista e ao espírito. E a cultura está intimamente ligada a isso. Temos, por exemplo, aquele coreto da Praça 21 de Abril. Vamos botar ali bandas de música, como se tinha no interior, tocando música brasileira. Conjuntos de choro, de samba e af estão o Clube do Choro e o Clube do Samba que podem dar a sua contribuição. Vamos fazer a rua da brasilidade, valorizando ali a cultura brasileira, porque o que o brasileiro está procurando é a sua identidade cultural. O Cine Cultura por exemplo, precisa e deve ser reaberto e reformado imediatamente”.

Dentro dessa idéia, Rubem Valentim acredita, que depois de uma primeira experiência, orientada por uma boa campanha que tratasse inclusive da preservação disso tudo pela população, poderia se estender esta proposta a outros trechos da W/3, como a Entrequadra 503/504, que também tem um amplo espaço. “O Dr. José Carlos de Melo, da Secretaria de Viação e Obras, é um homem muito sensível e muito competente, voltado para as artes e que poderia tomar esta minha modesta

sugestão para estudos”.

Também o comércio e o turismo seriam beneficiados com a idéia de Rubem. Ele acredita que se poderia ter um comércio especializado, voltado para o espírito de uma rua como essa que ele propõe. Todos sabem que o comércio da W/3 está, hoje, em franca decadência. Os próprios comerciantes reclamam e dizem que o movimento da rua caiu, por falta de estacionamento e outras coisas mais. Com a dinamização da vida da rua, um comércio que fosse voltado para as atividades que a rua passaria a ter seria bastante lucrativo na opinião de Rubem. “É naturalmente um local como este se tornaria um ponto de atração para turistas que, hoje, chegam, olham a cidade, fotografam, filmam e vão embora sem ter participado em nada de sua vida, ao contrário do que ocorre com outras cidades do País”.

Rubem Valentim acredita que outras pessoas devem opinar a respeito, sugerir outras coisas que podem até trazer contribuições melhores para esta idéia rica e sonhadora, capaz de dar a Brasília uma nova vida. - Brasília precisa ter alma e são duas as coisas que traduzem uma cidade: suas ruas e seus artistas. Uma rua viva, com alma, e que fosse capaz de juntar poetas, pintores, artistas, músicos e a população em torno da atividade cultural seria uma maneira efetiva de se buscar algo que falta no coração dos que vivem aqui: a identidade de Brasília.

Fonte: Acervo Correio Braziliense (1980)

O artista encerra sua argumentação chamando as pessoas a contribuírem com a discussão sobre os rumos avenida (num contexto de ditadura militar e em uma realidade em que, no Distrito Federal, ainda não se elegia representantes, que eram indicados pelo Governo Federal) e afirma:

Brasília precisa ter alma e **são duas as coisas que traduzem uma cidade: suas ruas e seus artistas**. Uma rua viva, com alma, e que fosse capaz de juntar poetas, pintores, artistas, músicos e a população em torno da atividade cultural seria uma maneira efetiva de se buscar **algo que falta no coração dos que vivem aqui: a identidade de Brasília**” (W/3, 1980) [grifo nosso].

Valentim responde, de forma sensível, à pergunta feita por Miguel durante sua entrevista, que parece relevante para entender os desígnios que podem orientar uma construção de futuro para a avenida:

Falam muito de revitalizar, mas revitalizar pra virar o quê? A referência é sempre a Brasília de trás. W3? Fala Bibabô, Pioneira da Borracha... Super respeito a história, as conquistas, as posições... Mas que negócio vai abrir hoje como a Pioneira da Borracha, com muito funcionário, muito estoque, muita área? (2023).

Estes mais de 20 anos de iniciativas governamentais para revitalização da W3 partem de reforçar o estigma de insegurança e de falta de estrutura atuais, em comparação com seu passado comercial glorioso – uma visão que vem baseando essas “políticas públicas desde a década de 1990, por diferentes governos de diferentes matizes ideológicas. Porém, nenhuma delas conseguiu atingir os seus propósitos iniciais” (SOUSA, 2022).

Talvez porque, como comenta o arquiteto vencedor do Concurso Público de Preliminares de Arquitetura e de Urbanismo para Revitalização das Vias W3 Sul e W3 Norte (PORTAL, 2002), realizado pelo Governo do Distrito Federal (GDF) em 2002, Frederico Flósculo³²:

as propostas de “revitalização” de sucessivos governos (Roriz, Arruda, Agnelo, Rollemberg) são superficiais, cosméticas e visivelmente ineficientes. Isso revela a péssima qualidade técnica e científica (no sentido da ciência humana, social, psicológica e de negócios) da mentalidade de sucessivos governos do DF. Esses governos têm somente uma tecla: a ocupação adensada e congestionadora da cidade (2017).

Assim como o sinal da cruz cristã que origina o traçado de Brasília, ou a encruzilhada, que é um dos templos de Exu (o portador do axé, energia vital na mitologia afro-brasileira), trajetórias possíveis se colocam diante da capital, para que ela decida. A história da W3 e as subjetividades nela entrelaçadas podem trazer elementos importantes para pensar isso. Nesse sentido, com uma sensibilidade que talvez desponte por estar na linha de frente dessa disputa de projetos, Miguel pontua em sua entrevista que “a cidade é um organismo vivo, ela escolhe o que é melhor, o que ela quer pra ela. Ela tem que ter inteligência de fazer o filtro, de saber o que ela quer que floresça e o que ela não quer que floresça” (2023).

³² O projeto, apesar de vencedor, nunca chegou a ser implementado pelo GDF (FLÓSCULO, 2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após seis décadas da sua construção, Brasília tem a terceira maior população do país, configurando-se como uma cidade e um corpo social com características particulares, mas que também refletem o contexto brasileiro e da periferia do regime colonial-capitalista. A sua concepção é influenciada pelo pensamento modernista, o que se reflete fortemente na arquitetura de Brasília e na lógica predominante na organização do espaço e das formas como a sociedade brasiliense se configura.

O amálgama de ideais modernistas, nacional-desenvolvimentismo e a forma de operação do regime colonial-capitalístico na periferia do sistema criaram uma cidade onde, “apesar da intenção do traçado urbanístico de Brasília, de estimular a coletividade e rejeitar as divisões por classes, aconteceu exatamente o oposto” (TIBURRI, 2013).

Uma ilustração de como essa lógica influencia as subjetividades apareceu nas entrevistas realizadas para este trabalho: a distinção que sequer parece carecer de explicação entre “pioneiros” (o funcionalismo público e trabalhadores intelectuais destinados ao Plano Piloto, aos incentivos e às benesses) e os “candangos” (os trabalhadores manuais, cujo destino previsto eram as cidades-satélite a dezenas de quilômetros do centro ou o retorno para suas cidades de origem) – ambos igualmente vindos para a capital, em seus primórdios, no espírito de construí-la. Uma divisão social que motiva e alimenta a divisão espacial, que se aprofunda e complexifica até hoje, e por ela é motivada e alimentada também.

No entanto, durante a construção da capital a necessidade de moradias para os pioneiros e suas famílias cria um desvio no planejamento urbanístico da avenida W3 e assim surge o arranjo singular que dá origem ao sucesso da via: uma exceção à organização geral do Plano Piloto, uma realidade que se aproxima da rua como ela se estrutura nas cidades tradicionais. Como um percurso imprevisto de arranjo do desejo que aqui cria um real social a partir das necessidades impostas pela vida, a via carrega, desde o princípio, um caráter contraditoriamente familiar e insurgente.

O caráter insurgente do sucesso (imprevisto e inconveniente) da W3 do passado é origem, testemunho e fruto dos encontros improváveis entre pessoas de diferentes grupos sociais (trabalhadores manuais, funcionários públicos e privados, políticos e comerciantes), de variados locais de origem, sotaques, aparências e

compreensões de mundo. Tais encontros foram ocasionados pela configuração familiar de rua que a avenida assume, aos moldes de como a rua se estrutura tradicionalmente em outras cidades brasileiras: convívio de pessoas, comércio, moradia, trânsito.

Tais encontros, gerados na avenida que se configurou a partir da necessidade de sobrevivência, a partir dos desígnios do desejo que geram movimento no sentido da manutenção e florescimento da vida, criaram um novo mundo, materializado no espaço e no tempo. Um mundo mais próximo da concepção de cidade como um “lugar onde pessoas de todos os tipos e classes se misturam, ainda que relutante e conflituosamente, para produzir uma vida em comum, embora perpetuamente mutável e transitória” (HARVEY, 2014). Surpreendentemente, um mundo semelhante ao que havia sido deixado para trás na migração para a nova capital.

Mas não bastam encontros para que o elemento insurgente, de fuga da expropriação da força vital pelo regime atual, exista. Talvez a disposição para construir novos mundos e o sentimento de aventura sejam também elementos que permitiram e ocasionaram percursos diferenciados do desejo, gerando enorme potência de criação e transformação. A força vital de criação e cooperação, colocadas a serviço da construção daquele novo corpo social, também foram origem, testemunho e fruto desses processos.

No entanto, à medida que Brasília alcança sua configuração planejada, com os comércios locais das quadras fortalecidos, os Setores Comerciais, Bancários, de Autarquias (etc) funcionando e o predomínio do deslocamento por intermédio de carros particulares, cresce a tendência de esvaziamento da função de centro comercial da W3 Sul, função essa que vai sendo cumprida pelos *shoppings centers* e por esses outros dispositivos.

À medida que os anos passam, chegam centenas de milhares de novos candangos e a cidade (assim como o país) passa a ser dirigida por um regime ditatorial, o que deixa fortes vestígios na sua estrutura e lógica de funcionamento. Também aumentam os problemas urbanos, sobretudo no aspecto da segurança. Estas transformações impactaram fortemente a W3, esvaziando-a de pessoas, de motoristas (que passaram a utilizar trajetos mais rápidos, como o Eixo Rodoviário), de moradores e de comerciantes – ela é esvaziada de suas funções e perde sua

antiga centralidade, mergulhando em um processo de decadência, mesmo com iniciativas pontuais que buscam reverter isto.

Neste trabalho observou-se, do ponto de vista macro e micropolíticos, de que forma a subjetividade do brasiliense (seja de nascença ou adoção) se relaciona, afeta e é afetada pela W3 Sul e pelo seu surgimento, ascensão e decadência. Com esta finalidade, foi produzido um mapa cronológico da construção das paisagens vinculadas à avenida com base em revisão bibliográfica sobre a via.

Foi também elaborada uma cartografia sentimental da avenida W3 Sul, que teve como base a realização de pesquisa de campo, consulta ao acervo fotográfico do Arquivo Público do Distrito Federal e ao acervo fotográfico sobre Brasília dos fotógrafos Peter Scheier e Marcel Gautherot (propriedade do Instituto Moreira Salles), além da condução de entrevistas semiestruturadas com oito moradores de capital.

A pesquisa possibilitou uma visão abrangente sobre o passado e presente da avenida W3 Sul e sobre como o brasiliense se relaciona com ela, além de levantar perspectivas sobre visões e tendências para o seu futuro. Como fruto de uma configuração social não planejada, diferente do restante de Brasília, a W3 Sul tem um caráter insurgente em seu DNA, que se intersecciona com os melhores aspectos da utopia de cidade maravilhosa que animou os primeiros brasilienses a se aventurarem no Brasil Central.

As tentativas de revitalização da avenida que vêm sendo realizadas há décadas não conseguem atingir o objetivo de trazê-la de volta à vida que tinha em seu auge – e faz sentido que assim seja, devido às mudanças ocorridas no mundo, na cidade e no brasiliense. O passado, todavia, pode servir de inspiração na medida em que aponta para configurações e arranjos do corpo social que serviam às necessidades das pessoas e, portanto, as necessidades da vida: a ocupação do espaço público, os encontros entre os diferentes, o perambular pela cidade, o transporte público com maior qualidade, a solidariedade entre os brasilienses, os serviços públicos fortalecidos – configurações que muito se aproximam do real direito à cidade para as pessoas que nela viviam: “seu direito a mudar o mundo, a mudar a vida e a reinventar a cidade de acordo com seus mais profundos desejos” (HARVEY, 2014).

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. 2018. "Gentrificação". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>. Acesso em: 28 jun. 2023.

ALMEIDA, Isabella. Símbolo de Brasília, W3 Sul mistura passado e modernidade. **Correio Braziliense**. Brasília, 21 abr. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/04/5087904-simbolo-de-brasilia-w3-sul-mistura-passado-e-modernidade.html>. Acesso em: 23 maio 2023.

ALVES, Pedro; PAIXÃO, Ana Helena. Vinte anos após o crime, assassinos de Galdino reconstroem a vida. **Metrópoles**. Brasília, 20 abr. 2017. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/justica-distrito-federal/vinte-anos-apos-o-crime-assassinos-de-galdino-reconstroem-a-vida>. Acesso em: 02 jul. 2023.

ASA NORTE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Asa_Norte&oldid=65237354>. Acesso em: 01 jul. 2023.

AZARAR na W3. Little Quail and the Mad Birds. 1993. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/little-quail/314744/>. Acesso em: 06 jul. 2023.

BEAL, Sophia. A arte de andar nas ruas de Brasília. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, v. 1, n. 45, p. 65-83, 2015. Quadrimestral. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-4018454>. Acesso em: 03 maio 2023.

BEZERRA, Bruna. Beco da 503 Sul. 1 Fotografia. 2023. 1280x959 pixels. Autoria própria.

BEZERRA, Bruna. Antiga agência do INSS quadra 502. 2023. 1262x958 pixels. Autoria própria.

BEZERRA, Bruna. Casa abandonada na quadra 703. 2023. 1274x960 pixels. Autoria própria.

BEZERRA, Bruna. Loja de revelação de fotografias na quadra 504. 2023. 1279x959 pixels. Autoria própria.

BEZERRA, Bruna. Parada de ônibus na quadra 514. 2023. 2023. 1276x958 pixels. Autoria própria.

BOMENY, Helena. Utopias de cidade: as capitais do modernismo. In: GOMES, Ângela de Castro *et al* (org.). **O Brasil de JK**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 1991. Cap. 7. p. 201-223. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/trabalhos/HelenaBomeny_Utopiasdecidade.pdf. Acesso em: 08 fev. 2023.

BRANDÃO, Vera B. **W3 Sul, ontem, hoje e amanhã** – os dilemas de uma avenida modernista. 8 seminário Docomono-Brasil, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/189.pdf>. Acesso em 01 fev. 2023.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (org.). **Brasília (DF)**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/31>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. 4. ed. Brasília, 2018

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial da Cultura. **Gilberto Salomão**. 2020. Disponível em: <https://bsb60.com.br/pioneiros/gilberto-salomao/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional do Seguro Social. **INSS inaugura em Brasília (DF) nova sede da agência Asa Sul**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inss/pt-br/assuntos/inss-inaugura-em-brasil-ia-df-nova-sede-da-agencia-asa-sul>. Acesso em: 30 jun. 2023.

CAI em 23,1% o total de lojas fechadas na Asa Sul. **Correio Braziliense**. Brasília, 27 jun. 2022. Cidades DF. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2022/06/5018232-cai-em-231-o-total-de-lojas-fechadas-na-asa-sul.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CAMARGO, Laura Ribeiro de Toledo. **Paisagem e imaginário**: configurações da avenida W3 sul em Brasília. 2019. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de

Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35735>. Acesso em: 01 jun. 2023.

CASAS das quadras 700. 1959. 1 Fotografia. 918x945 pixels. Acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

COMÉRCIO informal na W3 Sul. 1960. 1 Fotografia. 614x412 pixels. Acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

CONHEÇA histórias da W3, a avenida das boas lembranças da capital federal. **Correio Braziliense**. Brasília, 28 fev. 2020. Cidades, Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/02/28/interna_cidadesdf,830880/conheca-historias-da-w3-a-avenida-das-boas-lembrancas-da-capital-fede.shtml. Acesso em: 03 ago. 2023.

COSTA, Lúcio. Relatório do Plano Piloto de Brasília. In: REIS, Carlos Madson; VASQUES, Claudia Marina; RIBEIRO, Sandra Bernardes (org.). **Brasília, cidade que inventei**: relatório do plano piloto de Brasília. 3. ed. Brasília: Iphan, 2018. Cap. 3. p. 27-44. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/lucio_costa_miolo_2018_reimpressao_.pdf. Acesso em: 02 jun. 2023.

DAVID NETO, Olavo; MENDONÇA, Vítor. A marcha contra Brasília. **Jornal de Brasília**. Brasília, 01 abr. 2020. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/60anos/a-marcha-contra-brasil/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

DELEUZE, Gilles. Um novo cartógrafo: vigiar e punir. In: DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 33-53.

DESFILÉ de bloco de carnaval de Brasília na W3. 1960. 1024x1024. Acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

DISTRITO FEDERAL. Governo do Distrito Federal. **Museu Nacional do Conjunto Cultural da República (Honestino Guimarães)**. 2016. Disponível em: <https://www.df.gov.br/museu-nacional-do-conjunto-cultural-da-republica-honestino-guimaraes-2/>. Acesso em: 02 ago. 2023.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Formas de apresentação do sofrimento psíquico: alguns tipos clínicos no Brasil contemporâneo. **Rev. Mal-Estar e Subj.**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 94-111, mar. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-6148200400010005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 mai. 2023.

ELEUTÉRIO, Júlia. GDF inicia segunda etapa das obras de revitalização da W3 Sul. **Correio Braziliense**. Brasília, p. 1-1. 28 mar. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2022/03/4996357-gdf-inicia-segunda-etapa-das-obras-de-revitalizacao-da-w3-sul.html>. Acesso em: 01 jul. 2023.

FACHADA do Cine Cultura à noite. 1 Fotografia. 614x412 pixels. Acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

FLÓSCULO, Frederico. **A ascensão e a queda da Avenida W3**. Disponível em: <https://www.olharbrasil.com/2017/11/10/ascensao-e-queda-da-avenida-w3/>. Acesso em: 06 maio 2023.

GAUTHEROT, Marcel. Moradia na Sacolândia, arredores de Brasília. 1958. 1 fotografia. 479x480 pixels. Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/52480>. Acesso em 19 jun. 2023.

GAUTHEROT, Marcel. Vistas aéreas de Brasília. 1958. 1 fotografia. 728x728 pixels. Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/52360>. Acesso em 19 jun. 2023.

GERMANO, Camilla. Censo 2022: Brasília é oficialmente a terceira maior cidade do Brasil. **Correio Braziliense**. Cidades. Brasília, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/06/5105188-censo-2022-brasil-e-oficialmente-a-terceira-maior-cidade-do-brasil.htm>. Acesso em: 06 jul. 2023.

GOULART, Flavio A. de Andrade. **Mais uma crônica da cidade em trabalho de parto**: “não vou pra Brasília”. 2020. Vereda Saúde. Disponível em: <https://veredasaude.com/2020/11/28/mais-uma-cronica-da-cidade-em-trabalho-de-parto-nao-vou-para-brasil/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

HARVEY, David. O direito à cidade. In: HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014. Cap. 2. p. 9-66.

HOLSTON, James. The Death of the streets. In: HOLSTON, James. **The modernist city**: an anthropological critique of Brasília. Chicago: The University Of Chicago Press, 1989. p. 101-118.

HONESTINO Monteiro Guimarães. In: Memórias da Ditadura. Memórias da ditadura: biografias da resistência. Instituto Vladimir Herzog; CNVIVA. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/honestino-monteiro-guimaraes/>. Acesso em: 01 jul. 2023.

IGREJA Nossa Senhora de Fátima. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Igreja_Nossa_Senhora_de_F%C3%A1tima&oldid=65938767>. Acesso em: 28 jun. 2023.

LITTLE QUAIL AND THE MAD BIRDS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Little_Quail_and_The_Mad_Birds&oldid=61245033. Acesso em: 9 jul. 2023.

MANSUR, Rafaela. Conheça a obra de Alfredo Ceschiatti, artista mineiro que criou escultura vandalizada em ato terrorista em Brasília. **G1 Mg**. Belo Horizonte, p. 1-1. 10 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/01/10/conheca-a-obra-de-alfredo-ceschiatti-artista-mineiro-que-criou-escultura-vandalizada-em-ato-terrorista-em-brasilia.a.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MARIA Estela Kubitschek. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Maria_Estela_Kubitschek&oldid=65315955. Acesso em: 20 jun. 2023.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Verbetes Reforma Capanema**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/reforma-capanema/>. Acesso em 10 mai 2023.

MORELLI, Gustavo. Macroplan. **Panorama do Desenvolvimento do Distrito Federal**. Brasília: Ideacom, 2022. 176 p. Disponível em: http://codesedf.org.br/codese_df_livro_diagnostico_df_2022.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

MÓVEIS Coloniais de Acaju. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M%C3%B3veis_Coloniais_de_Acaju&oldid=64727458. Acesso em: 06 jul. 2023.

OLIVEIRA, Rebeca. Criador do Picnik lança Infinu, complexo de lifestyle na W3 Sul. **Metrópoles**. Vida e estilo. Brasília, 01 nov. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/criador-do-picnik-lanca-infinu-complexo-de-lifestyle-na-w3-sul>. Acesso em: 30 jun. 2023.

OLIVEIRA, Rômulo Andrade de. **Brasília e o paradigma modernista**: planejamento urbano do moderno atraso. 2008. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasilgia/trabalhos/OLIVEIRA_noPW.pdf. Acesso em: 01 jun. 2023.

PARQUE da Cidade Dona Sarah Kubitschek. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Parque_da_Cidade_Dona_Sarah_Kubitschek&oldid=62604832. Acesso em: 01 jul. 2021.

PAULA, Marcelo Ferraz de. **Nicolas Behr**: entre as ruas de Brasília e o horizonte de braxília. Disponível em: <https://www.paginasmovimento.com.br/nicolas-behr---entre-as-ruas-de-bras%C3%A9lia.html>. Acesso em: 12 abr. 2023.

PELUSO, Marília Luíza. Brasília: do mito ao plano, da cidade sonhada à cidade administrativa. **Espaço & Geografia**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 01-29, 21 jan. 2003. Anual. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegografia/article/view/39715/30879>. Acesso em: 01 jun. 2023.

PEROTTO, André; MOREIRA, Alfredo. “Rw3sulreição”: uma nova avenida. **Jornal de Brasília**. De passagem. Brasília, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://jornaldebrasilgia.com.br/blogs-e-colunas/de-passagem/rw3sulreicao/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

PONTE HONESTINO GUIMARÃES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ponte_Honestino_Guimar%C3%A9s&oldid=65652456. Acesso em: 7 abr. 2023.

PORTAL Vitruvius. Concurso Público de Preliminares de Arquitetura e de Urbanismo para Revitalização das Vias W3 Sul e W3 Norte. **Projetos**, São Paulo, ano 02, n. 021.01, Vitruvius, set. 2002. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/02.021/2174>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 38, p. 45-59, 28 maio 2013.

PRIMEIRA escola construída em Brasília, Caseb celebra 63 anos. **Jornal de Brasília**. Brasília, 19 maio 2023. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/primeira-escola-construida-em-brasil-caseb-celebra-63-anos/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ROCHA, Kaszenlem. **Viva W3**: última pesquisa da Codeplan mostra que 82% é a favor do projeto de revitalização e uso da avenida para esporte e lazer aos domingos e feriados. 2021. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/viva-w3-ultima-pesquisa-da-codeplan-mostra-que-82-e-a-favor-do-projeto-de-revitalizacao-e-uso-da-avenida-para-esporte-e-lazer-aos-domingos-e-feriados/>. Acesso em: 06 maio 2023.

ROLNIK, Suely. Livro 1. In: ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006. p. 11-94.

ROLNIK, Suely. Prelúdio: palavras que afloram de um nó na garganta. In: ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018. p. 11-146.

ROLNIK, Suely. **Por uma ética do real**. 1990. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/eticareal.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2023.

SANEH, Giuliano. **Competição, Irreflexão, Conformismo**: crítica à cultura da adaptação. 2010. 254 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Cfh, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Cap. 3. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93934/289383.pdf?sequ#page=153>. Acesso em: 01 jul. 2023.

SCHEIER, Peter. Área comercial da avenida W3. 1960. 1 fotografia. 480 x 479 pixels. Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#!/detailpage/16485>. Acesso em: 05 jun. 2023.

SCHEIER, Peter. Área comercial da avenida W3. 1960b. 1 fotografia. 725 x 728 pixels. Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#!/detailpage/16493>. Acesso em: 05 jun. 2023.

SCHEIER, Peter. Arredores de Brasília. 1958. 1 fotografia. 728 x 723 pixels. Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#!/detailpage/16462>. Acesso em: 05 jun. 2023.

SCHEIER, Peter. Crianças nos arredores de escola. 1960. 1 fotografia. 727 x 728 pixels. Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#!/detailpage/16478>. Acesso em: 05 jun. 2023.

SCHEIER, Peter. Trabalhadores. 1960. 1 fotografia. 1200 x 1204 pixels. Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#!/detailpage/16497>. Acesso em: 05 jun. 2023.

SERAPHIM, Ana Paula Albuquerque Campos Costalonga. **Ocupa W3 Sul: de volta ao centro.** 2015. Disponível em: <http://quapa.fau.usp.br/wordpress/wp-content/uploads/2015/11/Ocupa-W3-sul-de-volta-ao-centro.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SINDICATO de Brasília celebra 51 anos com a missão de ampliar conquistas. 2012. Disponível em: <https://contrafcut.com.br/noticias/sindicato-de-brasilia-celebra-51-anos-com-a-missao-de-ampliar-conquistas-08ec/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SINDIVAREJISTA (Distrito Federal). Sindivarejista. **Asa Sul tem 540 lojas fechadas por crise e pandemia.** 2020. Disponível em: <https://www.sindivarejista.com.br/LerNoticia/12752/asa-sul-tem-540-lojas-fechadas-por-crise-e-pandemia>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SOUSA, Diogo Diniz de. A Fantasia de que Será o que Já Foi: Uma observação geográfica sobre a avenida W3 Sul a partir das ações governamentais pós-2019. **Revista Espaço & Geografia**, Brasília, v. 25, n. 1, p. 323-345, 02 jan. 2023. Anual. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegeografia/article/view/43528>. Acesso em: 05 jun. 2023.

TIBURRI, Roberta. O “sujeito sociológico” pelas ruas de Brasília. **Pós**, São Paulo, v. 20, n. 34, p. 126-139, 01 dez. 2013. Fluxo Contínuo. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/81048>. Acesso em: 01 jun. 2023.

TROTTOIR. In: DICIONÁRIO Michaelis. São Paulo: Michaelis, 2023. p. 1. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=aK0XO>. Acesso em: 30 jun. 2023.

VISTA aérea da W3 Sul. 1970. 1 Fotografia. 945x945 pixels. Acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

W/3: proposta de reformulação. **Correio Braziliense**. Brasília, p. 18-18. 11 mar. 1980. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_03&Pesq=rubem%20valentim&pagfis=2606. Acesso em: 11 jul. 2023.

WESTIN, Ricardo. **Modernistas, reformas urbanas e contrabando de arte fizeram Brasil acordar para proteção da cultura**. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-100-anos-modernistas-reformas-urbanas-e-contrabando-de-arte-fizeram-brasil-acordar-para-a-cultura>. Acesso em: 01 jun. 2023.

APÊNDICE A - Questionário da pesquisa

Entrevista para o trabalho de conclusão de curso em Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília “Afetos, território e insurgência em uma cidade planejada: uma cartografia sentimental da avenida W3 Sul”

Autora: Bruna Caroline dos Santos Bezerra

Orientadora: Prof^a. Gabriela Freitas

Parte 1

- e) Nome
- f) Idade
- g) É brasiliense?
 - () Sim, nasci em Brasília/ no DF
 - () Não, migrei de outro local para Brasília/ para o DF
- h) Se não nasceu em Brasília, qual o seu local de origem?
- i) Com que idade veio para Brasília?
- j) Quantos anos reside em Brasília?

Parte 2

- 7. Você frequenta ou frequentou a avenida W3 sul?
 - () Sim () Não*
- 8. Se sim: atualmente, com que finalidade frequenta a avenida W3 Sul?
 - () Trabalho
 - () Comércio
 - () Serviços
 - () Diversão/ Lazer
 - () Outros. Qual? _____
- 9. Se sim: no passado, com que finalidade frequentava a avenida W3 Sul?
 - () Trabalho
 - () Comércio

- Serviços
- Diversão/ Lazer
- Outros Qual? _____

10. Se sim, no passado, quando essa frequência ocorreu? (Marque todas as alternativas que sejam válidas)

- 1958 - 1969
- 1970 - 1979
- 1980 - 1989
- 1990 - 1999
- 2000 - 2009
- 2010 - 2019
- 2019 - atualmente

11. Quais locais do comércio você costumava frequentar mais?

12. Você tem lembranças de eventos ou fatos, pessoais ou não, nesses locais?

13. Você encontrou pessoas que fazem/ fizeram parte da sua vida nesses locais?

14. Como você acha que esses encontros e eventos lhe afetaram?

15. Você tem algo que gostaria de acrescentar sobre as suas experiências, encontros e afetos vivenciados na Avenida W3 Sul?

APÊNDICE B - Transcrição da entrevista com Carolina Silveira

Parte 1

Nome: Carolina Silveira

Idade: 93 anos

É brasiliense? (x) Não, migrei de outro local para Brasília/ para o DF

Se não nasceu em Brasília, qual o seu local de origem? Rio de Janeiro/ RJ

Com que idade veio para Brasília? 31 anos

Quantos anos reside em Brasília? 62 anos

Parte 2

P.: Você frequenta ou frequentou a avenida W3 sul?

Sim, porque já foi muito importante no começo de Brasília, tinha restaurantes, agências bancárias, era um coração aqui de Brasília. Mas com o passar dos anos, Brasília foi crescendo e ela foi sendo depreciada e, hoje em dia, ela tá muito abandonada. O comércio todo se mudou para outros, para *shoppings* que foram aparecendo e hoje em dia ela tem muito igreja evangélica, né?

Era o coração da cidade, mas depois foi crescendo, fazendo *shopping*... Porque quando a gente chegou aqui só existia a Asa Sul, a Asa Norte era um prédio ou outro, depois que fizeram a Asa Norte, primeiro quando inauguraram era Asa Sul. Atualmente saio pouco e, quando saio, é para comer fora ou visitar a casa dos meus filhos.

P.: Atualmente, com que finalidade frequenta a avenida W3 Sul?

Não frequento.

P.: No passado, com que finalidade frequentava a avenida W3 Sul?

Comércio. Tinha a “Casa do Barata”, em que se comprava material de construção, mas se acabou. Ainda tem aquela Pioneira da Borracha, mas são poucas lojas. A maioria mudou para as outras quadras, para os *shoppings*, a cidade também cresceu e a W3 foi perdendo um pouco da importância dela - a W3 Sul, nunca

frequentei a norte.

P.: No passado, quando essa frequência maior aconteceu?

Até os anos 90, quando surgiu os *shoppings* – você se limita mais ao *shopping* porque já tem tudo: comércio, farmácia, restaurante, tem tudo, mais resumido.

P.: Quais locais no comércio a senhora costumava frequentar mais?

Frequentava mais loja de tecido, roupa, até roupa de aluguel. Tinha butikues, que eu me lembro do começo de Brasília, chamada Magrife, que eu frequentava muito e desapareceu, mais ou menos na altura da 509. Tinha também muita agência bancária, que fecharam. Hoje tem o Bradesco, mas tinha o Banco Nacional, do Magalhães Pinto, que era na W3 e desapareceu, tinha do Banco do Rio Grande do Sul, todos fecharam. O Banco do Brasil na 508 era voltado para a W3, agora é voltado para a entrequadra.

Ali tinha o Cine Cultura, que era filme de arte e funcionava um teatro na Escola Parque da 307/308, que vinham peças de fora, não era só o Teatro Nacional... Tinha aquele, mais embaixo, o Teatro dos Bancários, onde aquele grupo, A Culpa é da Mãe, fica na W3, mas atrás do posto de saúde. Acho que fica na 514: o Teatro dos Bancários. Tinha um grupo de teatro aqui de Brasília que fazia a peça “A culpa é da mãe”. Lá é tipo um teatro de arena. Tinha muita vida quando o Teatro Nacional, que infelizmente está abandonado... vinham muitos grupos do Rio, de São Paulo, não só peças de teatro, mas cantores também. E era muito bom porque ali dentro daquele teatro tinha a Sala Martins Pena, a Villa-Lobos e tinha uma outra pequena, de ópera. E ‘tá tudo abandonado lá, porque infelizmente a cultura é onde eles cortam mais a verba. Então o Teatro acho que deve tá há uns 8 a 10 anos parado, estragando. Aí hoje em dia, quando tem que fazer um espetáculo tem que ser no Centro de Convenções ou então naquele Teatro da Unip, lá embaixo, que são até menores.

P.: A senhora lembra de eventos ou fatos marcantes nesses locais? Pode ser pessoal ou não.

No começo de Brasília tinha os desfiles de escola de samba do carnaval, que eram feitos ali na W3. Desfilava, então, principalmente na altura onde era o Cine Cultura, na 7/8. E quando tinha qualquer protesto, como teve também o enterro de Juscelino,

era lá. Os protestos eram pacíficos, não tinha nada de violência: Brasília era uma cidade bem pacata, não tinha essa violência que tinha hoje. Mas os desfiles de carnaval eram todos lá, depois que mudaram para o Eixo, para a Torre de televisão, mas antes era na W3. Era muito focado aqui, era bem central pra todo mundo.

P.: A senhora conheceu pessoas que fazem/ fizeram parte da sua vida nesses locais?

Conheci muitos políticos, porque meu marido era jornalista político. Depois, no final da vida, quando veio a Revolução, que veio assim muita censura, ele passou a escrever a parte internacional, aí a gente frequentava muito as recepções das embaixadas. Frequentava muito também o Cine Brasília, porque tinha os festivais de cinema que a gente sempre ia, que era uma coisa marcante na cidade.

Eu era funcionária do IAP, que depois virou INSS, aí fiz concurso para a Câmara. Então também tinha muito contato com deputados e trabalhei lá até me aposentar.

P.: Qual efeito esses encontros tiveram na vida da senhora?

No começo de Brasília havia muito um sentido pioneiro. Todo mundo se ajudava, todo mundo se conhecia, todo mundo se relacionava bem, porque todo mundo estava ajudando a construir a cidade. Então havia assim, um espírito muito pioneiro, muito camarada, muito de amizade. Todo mundo vinha de fora, ninguém era daqui, então tinha que fazer aquele ambiente mais acolhedor, e havia muito isso. Depois a cidade cresceu muito e espalha, né, então vai se perdendo o contato: muitos mudaram, muitos voltaram para as suas cidades... Mas era uma época muito boa.

Havia um sentido de... não tinha violência, nada, os meninos podiam descer, brincar nas quadras, não tinha perigo, nada, havia muita confraternização, muita solidariedade entre as pessoas.

P.: Então era diferente antes em relação a como é hoje?

Era. Tinha aqui o Hospital de Base, começou depois o Hospital Santa Lúcia, que era Farani, médico do Senado e dono de uma academia de tênis mais ou menos no caminho que vai para o Alvorada, então ele tinha várias salas de cinema e foi um dos fundadores do Hospital Santa Lúcia, que foi o primeiro particular. Mas tinha o Hospital de Base, que era um hospital de excelência quando ele foi fundado. Todo

mundo ficava lá, inclusive quando Tancredo teve o... coisa, né, primeiro ele veio para o Base, depois que foi para São Paulo. Era o hospital mais importante. Foi do início de Brasília.

P.: A senhora gostaria de acrescentar alguma coisa?

Aqui não tinha violência, a cidade era tranquila: as casas não tinham grades, as portarias dos prédios não eram cercadas, o elevador dava no pilotis, depois que foram feitas as portarias, mas no começo era tudo muito aberto, muito mesmo. Eu frequentei e ainda frequento, ainda resolvo muitas coisas na W3.

No começo de Brasília as redações dos jornais ficavam na W3, naquelas casa da W3, na altura da 707. O Correio Braziliense já tinha a sede dele lá no Setor Gráfico, mas as outras, o Cruzeiro, a Manchete, A Hora, Correio da Manhã, eram aqui na 707.

No começo de Brasília era muito importante o Núcleo Bandeirante, que era onde a gente ia fazer as compras – tinha o nome de Cidade Livre.

APÊNDICE C - Transcrição da entrevista com Diana Gomes

Nome: Diana Gomes

Idade: 39

É brasiliense? (X) Sim, nasci em Brasília/ no DF

Quantos anos reside em Brasília? Foi morar for do país com um ano, mas voltou para Brasília aos seis. Sempre estudou e trabalhou na capital.

Pergunta.: Você frequentou ou frequenta a W3 Sul?

Sim.

P.: Com que finalidade?

A W3 sempre fez parte da minha vida, tenho memória afetiva, porque quando eu era criança a W3 era super badalada, tinha lojas lindas, então a gente ia, eu lembro que tinha as Pernambucanas gigante, a Riachuelo gigante, então as grandes lojas de departamento estavam lá, então eu tenho realmente uma memória afetiva.

Meu cursinho eu fiz na W3. Na parte de lazer também, porque eu adorava filmes, então eu ia na *Blockbuster* que ficava na W3, então a gente pegava ônibus, ia na *Blockbuster* só pra alugar filme e voltar, então realmente sempre utilizei, tanto pra trabalho, escritórios que eu ia, estudei lá (estudava no outro lado, nas 700, mas a W3 sempre foi onde eu lanchava, onde eu sempre estava utilizando pra alguma coisa, pra algum fim.

P.: Quais foram as épocas de maior frequência?

A primeira vez que eu fui pra W3, passei a frequentar realmente, tinha em torno de 6, 7 anos, porque eu nasci em Brasília, fui morar em outro lugar e voltei para Brasília, então foi realmente esse “ah, que legal, um centro comercial que não é *shopping*”, então essa ligação mesmo, de memória afetiva. Depois eu frequentei muito em torno dos 14 aos 18, pra estudo. Então eu fiz curso de inglês na W3, cursinho na W3, frequentava muito pra isso lá. quando eu estava fazendo a faculdade, eu frequentava também, muito, porque usava papelaria, usava pra lanche, sempre a W3 era meu foco. E depois, já formada, eu visitava escritórios lá,

tem muitos fornecedores da área de eventos que tinham escritórios na W3. Então, dos meus 6 aos meus 39 anos eu sempre frequentei.

P.: Quais foram os lugares do comércio que utilizou com mais frequência?

Era isso, tanto na parte de lazer quanto vestuário, a parte de cursos e de trabalho.

P.: Tem algum evento ou fato marcante que aconteceu na W3, seja pessoal ou não?

Eu lembro, pra mim foi marcante, que a primeira vez que, adolescente, comecei a poder andar sozinha de ônibus, os primeiros lugares que eu ia sempre foram na W3. E eu lembro que ficava tentando marcar um lugar no ônibus pra sentar que conseguisse ver as placas.

E teve um episódio, uma vez, que eu acabei sentando do outro lado e não consegui marcar o ponto de descer e desci num lugar completamente diferente, descendo a rua ali da W3, e quando eu cheguei no entorno da 504, ali onde tem o SESC hoje, tava tendo um rapaz pedindo uma menina em casamento, em frente a uma loja, então pra mim foi marcante, porque anos depois eu vim a trabalhar com isso, então a gente acaba resgatando umas coisas da memória quando a gente trabalha com elas, então pra mim foi um fato marcante.

P.: Você encontrou pessoas que fazem/ fizeram parte da sua vida nesses locais?

Um grande amigo de infância montou o primeiro escritório dele na W3, e ele era profissional de teatro, então ele montou uma companhia de teatro que foi crescendo, e lá eu conheci várias pessoas e personagens bacanas, pessoas que vestiam de drag, faziam personagens infantis, que são pessoas que eu acabei levando pra minha vida, pessoas especiais. Então tenho essa oportunidade de ter conhecido pessoas lá.

P.: Qual foi o efeito dessas experiências em você?

Eu sou muito ligada a minhas memórias, então eu acho que toda vez que a gente tá falando aqui de W3, me traz alguma memória feliz, me traz uma memória boa, de várias fases da minha vida. Desde criança, quando eu tinha aquela memória

de tá andando na rua e as pessoas lindas andando na W3, a W3 era muito bonita, arborizada, andando com meus pais, fazendo compras, aquela coisa toda.

Depois a fase de estudo, de conhecer gente nova, de cursinho, que estudam em outras escolas e aquelas expectativas que a gente tem de passar no vestibular, foi muito marcante pra mim também.

Aí depois na fase adulta, quando você vai já com outras expectativas e começo a me afetar com a nostalgia – a mesma coisa dos nossos pais: “Quando eu vinha aqui não era assim, era mais bonito”. E a gente vê tantas lojas abandonadas, tanta pichação, que é diferente da arte em si que antes tinha, agora uns becos até sendo recuperados, né, mas muita coisa abandonada ainda, muita loja fechada, então acaba virando uma nostalgia. É sempre uma nostalgia boa, mas assim, uma tristeza, um misto de sentimentos por conta disso. Se era tão bom, por que não pode ser de novo?

P.: Você teria algo a acrescentar?

Acho que, como várias pessoas, a gente sempre espera que o poder público possa olhar para a W3, tanto da parte de atendimento social, porque a gente sabe que a W3 acabou virando um ponto de pessoas que passam necessidades e acabam se abrigando lá embaixo. Também de utilização de drogas, então isso acaba expulsando alguns comerciantes de investirem lá. E eu acho que a gente sempre espera que a gente consiga fazer mais coisas ao ar livre, eu acho que os centros comerciais, se você tem essa possibilidade de caminhar, de andar, de não ser manipulado por uma visão que o *shopping* causa, porque dentro do *shopping* você tem ansiedade, quando está na rua, não. Então eu acho que, se fosse pra acrescentar alguma coisa, seria isso. Que o poder público tivesse um olhar mais atento e a gente conseguisse revitalizar de uma forma que as pessoas voltassem a ter a W3 para utilizar de uma melhor forma.

APÊNDICE D - Transcrição da entrevista de Gabriel Coaracy

Nome: Gabriel Coaracy

Idade: 45

É brasiliense? (X) Sim, nasci em Brasília/ no DF

Quantos anos reside em Brasília? Toda a vida

Pergunta: Você frequenta ou frequentou a avenida W3 sul?

Como todo mundo que mora no Plano, já teve momentos que eu frequentei mais e momentos que menos.

P.: Com que finalidade?

Como nascido e criado aqui, foram vários momentos. Fiquei pensando “qual foi o momento que eu mais me conectei com a W3?” e, sem muitos rodeios, foi quando eu estava no Ensino Médio e fazia aula de bateria na W3. Então foi a época que eu mais frequentei, semanalmente eu estava lá, foram os anos que eu estudei bateria. Foram duas academias, Batera’s beat e depois na do Tif [?], Mister Groove. Então eu sempre vinha da escola, que era nas 900 (no Sigma) e descia a pé, lembro que ia equilibrando as baquetas com o dedo até chegar lá na escola de bateria, que era dois andares de sobreloja na W3. Então assim, nesse caso bate a memória afetiva do momento em que eu tava evoluindo enquanto músico, que eu nem sabia onde isso ia bater na minha vida. Então foi legal, caminhava por lá, via as lojas.

E por outro lado, acho que é uma coisa que muita gente fala, é uma dicotomia, é um paradoxo. Ela tem um lado subaproveitado e decadente, mas no momento em que começa a entrar espaços mais *hype*, ela começa a ficar mais excludente. Então ela é popular, ela é um lugar popular no Plano Piloto e transversal, porque ela atravessa o Plano Piloto.

É um lugar que não é tão segmentado quanto o resto do Plano Piloto. Brasília não foi planejada para ser, mas acabou virando uma grande bolha e ali, onde circulam os ônibus, é muito fácil de pular, descer, e talvez pela diversidade de lojas, de oferta, ela favorece a circulação de uma maior diversidade de pessoas. Ela e a

Rodoviária, ela deselitiza um pouco (não tanto, porque tem todo tipo de loja e de atividade lá). Ali circula gente, tem um lado mais cidade com a gente conhece.

Recentemente, com a Infinu (aquilo lá foi uma sacada muito boa, tu transformar um beco em produção cultural, criativa. Então tenho ido lá nesse sentido, de eventos culturais. Também vem o Espaço Renato Russo, na 508, espaço cultural. Ali é um lugar também que, em várias épocas da vida, parei lá, não só toquei como também construí e frequentei. Também é um outro lugar que bate ali, tudo voltado à cultura. Então esse consumo cultural da W3. O Infinu não é uma novidade porque sempre existiu o Teatro Galpão e o Galpãozinho e o Espaço Cultural Renato Russo, e agora a Infinu veio reforçar isso. Também fiquei sabendo de um conhecido de um conhecido que abriu um *hostel* lá, não sei como está. Pensei “é isso, a galera já está de olho nesses espaços para ocupar e dar aquela *hypada*”. Não conhecia esse *hostel*, mas achei uma ideia bacana, ainda que promova, o *hype* sempre promove, a exclusão, mesmo que não intencional.

P.: E qual foi a época de maior frequência?

Começo dos anos 90. Agora frequento a Infinu, mas bem menos, e em busca de serviços, tem partes que você encontra produtos de casa, de peça, de utensílio doméstico, de ferramenta, produto de limpeza. Outra coisa é oficina, tem bastante ainda, conserto meu carro lá. Tem os coworkings, uns espaços interessantes legais aqui na Asa Norte.

P.: Quais são os eventos, fatos, memórias marcantes na sua vida ou gerais que aconteceram na W3?

Lembro de, tirando sangue com meu pai num laboratório que tinha no setor hospitalar, eu caminhando meio desmaiado na W3, perto da W3. Lembro de uma Brasília que virou do lado do carro, lembro de ver pela janela e meu pai ir lá olhar, sei que foi na W3, lembro de detalhes... De memórias e lembranças muito é nessa época da aula de bateria, que eu caminhava por lá. Mas quando começo a falar, vou lembrando dessa parte cultural ali da W3. Tenho uma memória ruim no sentido mais elitizado de quem vai de carro lá, porque não acho um lugar bom pra andar de carro, horrível. Como eu nunca morei perto da W3, então toda vez que precisava ir

pensava “Hm, W3, vou ter que parar não sei aonde”. Mas isso é pra quem anda de carro, então é confortável... Bem brasileiro esse comentário.

Então assim, pra mim, assim, é um lugar que é um pouco, e acho meio elitista esse comentário, mas é assim, um esquema *trash*, fachadas visualmente feias, horrorosas, lojas um pouco decadentes, mas isso também dá uma coisa legal – quem já frequentou espaços de grandes cidades sabe que isso faz a riqueza da cidade. Não é bonito, mas é a vida, é a realidade ali, não é aquela coisa “Vamos virar uma vila germânica, toda bonitinha com casinhas enxaimel... Não é isso que a gente tem aqui. Isso é a verdade, por isso que eu falo, a W3 é mais perto da verdade. Minhas memórias vêm disso e, na desconstrução de uma pessoa de elite que eu fui criado, é muito legal de chegar e ver. Não acho confortável de chegar do conforto do meu carro com ar-condicionado, mas ali tem coisa pra caramba. Eu tenho essa sensação quando frequento a W3, que devia frequentar mais lá pra resolver aquelas pendências que você precisa resolver no dia-a-dia, provavelmente num preço não tão abusivo como numa comercial.

P.: Você encontrou pessoas que fazem/ fizeram parte da sua vida lá?

Eu tenho memórias de viver momentos, a primeira e única vez na vida que eu toquei de cueca foi num evento na W3, na 508. Era um espetáculo de dança e a gente era a banda que encerrava. O tema era erótico sensual, então a gente resolveu entrar de cueca. Cara, foi muito massa. E eu já conheci afetos ali na balada, em eventos musicais e falei “uaau” e então eu conheci.

P.: Quer acrescentar alguma coisa?

Ali possibilita encontros, ali as pessoas caminham, uma coisa não comum em Brasília. E os encontros aleatórios ali podem acontecer. Mas é claro que no recorte de eventos que podem acontecer – eu tô muito fazendo o recorte dos eventos aqui, pensando na minha vida na W3 e ela tem muito a ver com eventos, com a vida cultural. Então por exemplo, com a aula de bateria lá eu conheci pessoas lá, incríveis, eu aprendi.

Coisa que eu fiz demais na W3 foi ensair com as minhas bandas, porque lá tem estúdios. Até com o Móveis, ali na 700, na W3, inclusive recentemente. O nosso estúdio estava interditado e não sei porque e a gente alugava lá.

Minha vida musical se deve muito à W3. Afetos, amizades consolidadas, porque ali é um lugar que tem muito estúdio. Tinha e tem, pra além das aulas de bateria, desde moleque meu pai ia me deixar nos ensaios na W3. Ali se reforçaram amizades da vida inteira, melhores amigos da minha vida, eles vieram por ali. Eu digo porque o Bois de Gerião, minha banda antes do Móveis, e o Móveis também. O Móveis a gente ensaiou bem menos na W3, mas ensaiou.

Mas além disso, várias experiências musicais e a formação da minha personalidade, a formação do meu caráter musical, a minha socialização. Meu pai se orgulha de dizer “pô, botei a bateria não foi só pela bateria, mas pra ser uma porta de abertura pra você pro mundo” não com essas palavras, mas de formar conexões. E ali, muito aconteceu nesses ensaios na W3, muita história. Minhas primeiras gravações da vida foram na W3, de demo, gravar ensaios. Minhas conexões de amizades e de formação disso, muito aconteceu ali. Não dá pra dissociar a persona que eu criei hoje da música, tanto na personalidade quanto musicalmente. Então muita coisa veio dali.

Em 2004 a gente construiu um estúdio na casa dos meus pais, então muitos dos ensaios foram para lá, mas imagina: eu toco desde 1990 e comecei com vida social musical em 93, 94. E mesmo depois do estúdio lá, continuamos fazendo muita coisa na W3. Então assim, acho que a maior característica foi essa, de consolidar amizades e desenvolver musicalmente e socialmente. Dá pra tirar várias mini-histórias.

‘Cê sabe da música da *Little Quail*, né? “Azarar na W3”: “Agora é minha vez, vou te azarar na W3”. Essa era a época que a gente vivia, que tinha o *Little Quail*, o Raimundos, Mascavo *Roots*... e ele fez uma música em homenagem à W3. O *Little Quail* foi umas das bandas que pipocou, *Little Quail*, Raimundos, Mascavo *Roots*. Aí o Raimundos cresceu muito, mas essas outras bandas foram muito relevantes pra nossa identidade aqui e todo mundo vivia esse contexto de ensaio: todas essas bandas ensaiaram na W3, todas.

Eu faço um paralelo da W3 com o *Mission District*, em São Francisco, Califórnia. Era um bairro majoritariamente latino, de *chicanos*, que ocuparam esse bairro. Mas aí a *hispterzada* começou a chegar e *hypar*, abrir lojas muito legais para quem tem dinheiro e expulsar os mexicanos e ficar caro o aluguel lá. É o debate de *gentrification*, termo que não tem tradução. Mas é isso, é um típico caso de um lugar

que passou a ter lojas massas mas você desce a rua e acha lojinhas de suvenires mexicanos, aí você vê a cultura do bairro rolando ali por trás, mas indo mais pra longe, no aspecto físico. Mas já tem uma galera de olho. É ótimo ter uma Infinu: eu sou público-alvo de lá, tá lindo o lugar, virou outra coisa, outra coisa. Daqui a pouco vai ter só lojas assim...

Mas eu acho que se a estrutura, a urbe de Brasília não mudar, ela vai continuar tendo essa essência aqui: a W3 é um lugar que perpassa a cidade e que todo tipo de pessoas, de todas as classes sociais, vai frequentar. Nesse sentido da estrutura viária e da cidade, isso inibe esse processo de gentrificação porque ali vai circular gente, ali é muito prático. Então todo mundo que vem das satélites, que vem de todos os lugares, acaba passando ali porque tem serviço: ela tá indo trabalhar e aproveita pra fazer alguma coisa, vai ter coisa mais em conta do que nas comerciais.

Fazendo uma reflexão, talvez seja a parte do Plano Piloto que mais possibilite que isso aconteça, porque é um eixo por cima do Eixão em que a vida acontece de um jeito mais democrático, mais acessível, que rompe um pouco a bolha. Essa é uma reflexão sobre a W3, é uma área que mesmo que botem um monte de lojas *fancy*, vai ter uma circulação de gente mais perto de um centro de São Paulo, em que se vê gente andando na rua.

Eu sempre falo que Brasília, cidade-jardim, ela dá uma dicotomia porque parece que as coisas são longe, mas elas não são tão longe. Quer dizer, elas até podem ser longe, mas em uma cidade com muita informação acontecendo, você caminharia, não pegaria seu carro. "Ir ali na 13? é longe" mas se você tivesse no Rio de Janeiro, você iria a pé, se tivesse em São Paulo... Porque passaria por uma porrada de rua, de gente. Então aqui em Brasília você vai ver um monte de lugar lindo, arborizado, mas nossa, tão longe. Assim, acho que a W3 ameniza um pouco isso, porque é gente, é ônibus parando, um lugar mais dinâmico no sentido de pessoas e é mais favorável ao transporte público do que ao transporte elitizado individual do carro, pro padrão de Brasília, porque não tem tanta vaga.

APÊNDICE E - Transcrição da entrevista de Luiz Carlos Pontual de Lemos

Nome: Luiz Carlos Pontual de Lemos

Idade: 90 anos

É brasiliense? (x) Não, migrei de outro local para Brasília/ para o DF

Se não nasceu em Brasília, qual o seu local de origem? Rio de Janeiro/ RJ

Com que idade veio para Brasília? 29 anos

Quantos anos reside em Brasília? 61 anos

P.: Frequentou ou frequenta a W3?

Sim.

P.: Motivo para frequentar atualmente?

Comércio. Alguns comerciantes que, quando preciso, lá vou, de ferragens e para o mecânico.

P.: E o motivo para frequentar antigamente?

Trabalho, comércio, serviços, lazer, moradia... A W3 era bonita, porque tinha sido recém-construída, tinha um piso bonito. Não sei se você já ouviu a história do Fabrício Pedroza, que trouxe pra a W3, aquele desenho da Avenida Atlântica, no Rio... aí... tiraram, foi? E a W3 era uma rua singela... Pequeninha. Depois fizeram, duplicaram.

Então, as casas na W3 eram uniformes, depois houve uma liberação, então aquela uniformidade por trecho, por bloco – o bloco tinha que ser homogêneo, mas aí o governo liberou, então você compra o lote e faz a sua casa com a arquitetura que você deseja. Tem muitas casas muito boas, com subsolo, porque como tinha um limite do gabarito, era muito restritivo, então construíam um andar no subsolo. Algumas casas ainda têm. Então a W3 era o passeio. Eu trabalhava no Banco do Brasil, naquela agência que ainda existe, e perto tinham lanchonetes, tinham restaurantes, muito bons.

. A norte foi construída toda em madeira... Eram uns barracos. Até o restaurante... tinha um alemão famoso, o Berlim – que era de um iugoslavo. E em

cima tinha quartos de aluguel, que era como se fosse um motel. Você podia levar seu namorado lá e pagar. Existe uma história fantástica, de um cara chamado Schmidt, que era um policial. Ele foi com a namorada lá em cima do Berlim. Usou o apartamentinho, lá, e na saída tinha um porteiro, que era um nordestino. Ele não pagou e bateu no nordestino. Esse rapaz foi em casa, pegou uma faca, foi atrás de onde ele trabalhava e matou, com 22 facadas...Tinha um restaurante baiano, também de madeira, muito bom.

Eu não lembro se foi 64 ou 65, em que eu fui Papai Noel da cidade. Então eu desfilei de carro aberto na W3 todinha, pra receber do prefeito, que era um diplomata, esqueci o nome dele, a chave da cidade. Aí eu fiquei num carro conversível, atrás, aquela coisa... Os meninos, tinha muito menino, hoje não tem mais tanto.

Deixa eu ver o que tinha do governo na W3... Tinha o GTB, Grupo de Trabalho de Brasília, que tinha um restaurante, onde hoje é a Biblioteca Pública. Aí tinha o IAPB – como o Banco tinha duas quadras, tinha o IAPB, que servia muito bem, porque era um instituto rico, né, um instituto de aposentadoria e pensão dos bancários. Porque antes da atual lei, do INSS, existiam os institutos por profissão: os marítimos, os bancários — e o instituto dos bancários era muito rico. Então era... Esse posto era mais rico... nós éramos privilegiados, mesmo. Tinha esse posto e depois o Hospital, que chamava Hospital Distrital, que era o HDB, hoje é o Hospital de Base. Porque iria existir, dentro da filosofia nossa, toda medicina de Brasília seria pública, não existiriam hospitais privados. Então teria um grande hospital central, onde seria o hospital de pesquisa. Como não construíram,essa função foi para o Hospital Distrital. Então nossos meninos foram tratados no Hospital Distrital, era o maior barato. Era um paraíso.

E nós ganhávamos a dobradinha. Eu ganhava, no meu caso era assim: o Banco me pagava meu salário contratual, que era X, aí, como vim pra Brasília, aí ele passou a pagar 2X e debitava do governo o segundo X, que era a dobradinha de Brasília. Uma aventura fantástica, a gente vir e participar da construção da cidade. Eu participei de reunião de tudo quanto foi jeito... O povo do Rio tinha até um samba: “Não vou, não vou pra Brasília/ Nem a minha família/ Mesmo que seja pra ficar cheio da grana/ Eu quero é Copacabana”... Um sambinha de carnaval. Então eu tenho um irmão que não quis vir de jeito nenhum. Era a “cariocada”. E eles

tinham certeza que ia voltar pro Rio, porque não ia dar tempo de terminar. A consolidação de Brasília – esse Juscelino era um gênio, esse cara tinha uma energia, construir uma cidade em quatro anos, construir a essencialidade da cidade, que a cidade não foi construída em quatro anos, foi construída em 40, e ‘tá sendo construída até hoje. A consolidação... não dava mais pra desistir quando Jânio chegou.

P.: Qual foi o período de maior frequência no passado?

Década de 60. Olha, eu morava na W3, mas como eu fui cassado, eu tive que me mudar. Mas eu morava na W3 e trabalhava na W3. Eu ia de bicicleta da 14, onde era minha casa, chamava quadra 45. O Banco do Brasil tinha a Quadra 45, pois cada órgão tinha uma quadra para moradia de seus funcionários. Eu entrei na agência do Banco assim que ela foi aberta. Eu vim do Rio e fui indicado para a Agência do Núcleo Bandeirante, mas já tomei posse na W3. E eu trabalhava na agência do Banco que era na W3, na 9. Então eu ia de bicicleta e tinha uma casa muito boa na 45, uma casa do Banco do Brasil, que havia um compromisso do Banco de vender as casas, nós compramos depois.

P.: Quais locais você costumava frequentar mais?

Tinha um restaurante, como chamava... que tinha um vulcão remetendo ao Vesúvio... o Casebre 13, cujo acesso era pela W2. Era muito rica a W3, era o centro da cidade. E tinha outro restaurante que eu não tô me lembrando o nome, ele tinha umas garças... Isso! O Flamingo. Eu frequentava uma confeitaria que era perto do Banco, muito perto, eu ia a pé. Porque eu... pra ganhar mais dinheiro, eu pegava às 7h da manhã e largava à meia-noite, e recebia por produção, porque paralelamente, a Novacap começou a vender os lotes e quem cobrava era o Banco do Brasil. Então imagina, acho que eram 40 mil lotes – eu já soube esse número, mas estou inseguro – então 40 mil lotes, com 40, 48 prestações (o governo vendia para pagar em prestação) então era uma multidão, porque tinha que datilografar cada duplicata. Então eu trabalhava de 7h da manhã e largava meia-noite porque vim com algumas dívidas que eu tinha, aí eu ganhava muito bem. E eu ia comer o meu almoço numa padaria que tinha poucas lojas adiante, onde eu comia dois pães, 100g de salame e dois ovos crus. Mas... ganhava uma grana. Que maluquice, né?

P.: Você lembra de eventos e fatos memoráveis?

Eu era membro do sindicato, e a W3 tinha gabaritos diferenciados, e lá no Setor Comercial Sul tinha prédios de 4 andares, 6 andares... Acho que tem até hoje. E o sindicato era na cobertura de um desses prédios na W3, então a frequência, o sindicato era uma participação muito ativa, muito real no dia-a-dia. A W3 era o nosso centro, tudo se passava na W3. Lá no Setor Comercial tinha uma casa de show, que o nome era húngaro. E construíram um hotel, que o nome era Hotel das Nações, que era de um pessoal do Triângulo Mineiro. Mas esses hotéis foram cosntruídos logo no início, porque o Congresso funcionava aqui, então precisava, né?

Eu lembro de receber o Gagarin, porque eu era o presidente da FEUB (Federação dos Estudantes Universitários de Brasília), mas isso já em 63. Mas a minha chegada aqui foi em 61, quer dizer, essa explosão da W3 foi em 61. Agora, eu recebi o Gagarin na UnB. Eu o recebi, porque eu era importante na época. Estudante na época era muito importante. Hoje não vale mais nada, a instituição “estudante”. Porque o Brasil tinha muito poucos estudantes universitários, eram, acho que uns 100 mil – hoje acho que tá na casa dos 10 milhões... Nessa época havia uma imensa solidariedade, isso era uma característica de Brasília, que à medida que a cidade foi crescendo, a população foi chegando, começou o medo, porque não existia medo. Havia uma ligação entre as pessoas, havia uma solidariedade. Porque quem veio, veio com o mesmo espírito. O Juscelino lançou, então ele tinha que consolidar Brasília, porque senão o próximo governo... Então ele tinha que, antes de sair, abrir o Congresso, tal... e conseguiu. O Itamaraty foi um dos últimos órgãos a chegar. O Rubem Ricupero era o permanente aqui, o Chanceler era o Afonso Arinos desde o governo Jango, ele era o segundo de Afonso Arinos. Mas o Itamaraty estava no Rio e a trazida do Itamaraty foi demorada. A construção de todo o parque do Itamaraty demorou anos.

P.: Quais foram os efeitos dessas experiências?

Foi muito rico. Foi um privilégio, nós fomos privilegiados. Tudo existia na W3, mas a população era muito pequena. Também tava iniciando a indústria automobilística, então o transporte era difícil. Eu tinha uma Kombi que eu fazia carreto pra a UnB. Tinha uma turma que já era freguesa, ajudava a pagar a gasolina.

É... tem pouca gente hoje pra contar essa história.

APÊNDICE F - Transcrição da entrevista de Magda Figueiredo Lemos

Nome: Magda Figueiredo Lemos

Idade: 80 anos

É brasiliense? (x) Não, migrei de outro local para Brasília/ para o DF

Se não nasceu em Brasília, qual o seu local de origem? Barbacena/MG

Com que idade veio para Brasília? 19 anos

Quantos anos reside em Brasília? 62 anos

P.: Você frequenta ou frequentou a avenida W3 sul?

Frequentava a W3, no início, porque era um dos poucos lugares que tinha pra gente andar, então minha mãe gostava de passear, no fim de semana a gente passeava pela W3. Morava na 104 sul, e passeava na W3 ou na Dom Bosco (a pizzaria, que era na 108). Minha mãe admirava muito a W3, a gente tinha uma outra visão do que era a W3 em relação a hoje.

P.: Qual o motivo do uso da avenida atualmente?

Hoje eu frequento a W3 quando preciso comprar alguma coisa específica: loja de ferragem, brinquedo de criança. Comércio e para se deslocar para o Setor Hospitalar, que não existia na época. Existiam dois hospitais, o Santa Lúcia e o São Lucas. Então hoje existe a rede hospitalar lá, então a gente usa a W3 para fazer o acesso.

P.: Quais locais do comércio você costumava frequentar mais?

No início da W3, eu lembro quando a gente veio, só tinha um restaurante, que chamava GTB, que era o único restaurante. Tinham um restaurante que era, assim, um lugar chique, que não tinha muitas coisas, chamava Mocambo. E tinha um italiano, o Adele.

P.: Você tem lembranças de eventos ou fatos, pessoais ou não, nesses locais?

O Pelé desfilou na W3, num carro de bombeiros. E todos os jogadores que eram da seleção, ganharam lotes no Lago Sul. Mas lá não era povoado, então eles

não se interessaram. Há pouco tempo esses jogadores que não têm muito dinheiro reivindicaram os lotes, mas não tinham mais direito. Só tinha um cinema, o Cine Cultura. Esse cinema foi um lugar improvisado, ali na W3, sei lá onde que era... E era tão pouca gente que a gente conhecia mais ou menos as pessoas, então na hora que a pessoa entrava, que o casal entrava, a gente já sabia mais ou menos onde ia sentar. A visão do filme era horrível, porque não foi preparado pra ser cinema. Então qualquer pessoa que sentasse na sua frente você não enxergava nada. Só nas beiradinhas, aí ficava assim [inclina a cabeça] pra conseguir ver os letreiros. A gente conhecia todas as pessoas. Aquele ali trabalhava no DASP, esse aqui trabalhava não sei onde... Quando começou a UnB, era 1962, a gente ia – por exemplo, eu morava na 104 – para a W3 e o pessoal parava e você pegava o carro na maior tranquilidade, não existia medo, não existia nada, porque era difícil passar ônibus, então a carona era quase que uma obrigação. Então o carro passava, via que você estava ali esperando, parava, “Você tá indo pra onde?”, “Pra Rodoviária, pra não sei aonde”.

P.: Quais foram os períodos de maior frequência?

Década de 60. A frequência diminuiu, pelo que eu tô lembrando, no Plano Piloto, foi a partir do Gilberto Salomão, bem depois. Que antes os passeios eram ali, naquela região. Aí quando chegou o Gilberto Salomão, era um lugar de passeio. Pontual: Não existia a ponte, então pra você ir no Gilberto Salomão tinha que ir até o “Bambolê da Sarah” – aquele bambolê do Aeroporto, que existe até hoje, mas não chama mais o Bambolê da Sarah. Naquela época o bambolê estava na moda.

P.: Como você acha que essas experiências lhe afetaram?

Eu acho uma riqueza enorme, você ter participado... Porque se não fosse a capital, ia ser mais uma cidadezinha do interior, né? Mas a gente viu crescer cada espaço. E hoje tem a maior dificuldades de andar nela, cresceu demais. Tem todos os problemas da cidade grande. Antes você tinha tipo uma... Solidariedade. Quer dizer, as pessoas optaram por isso, que eram pessoas de estados completamente diferentes. Quando eu vim pra Brasília, eu comecei a conhecer comidas e sotaques eu eu não tinha o menor acesso. Morava numa cidade no interior de Minas – então vatapá, caruru, isso tudo a gente estudava na geografia, na hora de comidas típicas

mas não tinha a menor ideia de como era. Aí chega aqui você tem um estrato de cada população, fora os internacionais também. Que também nas embaixadas começou a chegar...

[Mostra uma fotografia que foi premiada, tirada por um amigo fotógrafo, da inauguração da Embaixada do Irã. Na fotografia vê-se um homem, de smoking, andando em uma rua sem calçamento, parecendo estar em uma área rural].

A poeira... Quando vinha um vento, não tinha muito calçamento, não tinha árvore, cerrado, né. Aí quando o vento soprava forte – que hoje não tem mais esse vento – aí chamava “Lacerdinha”, em função do Lacerda, lá do Rio, que fazia aquela confusão, tumultuava tudo. Então se você pegasse {um Lacerdinha}, como se fosse uma espécie de ciclone pequenininho. Se você ficasse no meio daquilo ali, você tinha que voltar pra casa e tomar banho, porque ficava todo encoberto dessa poeira vermelha. Porque quando você saía da W3, por exemplo, eu morava na 104, mas o calçamento da 104 ainda não estava feito, só tinham dois prédios, então o resto era terra, mato, aquela confusão.

P.: Quais lugares do comércio na W3 você mais frequentava?

Tinha o abastecimento – mas aí não tem nada a ver com W3 – porque não tinha supermercado, aí alguns, por exemplo, meu pai era da Aeronáutica – tinha um negócio que chamava Subsistência. Aí você tinha um cartãozinho, era um mercado, não era assim um mercadinho porque tinha as coisas, arroz, feijão, açúcar... Aí eu ou a minha mãe, normalmente a gente ia pra fazer a compra. Os aviões traziam as coisas, abasteciam. Só pra você ter uma noção, alface – minha mãe era mineira, então comia couve, alface, essas coisas todas. Aí tinha um ônibus da Aeronáutica que pegava as mulheres dos funcionários, oficiais etc e ia no Núcleo Bandeirante. As coisas chegavam nos aviões – e o Núcleo Bandeirante eram casebres e ia lá comprar, um pé de alface...

P.: Você lembra de fatos ou eventos marcantes que aconteceram na W3? Pode ser pessoal ou não.

Meu pai contava que ele viu o Gagarin. Porque o Gagarin ele era muito importante fora de Brasília, mas aqui ele era só mais um dentro os poucos. E eu lembro do Pelé passando...

P.: E você encontrou pessoas que foram ou são importantes na sua vida?

Muita gente que era meu vizinho lá na 104 nunca mais eu vi, perdemos o contato. Teve um fato marcante que foi um vizinho nosso que ele tinha um irmão gêmeo, que morreu no lago. Um garoto de uns 12 anos, foi nadar e... o lago não era – tava formando.

A gente tinha contato grande, também, na W3, com pessoas que eram importantes, porque Brasília era muito pequenininha, então era tudo muito relativo, importante pra a época... Aí tinha esse lance da carona.

P.: Quais foram os efeitos dessas experiências para você?

Pra mim, foi uma mudança radical. Você sair do interior de Minas, Minas é aquela coisa conservadora... Então, uma outra visão do mundo. Abrir o horizonte pra outras camadas sociais... Parentes meus que eram contra, falavam para minha mãe que ela não devia vir, depois tentaram vir que a gente ficou sabendo, mas aí já não dava mais, porque não tinha casa, não tinha as facilidades do início.

JK era famoso aqui, tinha histórias assim... No filme da vida dele, eles colocaram uma namorada, porque parece que a família abriu mão porque tinha que colocar, né, a história da vida dele, então abriram mão de colocar uma namorada. Mas eram assim, muitas namoradas... As histórias dele eram famosas. Ele era um cara todo simpático, todo agradável... Não sei se você conhece o Alvorada, se já foi mais lá pra dentro, mas tem a estátua de duas meninas e o pessoal falava que eram a Maristela e a Márcia, desesperadas que iam ter que sair do Rio pra Brasília.

APÊNDICE G - Transcrição da entrevista de Marcos Castello Branco

Nome: Marcos Castello Branco, 93

Idade: 71 anos

É brasiliense? (x) Não, migrei de outro local para Brasília/ para o DF

Se não nasceu em Brasília, qual o seu local de origem? Rio de Janeiro/ RJ

Com que idade veio para Brasília? 9 anos

Quantos anos reside em Brasília? 62 anos

P.: Você frequenta ou frequentou a avenida W3 sul?

Tudo era na W3, o programa da gente garoto, adolescente, era andar pela W3. A gente ia andando, até lá, a 14, que aí já começava a não ter nem mais nada construído. Começaram a construir por este núcleo aqui, as quadras construídas quando a gente chegou eram basicamente 206, 208, 107,108, 105, 305, 306, era esse núcleo aqui. E algumas quadras tinham um, dois blocos só, não tinha muita coisa. Tinha muita casa na W3, naquele núcleo aí, e alguns poucos colégios particulares ali na W4 e a maioria dos colégios era público, mesmo. A gente estudava na quadra: de manhã ia pra a Escola Classe e de tarde ia pra escola parque, ou vice-versa, dependendo do horário de cada um. Até ela realmente entrar em decadência, era tudo na W3. Aí começaram a construir o Setor Comercial, foram surgindo prédios, escritórios, as pessoas foram se transferindo, começou o SIA, aí também empresas que precisaram crescer foram se transferindo pra lá, aí ela começou a ser esvaziada desse comércio mais opulento. Hoje em dia ela é basicamente de um comércio pequeno, de roupa de criança, uns atacadões, alguns poucos supermercados, algumas lojas de móveis para escritório, loja de pneu, coisas mais simples, que não têm aquele movimento que tinha. No começo aqui de Brasília não tinha nada, vinha tudo de avião pra cá. O aeroporto era por onde chegava tudo.

A W3 era muito importante, o Cine Cultura realmente foi muito importante. Era o Cine Brasília e o Cine Cultura, que ficavam próximos, porque o Cine Cultura era na 507, na esquina, onde hoje funciona o órgão de assistência social do GDF, e do lado tem um Banco do Brasil, mas o Cine Brasília já funcionava. E tudo era ali, tinha

poucas ruas comerciais aqui, muito poucas, mesmo. Então era isso, Brasília era esse núcleo aqui. E o lazer, na verdade, era no clube. A maioria de nós, que morávamos no Plano Piloto, íamos para os clubes: era o Cota Mil, o Iate, o Moto Náutica e o Clube do Congresso, que era uma viagem de 40, 50 minutos até chegar lá. Em 68 abriu o primeiro *shopping* para nós, que era o Gilberto Salomão. Era bem menor do que ele é, só aquela rua da frente. Um pouco depois inaugurou o cinema lá, que hoje não existe mais, acho que é outra coisa... O Cine Espacial, que tinha três telas, assim, no centro. Era redondo com várias telas, onde você sentasse havia uma tela.

Quando eu cheguei aqui, eu lembro que a W3 não era asfaltada, ainda estavam asfaltando. Não tinha grama, não tinha essas árvores todas, a cidade era mesmo assim, depenada. A gente andava muito a pé por aqui, quase não tinha nada aqui nas entrequadras. A que mais tinha era na 107, onde tinha restaurantes, algumas coisas, mas era muito bacana. Era um lugar muito legal. Muita coisa funcionava nos prédios mesmo. Lembro que a minha primeira academia de judô funcionava num apartamento [residencial]. Na 107 tudo era improvisado.

A maioria dos escritórios, por exemplo, das revistas, jornais, todos ficavam na W3. A Última Hora, O Cruzeiro, vários órgãos... O Globo ficava na rua da Igrejinha, na 107, porque era uma das poucas ruas prontas, mas não tinha nada. Ela [a W3] concentrava o comércio. Por exemplo, a Bibabô, uma loja de departamentos... e tinha as papelarias iniciais, as confeitarias iniciais, os restaurantes que funcionavam à noite, eram aqui na 507, eram o Caravela e o Mocambo, o Roma...

P.: Atualmente, com que finalidade frequenta a avenida W3 Sul?

A última coisa que frequentamos muito na W3 foi o Bar Brasília, na 506, que fechou antes da pandemia, com a morte do dono.

P.: No passado, com que finalidade frequentava a avenida W3 Sul?

A W3 era um centro comercial, onde muitas casas eram clínicas médicas, dentistas, oculistas, pediatras. Eu me lembro que a gente ia muito na W3, e tinha, claro, o Hospital de Base, que era muito mais acessível porque a população era muito menor. Era pequena a cidade, não lembro quantos habitantes tinha, mas tinha algumas poucas dezenas de milhares aqui, que eram mais os funcionários públicos

e as famílias, mesmo. Ela começou a crescer mesmo durante os governos revolucionários, os governos militares. Aí por exemplo: vinha um general gaúcho, como o Médici, e trazia a gauchada toda. Aí nomeava os ministros, que também traziam as pessoas de onde eles vinham. Aí começou a vir sempre muita gente de onde era o presidente e pessoas para trabalhar nos ministérios. E Brasília sempre foi uma ponte aérea entre São Paulo e Rio de Janeiro. E foi assim que o Plano Piloto começou a se expandir e foi se expandindo até esse lugar muito habitado de hoje.

P.: Quando foi essa maior frequência?

Até mais ou menos 80, até os 90, realmente a W3 foi muito importante. Hoje em dia quase a gente não vai lá, nem lembra direito de ir lá, quando você lembra de alguma coisa que você quer, você tem muitas outras opções.

P.: Quais locais do comércio você costumava frequentar mais?

Flamingo foi a primeira grande confeitaria na W3, ficava na 9. A Papelaria da mãe do Bruno... A Polar. A Polar foi a primeira grande papelaria. Era tudo assim, uma grande loja na W3 Sul, que era o centro onde se encontrava tudo que precisava. Tudo, tudo se resolvia na W3, companhia de luz, companhia de água etc. Aqui onde é a Biblioteca Demonstrativa funcionava o GBT (Grupo de Trabalho de Brasília), onde tinha a distribuição de apartamentos funcionais e móveis. Você chegava e não tinha móveis, e não tinha comércio pra vender os móveis, então eles te davam estante, dava cadeira, dava mesa, era tudo distribuído naquele começo, no início dos anos 60. Era um incentivo, mesmo. Tinha a dobradinha, que era o dobro do salário pro funcionário que topasse vir e essa facilidade toda, as pessoas ganhavam muitos móveis, ganhavam muitas coisas. Em vez de supermercado, tinha cooperativas que vendiam como se fossem supermercados. Tinha a do Congresso, a do Banco do Brasil, dos institutos (porque antes do INSS cada tipo de profissão tinha um, como o IAPI, IAPT, IAPPEC, PASE...). As pessoas funcionam mais ou menos ali dentro do seu núcleo. Aí depois, com o crescimento, com a Revolução, com as mudanças na estrutura do Estado que os militares operaram, esses negócios foram se fundindo e foram surgindo outros órgãos de apoio.

Acho que a história da W3 é essa: ela no começo era muito importante. As famílias faziam o *trottoir*, a caminhada, e todo mundo ia nessa confeitaria ou em

outros lugares, ou em restaurantes, mas depois tudo foi mudando de lugar, o interesse foi se deslocando.

P.: Você lembra de eventos ou fatos marcantes que aconteciam na W3?

Lembro da Festa dos Estados, mas eu não fui na primeira Festas dos estados. A segunda foi no centro da 107, quadra onde a gente morava. A terceira já foi naquela área atrás do Cine Brasília. Aí foi virando tradicional e foi crescendo, crescendo, e foi se deslocando pra a área de hotéis norte, aí foi pra a Torre, até que foi para aqueles galpões do Parque da Cidade, onde hoje acontece a Feira Japonesa e a Feira Gaúcha... Era muito bom, todo mundo ia, todo mundo se conhecia, as pessoas faziam coisa pra vender e levavam.

Por exemplo, a Praça 21 de Abril, que é aquela que fica entre a 707/ 708 era muito importante. Tinha quermesse de igreja, de colégio lá, porque os poucos colégios particulares eram colégios religiosos: Rosário, Marista, Dom Bosco (Salesiano), Maria Auxiliadora, porque no começo não tinha essas grandes companhias de educação privada.

A gente estudava nos colégios de Ensino Médio, que era o Caseb, depois tinha o Elefante Branco, e a gente ia a pé. Naquele tempo não tinha transporte, apesar de alguns órgãos fornecerem transporte estudantil: a Câmara, o Senado (lembro desses porque eram os que eu frequentava). Mas normalmente juntava a galera e nós íamos andando pela W3. A W3 era o caminho pra chegar na escola. Atravessava a W3 e chegava ali no Caseb, que fica mais ou menos ali na 8/9, o Elefante fica mais pra a 7/8. A Escola Normal, que era muito importante, ficava atrás do Elefante. Tudo se passava pela W3. Tudo que você fazia pelo caminho, era na W3, porque o comércio aqui era muito tímido, muito pequeno.

Inclusive o trânsito mudou muito na W3. Porque antigamente não tinha os cruzamentos, ela era uma faixa contínua e depois é que foram feitos os cruzamentos e os sinais.

P.: Encontrou pessoas que fazem/ fizeram parte da sua vida na W3?

Não lembro de ninguém em especial porque a gente conhecia mais na quadra onde morava. Naquele tempo você descia pra brincar quando era criança. Você podia largar teu filho de 3, 4, 5 anos que não tinha problema. A garotada descia e

ficava solta por aí. E a gente ficava mais aqui ou no clubes. Então toda aquela rede de fim de semana, de brincar, era nos clubes mesmo. AABB, Cota Mil, late, Moto Náutica, Minas... Porque essa história de semana de terça a quinta existe desde o começo, isso nasceu com a cidade. Mas é o coração da cidade, e naquela época mais ainda. Porque naquela época mais ainda, porque aquilo que era a capital, eram esses órgãos, Câmara, Senado, Supremo. Então o pessoal chegava segunda pra terça, ia embora quinta pra sexta, e os que ficavam aqui, como o meu pai, que trouxe a família... Porque com o tempo, começou a ficar difícil, né? Não tinha avião pra sair todo mundo embora.

P.: Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Por exemplo: na época do início, como não tinha muita grama, tinha muito rodaminho e a gente chamava de lacerdinha, porque Lacerda era o governador do Rio, que era contra a transferência. E era um sujeito politicamente intratável, incomodava. Então já que incomodava, trazia poeira, sujava, então chamavam “lacerdinha”. Tudo era muito político, e não tinha governador, era prefeito. Governador só veio, se não me engano, na época do Tancredo: a gente não votava, brasiliense não votava. O prefeito era nomeado. Aí passamos a votar para governador e deputado distrital, mas foi recente, na Nova República, já.

A vida na W3 foi muito, muito importante, mesmo, mas faz tanto tempo que perdeu a importância que a gente nem lembra direito mais.

APÊNDICE H - Transcrição da entrevista de Miguel Galvão

Nome: Miguel Galvão

Idade: 36 anos

É brasiliense? (X) Não, migrei de outro local para Brasília/ para o DF

Se não nasceu em Brasília, qual o seu local de origem? Salvador/BA

Com que idade veio para Brasília? 1 anos

Quantos anos reside em Brasília? 35 anos

P.: Você frequenta ou frequentou a W3 Sul?

Sim. O Infinu completa agora, em junho, três anos aberta para o público. Porém, a relação com a W3 começou em agosto de 2019, quando a gente pegou o imóvel, ou seja, em agosto vai completar quatro anos. Eu já sou morador da W3 desde 2010. Eu comecei morando 715 norte, depois, em 2015, na 715 sul e depois, em 2018, eu estou na 708 sul. Então tem um vínculo afetivo e uma relação com a avenida já de longo prazo. Sempre morei num sistema de casa compartilhada, de comunidades, e sempre enxerguei na W3, nas 700, um ótimo lugar, facilmente acessível, muitas conveniências por perto. Acho que o estar residindo na 700 é você poder estar numa, acho que não é nem 15 minutos series, acho que um 5 minutos see, em 5, 10 minutos você chega em tudo que você precisa: escola, polícia, farmácia, restaurantes e tudo. Então, eu vim de uma área ali na 715 norte, que tinha a questão da violência, da prostituição, das drogas, muito forte, era um espaço que à noite havia uma certa insegurança sobre o convívio e hoje estou na 708 sul, que acho que é um dos lugares muito privilegiados, é uma vizinhança muito próspera. Porém continuamos a enfrentar essa dificuldade da questão da insegurança, da violência, eu enxergo as áreas muito subutilizadas, nós temos áreas de jardim nas partes de trás das casas, não digo nem o jardim privado, digo área verde, mesmo – essa área raramente é cuidada e apropriada pelos moradores. Em geral, quando você vê uma pessoa utilizando as pessoas ligam para a polícia, porque não têm o costume de ver essa área sendo ocupada.

E ppr que eu tô trazendo toda essa narrativa, primeiro como morador e depois como um propositor de ações aqui na região? É muito sobre a questão do

modelo de cidade e realidade que a gente está querendo pro lugar em que a gente mora. Infelizmente, eu acho que o Plano Piloto vem se distanciando muito do seu conceito de ser uma cidade-parque e se aproximando de um lugar de ser uma cidade-museu: uma cidade-museu do modernismo, o que sempre me gerou muita preocupação e um sentimento antagônico porque pra um museu se transformar num cemitério é mudar uma placa, né. E esse é o movimento que eu acho que a W3 vem representando nos últimos 20 anos: de uma cidade que se desconectou de uma certa realidade – as pessoas estão aqui, mas é difícil de você ver as pessoas na rua, se apropriando da rua. Quem se apropria da rua é visto com desconfiança, logo você vê uma ociosidade dos espaços disponíveis, não somente os espaços públicos, mas é também os espaços comerciais. E, ao meu ver, isso tem muito esse vínculo com essa aproximação dessa Brasília museu, em detrimento da cidade-parque.

Eu moro do lado da escola, do Jardim de Infância (na 708) que tem ali. Há seis meses atrás as pessoas estavam mandando mensagem no grupo de whatsapp da vizinhança porque corria risco da escola fechar porque não tinha quórum. Se a gente anda pelos espaços, você até vê alguns relativamente bem conservados e tudo, mas a ausência de pessoas ela dá o tom. Ao ponto de, em determinados horários, se você vê pessoas, você se sente inseguro. Eu acho que a W3 foi essa área que absorveu primeiro esse andar na contramão – eu nasci em Salvador mas sempre vivi em Brasília – e eu identifico isso num período muito vinculado com a virada dos anos 90 pros anos 2000, quando começou a ter os *shopping centers* nas cidades, começou a ter o Brasília *Shopping*, *Liberty Mall*, Pátio Brasil e tudo, e houve um direcionamento intencional do convívio para esses espaços, em que não somente você resolvia sua questão de consumo, mas também onde você resolvia sua questão de socialização, cultural etc. O que, pro Estado, sempre foi muito conveniente, porque uma vez que você entrou na porta do *shopping*, ele passa a ser responsável pela sua segurança, por tudo. Aí começa a rodar um taxímetro ali, enquanto o governo está só, de forma passiva, recebendo o dele. Então foi um modelo que eu lembro muito, quando a gente estudava no Leonardo da Vinci e se divertir era sair na sexta e no sábado, os pais deixavam no *shopping* e pegavam a gente depois. Foi havendo uma desconexão da população com esse conceito a cidade-parque. Aí acho que em meados dos anos 2000, tendo em vista as

Olimpíadas e a Copa do Mundo, houve essa movimentação de começar várias reformas das áreas públicas da cidade, então a gente pega o exemplo do Parque da Cidade, que é um espaço relativamente bem ocupado e bem conservado. Você tem vários lugares privilegiados, porém a população não está lá. Então, de maneira muito ativa eu criei, em 2012, o Picnic, muito como uma forma de se desenvolver uma experiência onde a gente pudesse levar as pessoas que estão querendo se desconectar da bolha, para uma vivência dentro da sua cidade, num espaço onde você não estava mais acostumado a frequentar. E esse “não estar mais acostumado” simplesmente não tem explicação, simplesmente se criou a cultura que o Parque da Cidade é “povão”, criou-se a cultura de que o Calçadão da Asa Norte é ponto de cracudo – e aí dentro dessas névoas, o brasileiro foi meio que deixando de lado esses espaços. Aí tem a questão do vácuo, ele vai ser preenchido. Então, quando a gente começa com o Picnic em 2012, é muito no intuito de “será que não têm pessoas que pensam diferente e será que a gente não consegue juntar essas pessoas pra pelo menos saber quem são”. E aí eu acho que fomos importantes nesse movimento de ressignificação das áreas públicas da cidade que eu acho que hoje é muito bem consolidado, mas acho que infelizmente ou com casos pontuais, como o Parque da Cidade, que realmente é um equipamento que tá dentro do DNA da cidade, o Eixão do Lazer no domingo, depois de, sei lá, 10, 15 anos hoje se consolidou, acho que existem casos pontuais muito bem consolidados, mas acho que, em geral, é tudo muito vinculado a uma ação eventual. Tem aquele Parque, no final da Asa Norte, Olhos D’Água, que é muito bem ocupado, mas assim, em geral, você vai nas quadras e não vê gente jogando bola, não vê gente nos bancos. E é gozado, porque a gente já tem uma densidade baixa e essa desconexão das pessoas com o que é público e com o que está fora, que podem ser outras pessoas, isso vai gerando uma nova forma de utilizar essa cidade. Que tem seus pontos positivos e seus pontos negativos. Então o Picnic foi se desenvolvendo, crescemos muito, essa questão de levar a economia criativa, a cultura, atividades alternativas pra esses espaços e criar uma experiência atômica pra isso permitir um vínculo e um retorno dessas pessoas a esse espaço eu acho que foi uma fase muito importante e muito bonita de Brasília que eu acho que foi essa fase que se encerrou agora com o Covid.

P.: Qual/ quais a finalidade/ finalidades do seu uso da W3 Sul?

Moradia, trabalho, diversão: sou um residente da W3 desde 2010 e da W3 Sul desde 2015 e hoje é a região onde eu habito, moro e trabalho. Hoje desenvolvemos esse espaço colaborativo que é o Infinu, que é onde eu venho trabalhar quase todos os dias. Mas também é o lugar onde eu almoço, onde eu me divirto, então hoje minha vida está muito vinculada e centrada na W3 Sul.

Antes de vir morar na W3 eu estudei no Leonardo da Vinci, então tinha esse vínculo com o final da W3 (norte). Mas assim, dos equipamentos clássicos, o Renato Russo, SESC, SESC Garagem, que fica nas 900, nunca tive muito vínculo.

P.: Quais os lugares do comércio que você mais frequenta?

Hoje é o Infinu, a Casa do Pão, o SESC também é muito parceiro, um lugar que eu vou. Manara, que abriu ali na 512 (um restaurante árabe muito bom), foi legal, saiu da Asa norte e veio pra cá, mais ou menos paralelo com a gente, acho que é um lugar legal de ir lá pra conversar, de ir lá pra ver.

P.: Quais são os fatos, eventos e momentos que se destacam nessa vivência?

Aquela tentativa do governo de fazer a abertura da avenida ao passeio foi muito marcante; tudo bem, era a época do Covid, então pode ser que as pessoas estivessem se aproveitando, se utilizando por isso, mas foi muito bacana porque estava todo mundo enclausurados, então do nada as pessoas começaram a se enxergar na rua. Vizinhos, crianças... Acho que foi um movimento muito saudável e impressionante, das pessoas se verem e cair aquele véu da coisa insegura – pelo contrário, as pessoas se sentiram bem. Porque a pessoa olhava pro lado e via alguém igual a ela, um vizinho dela, um antigo conhecido, uma pessoa que mora na quadra, não era aquela coisa de desconfiar, então isso foi muito bonito.

Em junho do ano passado a gente fez uma ação muito importante que foram as quadrilhas dançando na W3, deve acontecer esse ano novamente... Foi muito bonito, parecia um palco a avenida, então deu uma utilização diferente, com vida. Foi bem impressionante o carnaval desse ano também, foi muito marcante. O Cavalo Careta passou pela região e, nessa minha curta estadia foram marcantes.

Mas tem as negativas também; acho que tem três anos que eu estou aqui e acho que já foram oito, nove vezes acordando três, quatro da manhã com a loja

sendo arrombada e isso é muito ruim. A sensação de ser despertado... Porque aí ou era o alarme, que acionava a gente, ou o vizinho que chegou pra trabalhar do Vitamina Central (que é outro lugar super importante, super-referência aqui, e aí “cara, entraram na tua loja”, está tudo quebrado aqui. E geralmente o cara manda uma foto... Então assim, isso em mim, particularmente, tem traços até hoje. Todo dia eu acordo seis, sete da manhã pensando “será que tem um sinal de alerta, e que aconteceu alguma coisa, quebraram”... isso é algo que eu não desejo pra ninguém.

P.: Você encontrou pessoas que fazem/ fizeram parte da sua vida na W3 Sul?

No início eles receberam a gente com um pouco de estranhamento, mas depois a gente desenvolveu uma relação muito cortês, muito positiva, o Zé Carlos e o Henrique, que são da CDL, que são figuras muito tradicionais daqui, a gente tem uma ótima relação. São pessoas que eu aprendi a respeitar e aprendo bastante com eles. O Clóvis, nosso vizinho aqui do Vitamina Central, uma das pessoas mais trabalhadoras que eu já vi e um ótimo parceiro. A Anete, da Garimpeira, se transformou em uma amiga (infelizmente está de saída para São Paulo), mas tem uma visão muito bacana, de beleza e tudo. O Piauí, que é o menino que cuida dos carros aqui é um grande parceiro. Na hora que deu o Covid ele que veio ser o nosso segurança aqui, um cara que tive que levar pro hospital, que tá sempre olhando, sempre cuidando. Então virou um amigo, alguém que a gente está sempre cuidando e que está sempre cuidando da gente, que pode contar com a gente e a gente pode contar. O Carlos, dono da Casa Top, é um cara que tem uma visão muito agregadora, muito plural, então é uma pessoa que a gente gosta, e temos uma boa relação, temos amizade.

P.: Quais são os efeitos, como você foi afetado, por esses encontros e eventos acontecidos na avenida?

São muito importantes pra romper barreiras. Lá da nossa sala de casa é muito fácil de tecer preconceitos sobre o outro com base no que ele defende, com base no que ele veste, nos lugares que frequenta... E aí esses encontros, essas vivências com essas pessoas que a avenida trouxe para minha vida, foram uma lição muito grande de humanidade, de humildade. Por mais que as pessoas tenham suas idiossincrasias, suas dificuldades, são pessoas que têm seu valor, sua

beleza... Só que é muito difícil conectar com isso de uma maneira estereótipo, distante. Acho que é se relacionado, interagindo, é coconversando que a gente se toca, descobre isso. É uma forma de respeitar o outro. Infelizmente a gente está vindo de um tempo, de um cotidiano em que a gente é ensinado a ser muito julgador, crítico, mas se a gente fosse mais curioso, talvez a gente estaria numa situação de harmonia melhor, independentemente em quem ela votou a eleição.

P.: Quer acrescentar algo?

Parabenizar. Brasília é uma cidade nova, tem só 60, 62 anos, estamos aprendendo ainda em como mexer nesse organismo, é complexo. Acho que movimentos como esse, que visam trazer um caráter reflexivo, de pesquisa, de entendimento da realidade que foi, da realidade que pe e da realidade que quer que seja, acho que é um passo fundamental pra gente chegar em algum lugar juntos. Fico feliz da UnB e de ter pessoas que nem você com esse nível de interesse porque acho que isso são passos de uma construção coletiva que é muito maior. A gente que vai dar o uso disso aqui, eles entregaram alguns princípios, que eu respeito bastante, mas quem vai dar o tom é a gente. A gente precisa refletir se está indo no caminho que a gente esperava ou se tem que fazer ajustes nesse caminho.

Agora, a fase que a gente está vivendo, não dá mais pra depender só dessas experiências atômicas pra gente se fazer cidade, pra gente se fazer coletivo. Primeiro, do ponto de vista econômico é ineficiente: se toda hora eu tô montando uma estrutura, fico dois meses trabalhando uma estrutura pra esse evento de dois dias acontecer, aí depois eu desmonto tudo em três dias e aí começo a trabalhar no próximo que vai acontecer em dois meses, a gente foi somar no final do ano o quanto a gente gastava com tenda e dava pra ser uma empresa de tenda; dava pra ter o meu som, mas eu não quero ser dono de som – a gente cria experiência, a gente cria conteúdo, esse era o nosso lugar.

Não se faz cultura dessa forma tão espaçada, é muito importante ter os centros pequenos, principalmente os centros aglutinadores, por que ficou uma cidade muito à mercê e muito refém desse modelo que é mais de entretenimento, que é mais voltado ao consumo, do que um modelo de desenvolvimento comunitário voltado pra a cultura. Tanto que assim, todos os palcos são gigantes, você tem essa síndrome do Maracanã, que está muito bem refletida, inclusive, na reforma do nosso

estádio. Temos um estádio de 2 bilhões pra ficar fazendo showzinho. Eu acho que a materialização é muito explicativa, traz muita clareza pra um direcionamento de cidade. Aí nesse sentido observando essa questão da ineficiência, da dificuldade de se fazer cultura (no Picnik a gente fazia quatro vezes ao ano) de maneira pontual e tudo, a gente olha pra cidade e começa a ver um monte de vazios urbanos. Você tem o Setor Comercial Sul, um cemitério de empresa; você tem o Setor Bancário, um cemitério de banco; você tem a W3 e você vê mais de um terço, 20, 40% dela fechada. Então você começa a ver uma cidade disfuncional. Por quê?

O custo social de manter essa cidade subutilizada é gigantesco. Aqui na W3 já tem transporte público um pouco menos pior do que o restante da cidade; é mais seguro, relativamente mais seguro (com dificuldades) do que 70, 60% dos outros pontos comerciais que você tem na cidade; tem urbanização, internet de qualidade. Você já tem uma série de ativos que foram investimentos nossos, como sociedade dos nossos avós, dos nosso pais, dos nossos ancestrais, pra deixar essa malha aqui habitável que o custo disso ser subutilizado é gigante.

Então foi quando a gente falou “se a gente tá com a Picnik fazendo esse movimento meio nômade, andando pela cidade, será que talvez essa energia não seja útil e valiosas pra gente repensar a forma de utilização de alguns desses espaços ociosos?”. De maneira bem objetiva, eu comecei a pesquisar e a gente ficou dois anos na negociação dessa loja aqui. Falam muito de revitalizar, mas revitalizar pra virar o quê? A referência é sempre a Brasília de trás. W3? Fala Bibabô, Pioneira da Borracha... Super respeito a história, as conquistas, as posições, mas que negócio vai abrir hoje, como a Pioneira da Borracha, com muito funcionário, muito estoque, muita área... Tá fadado ao fracasso. Aí você começa a ver a modulação de lojas da W3, e você não acha espaço pro pequeno. É uma modulação justamente pra quem já tem fiador – já quase não precisa do imóvel, aí você consegue pegar o imóvel. Foi o caso onde eu estudei mais a fundo, porque esteticamente foi onde a gente sentiu que se aproximava mais do Picnic: Setor Comercial ainda é muito concreto, Setor Bancário também... A gente tem que estar perto das moradias, porque o que a gente quer é montar um centro de convivência, um centro cultural, onde as pessoas possam estar trocando, então a gente vai desenvolvendo tecidos. Então quando a gente achou esse espaço na 506, foi muito bom, porque pra gente é ideal que seja uma esquina, porque permite um outro tipo

de movimentação, questão de iluminação, também, a gente sabe que o brasileiro tem uma questão cultural com espaços fechados, então precisava ser uma esquina, prioritariamente em uma área sem habitações de uso misto por perto, porque o intuito era fazer a questão sonora e estamos sob uma legislação extremamente rigorosa e inexecutável, então por mais que se fizesse o revestimento que fosse pra garantir o isolamento acústico, com apartamento do lado, o cara vai se sentir incomodado com as pessoas... Então depois de muito procurar, achamos esse espaço, o dono queria fazer kitnets e a gente foi por outra linha e dissemos “vamos fazer”. Então pegamos esse imóvel com o intuito de fazer o quartel-general do Picnik, em que dentro dele precisava ter a essência do que estava no nosso projeto: gastronomia, moda, arte, música – a pessoa, ao procurar esse espaço, teria que se encontrar com isso.

Então o que a gente quis fazer, foi montar um guarda-chuva e olhar pra quem era a nossa rede: a gente via no Picnik pessoas que vendiam 10, 15 mil em um dia de evento e os clientes falavam “pô, onde eu vou na tua loja?”, “Não tem, vai ter que me encontrar em uma feira” “mas por quê?” “não tenho fiador, se eu pegar uma loja o meu contrato é só de um ano, se o negócio der certo o proprietário ou aumenta muito o aluguel ou pega a loja de mim, se eu reformo a loja inteira depois eu perco isso e fico sem nada... eu quero, mas o que tem no mercado não me atende, é pouco acessível”. E ousou dizer que ter uma vitrine no Plano Piloto, aqui em Brasília, é um dos custos mais proibitivos do Brasil, não só o custo direto do metro quadrado, do aluguel, mas tem uma série de custos auxiliares que vêm vinculados a regras, normatizações e burocracias que tiram o sangue de quem está empreendendo: o cara deixa de focar na atividade dele que é fazer um hambúrguer, desenhar uma camiseta legal, para bater perna em órgão público e “resolver pepino”, que é um pouco da nossa situação aqui até hoje, depois de 3 anos. A gente se analisou como bons resolvidores de problemas, então vamos criar um guarda-chuva em que a gente brinda a comunidade, resolve os problemas que têm fora e deixa ela operando internamente?

E aí a gente pode ter uma vitrine viva de para onde a gente acredita que tá indo uma realidade mais saudável, sustentável e equilibrada? Que é o que a gente chama da nova economia: compartilhada, colaborativa, cooperativo, socioambientalmente responsável, autossustentável, autossuficiente... então “vamos”

montar esse organismo. E casou muito bem porque já estávamos no segundo semestre do primeiro ano do governo Ibanez e ele veio muito com essa promessa de revitalização da avenida, fez algumas obras que são importantes, o brasiliense é muito vinculado à estética, você ter as ruas bloqueadas, mais limpas, podas, estacionamentos mais organizados, isso faz diferença. Aí a gente entendeu que estava num movimento propício. Chegamos numa quadra que já era mais diferenciada da W3 Sul: o Infinu agregou à 506 Sul, mas a 506 já tinha o Bar Amigão, Casa e Festa, Casa do Pão ali, o cartório ali, então assim, dentro das quadras da W3 Sul, entendo que a gente foi na que tem uma vida mais estruturada, mais latente. Embarcamos como uma força dentro desse bloco da revitalização da W3, muito porque a gente estava mostrando um modelo diferenciado: “Por que estão pegando lojas gigantescoas? Por que não faz lojas menores pras pessoas? É menos coisa pra ela cuidar”...

Demos sorte porque estava no começo desse programa “Adote uma Praça”, a gente foi a primeira ou a segunda empresa a adotar um espaço. Aí a gente falou “Faz sentido gastar milhões aqui no meu espaço e não gastar nada na área pública que é vizinha... Eu vou ficar esperando o governo vir aqui botar piso, iluminação, lixeiro...? Não faz sentido”.

Simultaneamente teve uma facilidade de eu ter entrado na Câmara Empresarial de Economia Criativa junto à Fecomércio, onde eu sou vice-presidente, e ter assumido essa articulação dessa frente privada junto ao GDF, sobretudo a SeGov, onde a gente colocou “Muito importante essa movimentação que vocês estão fazendo, mas existe uma questão de conceito. A gente está revitalizando pra quê? Pra quem? qual é a função que essa área, essa região vai desempenhar na cidade?” Porque se tiver uma função, cê vai lá na Rua das Farmácias, não tem uma loja [vazia] lá. Não estou dizendo se eu gosto ou não gosto, mas cumpre a função. A gente sempre trouxe muito esse questionamento e quando a gente olha a W3 Sul e olha como um mapa, você tem agentes históricos muito importantes. A gente sempre teve muito essa preocupação, desde o Picnik, em fazer essa ligação com o referencial do que tinha antes. Aí você tem um SESC na 504 Sul e você tem um Renato Russo na 508 Sul. No caminho você passa, na 507, pelo antigo Cine Cultura, que era um cinema, que acho que fechou no final dos anos 80, tem a Biblioteca Demonstrativa, que acho que reabriu no ano passado – uma biblioteca

importante, pra quem é de concurso, pra quem precisa estudar, que é essa aqui do lado, uma biblioteca bem tradicional. Passando agora você tem o Infinu, depois tem o SESC, várias academias de dança... Aí a gente começa a entender que nesse microtrecho, existe um direcionamento, que foi o que a gente propôs: “Por que entre a 504 e a 508 a gente não desenvolve um corredor cultural? Onde atividades, empreendedores, empresas que tenham esse direcionamento, essa vocação, elas se sintam bem-vindas nessa localidade?”. Isso é economia de aglomeração, economia de escala, muito mais perto, muito mais fácil estar tudo perto. Esse, vamos dizer, foi o sonho.

E colocamos “Vamos desenvolver a nossa parte aqui, a gente entende que a forma de utilização dos equipamentos, das unidades, dos imóveis, ela deve ser repensada, em questão de escala, de acesso... Ela tem que ser repensada, a forma como tá aí, com tamanha vacância, então é porque tem alguma coisa errada”. O que a gente quis fazer foi apontar um jeito nosso, dizer “Olha, moro há 30 anos nessa cidade, moro há 10 anos na W3, mexemos com cultura e e mexendo desse jeito aqui, pode ser que a gente tenha uma resposta diferente”. E acho que o Infinu vem sendo uma dessas forças, de mostrar que dá pra fazer diferente.

P.: Já é possível enxergar impactos da Infinu na região?

Sim, hoje a gente tem um encontro que acontece bimestralmente, em parceria com o SESC, onde a gente traz atividades pra a W3 em que esse trecho entre a 504 e a 506 fica aberto pro passeio e a gente oferece atividades culturais na rua, de graça, pra a população e tal. Aconteceu ano passado e nesse ano SESC quis renovar – um dos players mais importantes da avenida se identificando e chegando para desenvolver uma história juntos. Acho que nesse ponto. Ali na 507 abriu uma lojinha chamada Colabora Mix, que também é de esquina, colaborativa, já está movimentando alguma coisa. No antigo Cine Cultura, que é da Secretaria de Turismo, eles já estão pensando em lançar um edital para fazer algo nessa linha do que foi o Infinu, e tudo.

Então assim, seria leviano falar que não está acontecendo, mas as expectativas é que fosse um pouco mais rápido, que tivesse mais quantidade, só que a gente enfrenta barreiras que talvez sejam da própria Asa Sul. A gente tem uma população mais idosa, uma população muito conservadora, que agora já

começa a fazer parte do nosso dia-a-dia, de entender. Tem morador que acha que isso que a gente está fazendo é errado, que o certo era “deu” 19h, não ter ninguém na rua, não ter nada na rua, se ele quiser ele pega o carro dele e vai para um restaurante, entra no restaurante e come e volta – eles não conseguem ainda perceber que esse é o modelo que [ocasional] que fique cheio de cara no estacionamento do supermercado vendendo droga, que fique cheio de “cracudo”... A cidade depois das 23h, meia-noite, tomada. Aqui na Asa Sul, depois das 23h, é forte isso, é mais fácil comprar uma pedra de crack do que comprar um pedaço de filé mignon.

Aí volta ao início da nossa conversa, sobre a reflexão de que cidade, que capital é essa que a gente tá construindo, tá desenvolvendo. Porque aqui o metro quadrado é caríssimo, nível de qualificação ou de formação das pessoas deve ser um dos mais altos do país e a gente tem essa cidade que à noite você fica com medo de andar. Acho que isso tem muito vínculo com esse caminho que é desvincular dessa cidade-parque – em que você cultiva nos parques, não é de dentro do apartamento, olhando para os parques e achando bonito.

E esse movimento disso aqui ser uma praça pública, chamada a Praça das Avós, que é importante frisar, tem a utilização não-exclusiva, ou seja, qualquer pessoa compra uma água, um refrigerante lá no mercado e vem sentar aqui, vai poder sentar aqui. Não é obrigado a comprar da gente para estar usufruindo desse espaço. Agora a gente dá facilidades para que ele possa comprar aqui, é mais simples. Isso proporciona um vínculo das pessoas, esse espaço, onde elas vão, elas vêem coisas diferentes, encontram pessoas diferentes, elas entendem pessoas diferentes: “Eu tô sendo atendido por uma pessoa trans e não é nada daquilo que me contaram no *Whatsapp* da família ou no blog”... sabe?.

A gente precisa trazer Brasília pra esse convívio de normalidade porque essa segmentação burocrática, onde eu vou pra minha casa, pro meu trabalho, pra minha academia, pro meu clube... Cara, a gente tá convivendo só com os mesmos, e isso não está tornando nossa realidade mais rica, pelo contrário. O Infinu é essa tentativa de se conectar com esse princípio da cidade que é a diversidade e a riqueza. Não estou falando que é melhor, estou falando que o que mede a riqueza da nossa nação, ao meu ver, é como a gente consegue botar tamanha diversidade, em teoricamente uma certa harmonia. Em outros lugares o pessoal não pode nem ficar

no mesmo bairro. eu acho que quanto mais a gente olha pra isso e tenta se vincular a isso de uma forma harmoniosa, positiva, mais a gente tira o positivo disso. Quanto mais a gente tenta negar isso, mais vão aparecendo coisas monstruosas. Não é a gente parar de ter vida, de ter gente se divertindo, que vai fazer o pessoal parar de consumir droga na rua, pelo contrário.

A gente está querendo inspirar as pessoas e falar que tem outros tipos de diversão, outras formas de socializar, de se conectar. A percepção que eu tenho é que a gente está nesse momento de transição de cidade, não sei se para reforçar essa cidade-museu ou se para retomar a cidade-parque. Confesso que estamos no meio dessa batalha. Uma coisa que eu posso dizer: estar no front, ter um organismo como esse é muito trabalhoso, é muito difícil, a gente sofre muita retaliação, muita denúncia, a gente é muito perseguido. Mas hoje eu venho de um trabalho de amadurecimento pessoal de desapegar, de entender – eu acredito que a cidade é um organismo vivo, ela escolhe o que é melhor para ela, o que ela quer pra ela. Ela tem que ter inteligência de fazer o filtro, de saber o que ela quer que floresça e o que ela não quer que floresça. Aqui as pessoas podem ter certeza que temos milhões de dificuldades, temos muitas coisas a melhorar, mas as pessoas que estão aqui estão dando o coração, acreditam em Brasília, estão buscando fazer diferença, ajudar no desenvolvimento, mas pra chegar num lugar novo, a gente não vai reeditar e fazer isso aqui como era...

Outro dia tivemos uma discussão na rádio da questão dos ladrilhos das tesourinhas, dos azulejos que saíram, e as pessoas, aquele negócio, e “como assim?”. Isso é fetiche. Vamo pensar o que a gente pode colocar de novo, prototipar uma solução diferente. Só ficar chorando o leite derramado... Aqui na W3 fizeram uma reforma e muita gente reclamou do tirar a pedra portuguesa, que diminuiu o tamanho e tudo... Faz a calçada da sua casa de pedra portuguesa pra você ver a manutenção, o trabalho semiescravo que é quando precisa trocar... O mundo está mudando, e infelizmente, Brasília tentando ser uma cidade-museu, e não uma cidade-parque, está perdendo competitividade. As pessoas podem achar mais divertido morar em outro lugar, as pessoas que agregam, que fazem a diferença, que provocam mudanças... esse tem sido uma constatação, infelizmente, depois que a Picnik fez 10 anos no ano passado, então a gente está muito nessa bandeira de que você constrói a sua realidade aqui, pode ser o melhor lugar, mas 10, 11 anos

depois, muito prósperos, muitas vitórias, muitas alegrias – é uma região muito conservadora. Dentro do condomínio a gente leva as coisas muito pra a forma e não pro conteúdo das coisas, as pessoas falam muito do ladrilho da tesourinha do preservar essa cidade... Eu tento muito sempre pensar em quais são os princípios?

Aqui temos um problema: quando terminamos nosso movimento os moradores dos prédios mais próximos reclamam que as pessoas vão conversar no pilotis. Poxa, você pagou por isso, quisesse outro modelo, fosse pro Cruzeiro... Aí tem também a questão dos parquinhos, de não deixarem as crianças de fora brincarem porque foi o condomínio que pagou a reforma... Acho que é bem sintomático... Acho que não está tendo muito espaço pra gente se preocupar com o ladrilho, que deve ter sua função, esteticamente etc. Mas onde a gente investe a nossa energia nessas discussões têm outras questões que realmente garantem a essência disso aqui, que é diversidade, que é mistura, as pessoas poderem fazer parte, a gente está apequeninando nisso aqui e virando essa cidade meio fantasma, elitista.

APÊNDICE I – Transcrição da entrevista com Paula Lemos

Nome: Paula Lemos

Idade: 64 anos

É brasiliense? (X) Não, migrei de outro local para Brasília/ para o DF

Se não nasceu em Brasília, qual o seu local de origem? Rio de Janeiro/ RJ

Com que idade veio para Brasília? 2 anos

Quantos anos reside em Brasília? 62 anos

P.: Frequenta ou já frequentou a W3 Sul?

Muito. Tinha as lojas... Fofi, Bibabô, Campineira (que vendia doces), o Correio (que era um Correio importante), banco, posto de saúde, loja de material de construção, que era a Casa do Barata, muita coisa importante, frequentei muito. E como a cidade era muito vazia, a gente criança ganhava mesada e ia gastar na W3 nessa Campineira.

P.: Atualmente, com que finalidade frequenta a avenida W3 Sul?

Eu gosto muito de usar a W3. Atualmente 'tá tendo uma obra que atrapalha um pouco, mas é um caminho que eu gosto muito de fazer de carro, e ainda uso muitos serviços na W3: cartório, tem aquela loja "Casa dos parafusos", tem vários comércios que eu recorro. E tem esse lugar novo, bonitinho, que quando a minha filha veio eu levei, tomei um café com ela, porque é uma ideia muito legal de trazer de volta uma vida à W3. Eu acho que é um lugar muito bom também pra ter serviços, porque é isso, tem o transporte.

P.: No passado, com que finalidade frequentava a avenida W3 Sul?

O comércio, mas a W3 também era muito um centro de resolver, encontrar as pessoas, então era um centro movimentado. Hoje em dia é mais deserta, ficou abandonada. Mas antigamente era muito movimentada.

O serviço médico era na W3, o IAPB... quase tudo era na W3, era o lugar mais importante. Inclusive esses becos, que nem esse que você viu que tá super bonito, todos eles têm um quiosque no meio, que era muitos sapateiro, paneleiro...

nos fundos da banca de revista, banca de jornal; de frente, virada para a W3, eram bancas de revistas, e a parte de trás tinha outra coisa, esses paineleiros, sapateiros, vários tipos de serviço. Estava no setor hospitalar na quarta-feira, ali perto do Santa Lúcia, e fui estacionar fora porque o estacionamento lá é caríssimo. Eu estacionei na W2 e passei por um que foi transformado num restaurante, vazado, da W3 até a W2, de comida brasileira e nordestina... Bem arrumadinho, bem bacaninha. Quer dizer, inovações, né?

P.: Você tem lembranças de eventos ou fatos na W3 Sul?

O que eu colocaria mais seriam essas coisas culturais. Tinha o Cine Cultura e a Escola Parque tinha um teatro, muita coisa acontecia na Escola Parque, que também dá ali pra a W3. Então eu me lembro de eventos mais por ali... Na Praça 21 de Abril tem uma escolinha de Jardim da Infância, que ele foi criado, pelo que eu entendi, em 59, pela Caixa Econômica. Hoje em dia ele é da rede pública, mas foi feito para atender os filhos dos funcionários da Caixa Econômica.

De pessoal o que eu mais me lembro era o posto de saúde, que tomava as vacinas, me lembro de muitas campanhas: varíola... Aí ficavam aquelas filas naquele posto da 108.

P.: Você encontrou pessoas que fazem/ fizeram parte da sua vida lá?

Lembro de encontrar muitas pessoas.

P.: Gostaria de acrescentar alguma coisa?

Tem um lugar que chegou depois da minha infância, que chamava Galpãozinho, que acho que hoje chama Espaço Renato Russo, na 508, que fica ali do lado da Escola Parque, que tem um teatro bom, então também frequentei muito esse lugar. Já faz um tempo que eu não vou, mas é um lugar que tem uma gibiteca, tem um bom teatro... Então, eu tenho muitos boas recordações da W3.

Mas é isso, antigamente, qualquer evento, todo mundo se encontrava. Nós, aqui do Plano Piloto, pelo menos. Usávamos os serviços públicos, estudamos nas escolas públicas até uma altura boa... O ensino era excelente porque as pessoas que vieram no começo, por livre e espontânea vontade, acreditavam nessa utopia de uma cidade maravilhosa, com um excelente ensino.

A gente usava hospital público, que também era de boa qualidade, e todo mundo se conhecia, porque era pouca gente. Tinha as Festas dos Estados, então todo mundo se encontrava na festa ou na Igrejinha... na própria W3. Brasília era um grande canteiro de obras, nós vimos plantar grama, fazer as covas para plantar as árvores. No começo tinha os “graminhas”, que eram os guardinhas que vigiavam pra gente não pisar na grama. Tinha os esguichos, então a gente botava maiô e tomava banho nos esguichos enquanto estavam molhando a grama. Também era muito mais frio, porque tinha muito menos asfalto e construção.